

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS
COMPARADOS DE LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

JULIANA PRIMI BRAGA

Entre dois mundos:

a loucura feminina nos romances **A Louca de Serrano**, de Dina Salústio, e **O alegre canto da perdiz**, de Paulina Chiziane

Versão corrigida da tese conforme Resolução CoPGr 6018, de 13/10/2011.

SÃO PAULO
2013

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS
COMPARADOS DE LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

JULIANA PRIMI BRAGA

Entre dois mundos:

a loucura feminina nos romances **A Louca de Serrano**, de Dina Salústio, e **O alegre canto da perdiz**, de Paulina Chiziane

Versão corrigida da tese conforme Resolução CoPGr 6018, de 13/10/2011.

Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (Área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) como requisito parcial à obtenção do Grau de Doutor em Letras.

Orientadora: Professora Doutora Simone Caputo Gomes

SÃO PAULO
2013

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

B896e Braga, Juliana Primi
Entre dois mundos: a loucura feminina nos romances A Louca de Serrano, de Dina Salústio, e O alegre canto da perdiz, de Paulina Chiziane / Juliana Primi Braga ; orientadora Simone Caputo Gomes. - São Paulo, 2013.
139 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa.

1. Literatura de Expressão Portuguesa (África).
I. Gomes, Simone Caputo, orient. II. Título.

DEDICATÓRIA

Para Ana Maria,
mulher, mãe, inspiração.

Para Luiz Fernando,
ainda Shakespeare:
“For as the sun is daily new and old,
So is my love still telling what is told”.

Para Leticia e Vítor.
Eis por quem vivo.

Para Nelson,
de quem herdei o amor pelos livros.

Para Lélia,
minha primeira contadora de histórias.

Para Ana Luiza e Priscilla,
irmãs de corpo e alma.

AGRADECIMENTOS

À Nossa Senhora Aparecida, pela “paz nos desventos”.

À professora Simone Caputo Gomes, por ser amiga, mãe, orientadora, pelas leituras pontuais e, principalmente, por ter me motivado a enveredar pelos caminhos da literatura cabo-verdiana.

À Dina Salústio, por ter, gentilmente, concedido a entrevista.

À Paulina Chiziane, pela oficina ministrada no Centro Cultural São Paulo, que muito contribuiu para este trabalho.

Às professoras Érica Antunes Pereira e Rosangela Sarteschi, pela leitura atenta do relatório de qualificação e pelas preciosas sugestões.

Aos professores do Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa que de alguma forma contribuíram para a realização desta tese.

Aos amigos que conquistei no Doutorado, Érica e Genivaldo, que comigo estarão por toda a vida.

Aos colegas de Doutorado: Avani, Cida, Cláudia, Elisangela, Fátima, Gisele, Irinéia, Jaqueline, Mantovani, Pedro, Sônia e Sueli, pelos momentos de descontração.

Ao meu marido, Luiz Fernando, e aos meus filhos, Letícia e Vítor, pelas repetidas manifestações de amor e por terem aceitado minha ausência em muitos momentos.

Aos meus pais, Ana Maria e Nelson, e às minhas irmãs, Ana Luiza e Priscilla, pelo amor sem fim.

À minha família do coração, Aroldo, Guiomar, Toni, Luciana, Fernando, João, Ivonete, Ramon, Manolo, Márcia, Herivelto e Carol, pelo estímulo e amizade.

Aos meus familiares, Lélia, Izaura, Célia, Neuza, Rose, Ivone, Andréa, Cristina, Vasco, Nathália, Felipe e Bruno, pela torcida.

Aos meus sobrinhos e afilhados, presentes de Deus: Gabriel, Tomás, Clara, Mariana, Isabella, Leonardo, Diego, Luca, Alice, Anne, Liz, Pedro e Valentina, por espalharem felicidade.

Aos amigos da vida inteira: Giovana, Serginho, Eila, Laís, Daniella, Cris, Adriana, Vanilson, Rafa e Clarissa, pelo apoio e carinho.

À Marta, que tão bem cuidou do meu filho para que eu pudesse me dedicar à elaboração desta tese.

Ao querido Herivelto, pelos maravilhosos diálogos sobre loucura, filosofia e literatura.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela bolsa concedida.

Consegui meu equilíbrio cortejando
a insanidade.

Renato Russo

BRAGA, J. P. Entre dois mundos: a loucura feminina nos romances **A Louca de Serrano**, de Dina Salústio, e **O alegre canto da perdiz**, de Paulina Chiziane. 2013. 139f. Tese (Doutorado) FFLCH – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

RESUMO: A literatura de autoria feminina nas sociedades pós-coloniais é considerada por Gayatri C. Spivak um processo metonímico da saga das mulheres usado como ferramenta de denúncia, que possibilita a quebra de mitos e preconceitos há muito reforçados pelo discurso patriarcal. Dentre as mulheres que encontraram sua voz e se fizeram ouvir, deixando de ser consideradas apenas informantes nativas das histórias orais de sua cultura, merecem destaque as cabo-verdianas Dina Salústio, Vera Duarte, Fátima Bettencourt, Orlanda Amarílis e Dulce Almada Duarte, e as moçambicanas Paulina Chiziane e Lília Momplé. O objetivo desta tese é investigar nos romances **A Louca de Serrano** e **O alegre canto da perdiz**, de Dina Salústio e Paulina Chiziane, respectivamente, como se constrói a temática da loucura, representada pelas mulheres africanas (e personagens) Louca de Serrano e Maria das Dores (louca do rio), que pode ser compreendida como uma voz carregada de solidão, dor, negação, rebeldia e inconformismo e como marca de resistência à marginalização feminina nas e pelas práticas sociais hegemônicas.

Palavras-chave: Literatura cabo-verdiana, Literatura moçambicana, Dina Salústio, Paulina Chiziane, feminino, loucura, romance.

BRAGA, J. P. Between two worlds: the female insanity in the novels **A Louca de Serrano**, by Dina Salústio, and **O alegre canto da perdiz**, by Paulina Chiziane. 2013. 139p. Thesis (Doctorate) FFLCH – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

ABSTRACT: The female literature in the post-colonial societies is considered by Gayatri C. Spivak as a process of metonymic saga of women used as a complain instrument, which allows the myths and the prejudices failure a long time reinforced by the patriarchal discourse. Among the women who found her voice and spoke up, no longer considered as only native informants of oral histories of their culture deserve mention the Cape Verdean Dina Salústio, Vera Duarte, Fátima Bettencourt, Orlanda Amarilis and Dulce Almada Duarte, and the Mozambican Paulina Chiziane and Lilia Momplé. The objective of this work is to investigate in the Dina Salústio's and Paulina Chiziane's novels **A Louca de Serrano** and **O alegre canto da perdiz**, respectively, how the insanity theme is built, represented by the african women (and characters) Louca de Serrano and Maria das Dores, which can be understood as a voice full of loneliness, pain, denial, rebelliousness and nonconformism and as a resistance mark to the women marginalization into and by the hegemonic social practices.

Keywords: Cape Verdean Literature, Mozambican Literature, Dina Salústio, Paulina Chiziane, feminine, insanity, novel.

LISTA DE SIGLAS

- A PONTE - Associação de Promoção da Saúde Mental
- ACTIVA - Associação das Mulheres Empresárias e Executivas
- ADOCA – Associação das Donas de Casa
- AMEPCV – Associação de Mulheres Empresárias e Profissionais de Cabo Verde
- AMJ - Associação Cabo-verdiana de Mulheres Juristas
- AMODEFA - Associação Moçambicana para a Defesa da Família
- AMRU - Associação da Mulher Rural
- APD - Ajuda Pública ao Desenvolvimento
- CEDAW - Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher
- CNAM - Conselho Nacional para o Avanço da Mulher
- CNDHC - Comissão Nacional de Direitos Humanos e Cidadania
- CNOMCV - Comissão Nacional Organizadora das Mulheres de Cabo Verde
- DPMAS - Direcções Provinciais da Mulher e Coordenação da Acção Social
- FRELIMO - Frente de Libertação de Moçambique
- ICF - Instituto da Condição Feminina
- ICIEG - Instituto Cabo-Verdiano para Igualdade e Equidade de Género
- INE – Instituto Nacional de Estatística
- IVG - Interrupção Voluntária da Gravidez
- MORABI - Associação de Apoio à Auto-Promoção da Mulher no Desenvolvimento
- MpD – Movimento para a Democracia
- MULEIDE - Mulher, Lei e Desenvolvimento
- NOW - Organização Nacional para as Mulheres
- NUWSS - *National Union of Women's Suffrage Societies*
- NWSA - *National Woman Suffrage Association*

OMCV – Organização das Mulheres de Cabo Verde

OMM - Organização da Mulher Moçambicana

OUA - Organização da Unidade Africana

PAIGC - Partido Africano para a Independência da Guiné e de Cabo Verde

PNADHC - Plano Nacional de Ação para os Direitos Humanos e a Cidadania em Cabo Verde

PNAM - Plano Nacional de Acção para o Avanço da Mulher

PNLP - Plano Nacional de Luta Contra a Pobreza

PNSM - Programa Nacional de Saúde Mental

REDEMEC - Rede de Mulheres Economistas

RENAMO - Resistência Nacional Moçambicana

RMP – CV - Rede de Mulheres Parlamentares Cabo-verdianas

SADC - Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral

UFSM - União Francesa para o Sufrágio das Mulheres

WILDAF - *Women and Law for the Development in Africa*

WLSA - *Women and Law in Southern Africa Research Trust*

WSPU - *Women's Social and Political Union*

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS	12
CAPÍTULO I	
LOUCURA: ÉPOCAS, LUGARES, DISCURSOS	
1.1. Discursos sobre a loucura na Antiguidade	22
1.2. A loucura na Idade Clássica: uma leitura de Foucault	36
1.3. Loucura feminina: histeria	45
CAPÍTULO II	
AS MULHERES E OS OUTROS; AS MULHERES E O MUNDO: o feminismo, as mulheres e a sociedade	
2.1. O Feminismo	51
2.2. Filhas do sol: as mulheres cabo-verdianas e seus papeis na sociedade	65
2.3. De corpo, alma e capulana: as mulheres moçambicanas e seus papeis na sociedade	83
CAPÍTULO III	
A LOUCURA FEMININA NAS LITERATURAS CABO-VERDIANA E MOÇAMBICANA	
3.1. A Louca de Serrano, de romance homônimo	101
3.2. A louca do rio, de O Alegre Canto da Perdiz	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	127
ANEXO	137

CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Investigar as culturas cabo-verdiana e moçambicana pelas vozes de Dina Salústio e Paulina Chiziane, respectivamente, corresponde a um apelo pessoal de compreensão da trajetória desses países para o progresso social e econômico que se tem mantido estreito, devido aos limites impostos pela escassez dos recursos naturais, pelas secas persistentes (no caso de Cabo Verde), pela guerra civil (no caso de Moçambique), pelos precários recursos financeiros e tecnológicos e pelo ambiente desfavorável à imigração.

Conhecer o cotidiano desses povos, constituídos de africanos anônimos de mãos corajosas e solidárias, que se equilibram na tênue linha entre o salário e a sobrevivência na constante busca pelo pão, é uma oportunidade que a leitura dos textos literários escolhidos para *corpus* desse trabalho proporciona(ra)m, além de poder perceber, para além das belas paisagens, as mulheres que olham a linha do espaço circular com a paciente espera pela liberdade, essa liberdade que ainda se faz verso de uma canção desconhecida.

Durante os anos da minha infância, quando brincava nas ruas de um bairro residencial em São Paulo, algumas personagens do cotidiano, da vida real, especialmente aquelas que guardavam em torno de si uma aura de mistério, despertavam em mim e nas outras crianças sentimentos de medo, curiosidade, compaixão e tristeza. Eram os “loucos de rua”, como o Aposentado e o Polô, andarilhos, figuras da liberdade, tripulantes da **Nau dos Insensatos**, cujo percurso de vida oscilava entre a loucura, o ócio e a mendicância.

É dessa loucura solta, não institucionalizada, que escapa da psiquiatria, do hospício, que perambula, seja pelas áreas urbanas, seja pelas rurais, que Dina Salústio e Paulina Chiziane tratam em seus romances. Ela é apresentada ao leitor, em ambos,

por uma mulher, solitária, aparentemente sem família e desprovida de bens materiais - um misto de insana imprudente e mendiga.

O conhecimento que se tem hoje sobre as ações pela libertação da mulher é que o Feminismo aparece como movimento social no final do século XIX, tornando possível a valorização dos momentos iniciais dessa luta¹ — contra os preconceitos primários, como o direito de aprender a ler e escrever, por exemplo, reservado até então ao gênero masculino –, e tem como meta, até os anos 1960, o paradigma de **igualdade**. Uma década depois, as feministas radicais tentam eliminar o sistema patriarcal que supõe a inferioridade feminina e a superioridade masculina. Nos anos 80, aquela definição de igualdade é reformulada, passando a ser relacionada ao sentido de **afirmação da diferença**. Mais tarde, a busca pela identidade e desejo femininos substitui essa igualdade, exaltando a urgência em se querer encontrar a própria marca.

Em Cabo Verde, embora homens e mulheres gozem de igualdade, como por exemplo, na letra da Constituição, no campo político, ela não passa de mera formalidade. Às mulheres ainda são reservadas as responsabilidades referentes aos cuidados da casa e dos filhos. Além disso, a discriminação sofrida por elas restringe o uso pleno de direitos e liberdades nas esferas econômica, política, social e cultural.

Desse modo, desde a independência nacional, na Primeira e Segunda Repúblicas, surgem várias instituições e associações de mulheres que se ocupam da igualdade entre os gêneros, cabendo destacar: a Organização das Mulheres de Cabo Verde (OMCV), governamental, fundada em 1981 e composta por mulheres que tiveram participação no processo de luta pela independência cabo-verdiana (hoje organização não-governamental); a Associação de Apoio à Auto-Promoção da Mulher

¹ DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. **Revista Estudos Avançados**. São Paulo, n. 49, v. 17, p. 151-172, 2003.

no Desenvolvimento (MORABI), criada em 1992; a Comissão Nacional de Direitos Humanos e Cidadania (CNDHC), em 1993; o Instituto Cabo-Verdiano para Igualdade e Equidade de Gênero (ICIEG), anteriormente designado Instituto da Condição Feminina (ICF), em 1994; e a Rede de Mulheres Parlamentares Cabo-Verdianas (RMP-CV), em 2002.

No campo literário, a **Revista Mujer**, editada pela OMCV, destacava-se dentre os periódicos, por divulgar nomes como Vera Duarte, Dina Salústio, Orlanda Amarílis e Dulce Almada Duarte, que puderam assim divulgar seus escritos.

Bernardina de Oliveira Salústio² nasceu em Santo Antão, Cabo Verde, em 27 de março de 1941. Assistente social, professora e jornalista, trabalhou também em Angola e Portugal. Em 1994, recebeu o primeiro prêmio em literatura infantil em Cabo Verde e, neste mesmo ano, publicou a coletânea de contos **Mornas eram as noites**. Membro da Associação dos Escritores Cabo-verdianos, participou na antologia poética **Mirabilis de Veias ao Sol** e na coletânea **Cabo Verde: Insularidade e Literatura. A Estrelinha Tlim Tlim**, obra infanto-juvenil, e o romance **A Louca de Serrano** foram editados em 1998. **O que os olhos não veem**, em coautoria com Marilene Pereira, também infanto-juvenil, foi publicado em 2003. Em 2009, lançou seu mais recente romance, intitulado **Filhas do vento**. Além destes, Dina Salústio é também autora de textos nas revistas **Mujer**, **Ponto&Vírgula**, **Fragmentos**, **Fragata**, no suplemento **Voz di Letra** e no jornal **A Semana**.

Sua ficção dá voz ao silêncio das mulheres cabo-verdianas, sejam prostitutas, alcoólatras, intelectuais ou não intelectuais, como ressalta a escritora em entrevista³ a Simone Caputo Gomes (1994):

² Referências biográficas extraídas do livro **Mornas eram as Noites**.

³ Entrevista concedida em novembro de 1994, na cidade da Praia.

As histórias acontecem ao sabor do vôo. Falo das mulheres intelectuais, daquelas que não são intelectuais, daquelas que não têm nenhum meio de vida escrito, falo da prostituta, falo de todas as mulheres que me dão alguma coisa, e que eu tenho alguma coisa delas [...]. Em Cabo Verde, quando nasce uma menina, ela já é uma mulher.

Tal preocupação é evidente nos contos de **Mornas eram as noites**, que trazem à tona questões sobre a problemática feminina, como a liberdade da mulher (adiada ou assumida), a loucura, a bruxaria, a bebedeira, o lesbianismo, a prostituição, a maternidade precoce, a violência conjugal, o abuso e a prostituição infantil e a pedofilia⁴. Em **Filhas do vento**, a festa de lançamento do perfume *Winds* (“ventos”, em inglês) causa o encontro de mulheres com histórias de vida diversas, nas quais as fragilidades humanas, como o abandono de um filho e a traição amorosa, ganham destaque.

O romance **A Louca de Serrano**, primeiro de autoria feminina em Cabo Verde, representa um marco na literatura cabo-verdiana contemporânea, também por ser um livro sobre mulheres. Mulheres que sofrem a dor da esterilidade, como Maninha; mulheres que lutam contra os tabus, como Gremiana; mulheres que não encontram no casamento a realização amorosa, como Filipa; e mulheres que enfrentam a discriminação, como Fernanda.

Ademais, são abordadas questões relevantes sobre a loucura, a tradição, a modernidade e o preconceito, tendo como espaço a imaginária Serrano, onde se desdobram os mais inusitados acontecimentos.

Em Moçambique, a luta pelos direitos femininos é a luta pelos direitos humanos por melhores condições de vida, por mais justiça e maior igualdade de

⁴ GOMES, Simone Caputo. Echoes of Cape Verdean Identity: Literature and Music in the Archipelago. In: LEITE, Ana Mafalda (org.). **Cape Verdean: language, literature & music**. Dartmouth: Portuguese Literary & Cultural Studies, University of Massachusetts Dartmouth, 2003, p. 273-275.

oportunidades entre homens e mulheres. Assim, desde o final dos anos 1980 e, sobretudo, a partir dos anos 1990, nascem várias associações voluntárias não-governamentais, dentre as quais: a AMODEFA (Associação Moçambicana para a Defesa da Família), datada de 1989; a ACTIVA (Associação das Mulheres Empresárias e Executivas), de 1990; a AMRU (Associação da Mulher Rural), de 1991; a ADOCA (Associação das Donas de Casa), de 1992; a MULEIDE (Mulher, Lei e Desenvolvimento), 1991; e o Fórum Mulher – Coordenação para Mulher no Desenvolvimento, de 1993.

No que tange à literatura feminina moçambicana, pouquíssimos são os nomes hoje representativos no cânone: Noémia de Sousa (1926-2003), cuja poesia foi publicada somente em 2001, pela Associação dos Escritores Moçambicanos, e Lília Momplé (1935) que, ao lado de Paulina Chiziane, compõem o cenário da literatura moçambicana feita por mulheres.

Paulina Chiziane tece em seus escritos sua voz misturada à voz de outras moçambicanas. Nascida a 4 de junho de 1955, na província de Gaza, Moçambique, iniciou as atividades literárias na imprensa, em 1984, e seu primeiro livro, **Balada de amor ao vento**, foi publicado em 1990. Frequentou o curso de Linguística na Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo, mas não o concluiu.

Considerada a primeira romancista moçambicana, ela prefere se definir como “uma contadora de histórias”⁵, já que sua inspiração vem “dos contos à volta da fogueira”, sua “primeira escola de arte”.

Ventos do apocalipse, seu segundo romance, foi inicialmente editado em Maputo, em 1995, pela própria autora, e em 1999, pela Editorial Caminho, que também é a editora responsável pelos romances seguintes: **O sétimo juramento**

⁵ Palavras de Paulina Chiziane em apresentação feita pela Editorial Caminho, em 09 Nov. 1999.

(2000), **Niketche: uma história de poligamia** (2002), **O alegre canto da perdiz e As andorinhas** (ambos em 2008) e o recente **Na mão de Deus** (2012), em coautoria com Maria do Carmo da Silva. Vale mencionar que **Niketche** foi publicado também pela editora brasileira Companhia das Letras, de São Paulo, em 2004.

Em **Balada de amor ao vento**, deparamo-nos com uma narrativa baseada na vida de Sarnau, moça que vive no meio rural, de raízes culturalmente ancestrais, em que os rituais, a poligamia, as crenças e superstições são palavras de ordem, fazendo parte de sua realidade⁶. Abandonada grávida pelo ex-seminarista Mwando (que toma a decisão de se casar com a bela Sumbi, rica e cristã), após uma história de amor cheia de palavras e esperanças, ela se desespera, tenta o suicídio e acaba abortando. Aos poucos, volta à rotina familiar. A vida de Sarnau, no entanto, muda quando ela é escolhida para ser a primeira esposa de Nguila, herdeiro da tribo dos Zucula, em troca do lobolo de 36 vacas, dado à sua família.

Mesmo defrontando-se com situações que entram em desarmonia com seus desejos e aspirações, a personagem nada contesta em relação aos valores instituídos:

A voz parecia vir das profundezas da terra e até assustou os mochos e corujas com o seu ribombar. É o meu marido que me chama. Regressei voando, coloquei-me de joelhos perante o meu soberano, baixei os olhos como manda a tradição [...].

(CHIZIANE, 2003, p. 55)

O tom moralizador do texto evidencia-se nas questões relacionadas aos casamentos tribal e cristão: enquanto Nguila assina a certidão de casamento, Sarnau imprime a digital no papel; por outro lado, Mwando adora e protege Sumbi, e esta o

⁶ SILVA, Patrícia; SILVA, Solange. A escrita no feminino e a escrita feminista em *Balada de Amor ao Vento* e *Niketche: uma história de poligamia*. In: MATA, Inocência L. S. e PADILHA, Laura Cavalcante. **A Mulher em África: Vozes de uma margem sempre presente**. Lisboa: Colibri/Centro de Estudos Africanos – FLUL, 2006, p. 522.

humilha, exigindo bens materiais muito além do valor que a situação financeira de ambos pode arcar.

Ventos do apocalipse revela a dor, a morte e a miséria deixadas pela guerra civil em Moçambique. Ao lado disso, a autora problematiza a condição da mulher africana em relação ao seu papel na sociedade e à “realidade de seu mundo com todos os seus prazeres, mágoas, tristezas e frustrações”⁷.

Em **O sétimo juramento**, podemos verificar as constantes dualidades do povo moçambicano, que vive dividido entre o passado (tradição) e o presente (modernidade), a magia negra e a magia branca. O conflito central se dá entre um homem e uma mulher, aspecto interessante na obra da escritora, que costuma primar pelo feminino como papel de destaque.

Niketche: uma história de poligamia nos traz a história de Rami, protagonista e narradora em primeira pessoa do romance mais estudado de Paulina Chiziane. Ao longo dos quarenta e três capítulos, a personagem relata as agruras e as alegrias de seu relacionamento com o marido polígamo e de sua vivência com as outras quatro esposas dele.

Nessa espécie de depoimento ficcional sobre a poligamia e a condição da mulher na sociedade moçambicana, Chiziane elucida aquilo que tanto Rami como as outras personagens femininas e a própria autora, de forma implícita, expressam: a poligamia tradicional ganha nova roupagem ao funcionar como uma prática escondida na sociedade contemporânea patriarcal monogâmica.

O recém-publicado **Na mão de Deus** traz o drama de Alice, a partir dos relatos dos sintomas físicos e psíquicos que a encaminham à psiquiatria. Achando-se louca e

⁷ LABAN, Michel. **Moçambique: Encontro com Escritores**. Porto: Fundação Engenheiro Antônio de Almeida, 1998, p. 229.

sem ser compreendida por seus familiares e amigos, a personagem busca o autoconhecimento espiritual, que lhe revela o despertar da mediunidade.

O alegre canto da perdiz trata da história de vida de Delfina, mulher bonita, “uma negra daquelas que os brancos gostam”, que é também a história de vida da mulher africana, da “apocalíptica perda do sonho”, convidando o leitor a visitar os montes Namuli, a cidade do Gurué e a Zambézia, e a conhecer os mais diferentes mitos de origem matricial africana.

Apresentadas sinteticamente as autoras e suas produções, o objetivo desta tese é realizar uma leitura comparativa entre os romances **A Louca de Serrano**, de Dina Salústio, e **O alegre canto da perdiz**, de Paulina Chiziane, a fim de investigar como se constrói a temática da loucura, representada pelas mulheres africanas (e personagens) Louca de Serrano e Maria das Dores (louca do rio).

Para examinar o *corpus* escolhido com mais profundidade e poder compartilhar mais estreitamente com o leitor a fruição dos textos literários objeto de estudo, optou-se por facilitar-lhe o acesso ao horizonte de referências que as obras oferecem à recepção, dando a conhecer os contextos em que se inserem as obras de Dina Salústio e Paulina Chiziane. Para tanto, **História Concisa de Cabo Verde**, de Emília Madeira Santos, aos volumes de **História geral da África**, editados pela Unesco, ao livro **A history of Mozambique**, de Malyn Newitt, além da obra de José Luís Cabaço, **Moçambique: identidade, colonialismo e libertação**, que tratam da trajetória histórico-política de Cabo Verde e Moçambique, bem como da construção das identidades naqueles países.

Com Michel Laban e seus volumes de **Cabo Verde: Encontro com Escritores** e **Moçambique: Encontro com Escritores**, é possível verificar como se

processam as séries literárias cabo-verdiana e moçambicana e o papel da escritura feminina nessas literaturas.

A respeito do feminino, são imprescindíveis as obras de Simone de Beauvoir, Gayatri C. Spivak, Judith Butler e Michelle Perrot. Especificamente para os estudos sobre a trajetória feminina em Cabo Verde e Moçambique, fazem-se necessários os livros de Catherine Coquery-Vidrovitch, **Les Africaines. Histoires des femmes d’Afrique noir du XIX au XX siècles**, de Simone Caputo Gomes, **Cabo Verde: literatura em chão de cultura**, de Signe Arnfred, **Sexuality and Gender Politics in Mozambique. Rethinking gender in Africa** e de Ana Elisa de Santana, **Eu mulher em Moçambique**. Os relatórios do Instituto de Estatística dos países em questão, da ONU e da UNESCO servirão de suporte para este assunto.

A fim de aprofundar a temática da loucura, central ao *corpus* selecionado, será tomada como base, predominantemente, a **História da Loucura na Idade Clássica**, de Michel Foucault, além das obras dos filósofos gregos (Platão, Aristóteles), de Freud e de Charcot. Também será necessário buscar auxílio a estudos críticos mais recentes desenvolvidos sobre as literaturas cabo-verdiana e moçambicana por pesquisadoras como Simone Caputo Gomes, Christina Ramalho e Rita Chaves.

A respeito da metodologia de apresentação do texto da tese, a opção foi por dividi-la em três capítulos (além das considerações introdutórias e finais), organizados conforme descrito abaixo.

O primeiro capítulo, **Loucura: época, lugares, discursos**, contemplará o estudo das faces que a loucura adquiriu através dos tempos, desde a Antiguidade grega — de Homero a Aristóteles —, passando pelas percepções de Foucault sobre as experiências da loucura na Idade Clássica, até chegar às históricas e ao momento

psicanalítico de Freud. Este capítulo não pretende identificar uma teoria unificada da loucura. Tem a intenção de propor uma reflexão, a partir de escritos de várias épocas da história, a respeito dos excluídos, dos diferentes, daqueles que habita(ra)m o território da alienação.

No segundo capítulo, intitulado **As mulheres e os outros; as mulheres e o mundo: o feminismo, as mulheres e a sociedade**, será realizado um breve histórico sobre o Feminismo, com o intuito de verificar como as teorias feministas foram recebidas em Cabo Verde e Moçambique. No entanto, a ênfase recairá na pesquisa sobre o papel das mulheres nas sociedades moçambicana e cabo-verdiana, em suas variadas ações, seja no trabalho doméstico, seja no extra-doméstico. Ainda será demonstrado que, transitando entre os espaços privado e público, as mulheres desejam escrever sua história na sociedade, não sucumbindo à invisibilidade e à exclusão.

No terceiro capítulo, **A loucura feminina nas literaturas cabo-verdiana e moçambicana**, a construção do discurso literário como espaço de manifestações será analisada, de modo a permitir um entendimento sobre a loucura feminina, a partir da análise dos romances **O alegre canto da perdiz** e **A Louca de Serrano** e de suas personagens.

Esperamos que este trabalho possa contribuir de modo significativo para as pesquisas até hoje realizadas acerca da loucura feminina, do feminino e da escrita literária de autoria feminina em Cabo Verde e Moçambique, constituindo um empenho para a redução da marginalização das mulheres nas e pelas práticas sociais hegemônicas.

CAPÍTULO 1

LOUCURA: ÉPOCAS, LUGARES, DISCURSOS

1.1 DISCURSOS SOBRE A LOUCURA NA ANTIGUIDADE

Na Grécia pré-socrática, não havia uma preocupação com a realidade íntima do homem. Os valores primordiais eram os materiais (riqueza, poder) e aqueles relacionados ao físico (beleza, vigor, saúde). Na **Ilíada**, Aquiles, ao entregar a “fresca e bela” Briseida aos arautos, sente-se indignado pela perda de sua “propriedade”:

[...] E entrega-lhes Briseida fresca e bela,
 Que os seguiu pesarosa à esquadra Argiva.
 Só, carpindo-se, Aquiles na espumante
 Beira ficou-se; o ponto azul esguarda,
 As palmas tende e à boa mãe recorre:
 “De curta vida, ó Tétis, me pariste;
 Sequer me engrandecesse o Altipotente;
 Mas ele não me outorga a menor glória.
 Em meu despeito o soberano Atrida
 Arrebatou-me o prêmio e dele goza.
 (HOMERO, 2010, p. 61-62)

São vagas as concepções a respeito da alma neste período: a única função da *psyche* é de deixar o corpo humano (PESSOTTI, 1995). É um espírito, equivale à alma (*anima*) e longe está de atrelar-se à sabedoria, de ser o *eu consciente* que nos ordena — “conhece-te a ti mesmo” —, tese adotada por Sócrates séculos mais tarde.

Na Antiguidade grega, a loucura, como obra da desrazão, da perda da consciência, é justificada por ser decisão dos deuses ou de Zeus. Todos os episódios insólitos, inclusive os aceitos pela sociedade, são resultado de capricho divino. Isso só muda durante o século V, com o iluminismo grego, quando o racionalismo de origem socrática deixa sua marca nas obras.

Na tragédia de Sófocles, a fim de impedir que Ajax matasse Agamêmnon, Menelau e outros chefes, Atena, deusa da razão, leva-o à loucura. O herói, enfurecido, mata um rebanho, pensando que assassinava seus chefes gregos:

ATENA

Eu o contive. Espalhei sobre seus olhos
a ilusão solerte de um triunfo horrível
e o dirigi assim para vossos rebanhos,
presas de guerra ainda à espera da partilha,
entregues aos vossos guardadores de bois.
Ele precipitou-se sobre os animais
fazendo uma carnificina pavorosa
entre as chifrudas reses enquanto avançava.
Em seu delírio, ora lhe parecia que
aprisionava os dois atridas e os matava
com suas próprias mãos, [...].
(SÓFOCLES, 2009, p. 78)

Ao recuperar a lucidez, Ajax se sente tão perdido e humilhado que comete o suicídio:

ÁJAX

Ah! Trevas, toda a minha luz! Ah! Érebo!
esplendoroso para mim. Levai-me
para viver convosco! Sim! Levai-me!
Já não sou digno de elevar os olhos
à procura da ajuda dos bons deuses
e até dos homens!... Veio atormentar-me
e mata-me, a filha de Zeus supremo,
deusa dotada de grande poder.
Que terra ainda me receberá?
Onde procurarei refugiar-me
se minha boa fama, amigos meus,
morreu com as vítimas mortas por mim,
e se eu sou condenado a um triunfo
cuja conquista me leva à loucura?
(*Ibidem*, p. 95)

Escrita por Ésquilo, a trilogia **Oréstia**, composta por **Agamêmnon**, **Coéforas** e **Eumênides**, tem como personagem central Orestes, filho de Clímnestra e Agamêmnon, sujeito a crises de loucura e sempre amparado por seu fiel companheiro

Pílades. Também merece destaque Cassandra, filha de Príamo e amada de Apolo, de **Agamêmnon**. Presenteada por Apolo com a vidência, a jovem troiana produz o discurso da verdade sagrada, do contato direto com o divino, o qual é direcionado a um coro de argivos, ou seja, de pessoas para quem ela é uma desconhecida. Por isso, suas visões são postas num grau distante, de alheamento, conforme trecho abaixo:

CASSANDRA
 Apolo! Apolo dos caminhos! Perco-me!
 Por onde me encaminhas? A que lar?
 CORIFEU
 À casa dos Atridas; se não percebeste,
 é hora de saber; e não dirás que minto.
 CASSANDRA
 Sim, detestada pelos deuses, cúmplice
 de numerosas decapitações,
 de fratricídios estarrecedores,
 ensangüentado matadouro de homens!
 CORIFEU
 Essa estrangeira mais parece um cão de caça
 a farejar; a trilha há de levá-la a mortes. [...]
 CASSANDRA
 Ai! Infeliz de mim! Destino atroz!
 É a torrente de meu sofrimento
 que soluçando ponho nas palavras!
 Por que me conduziste até aqui?
 Para morrermos juntos? Ai!... Por quê?
 CORO
 Estás alucinada e certamente
 alguma divindade te domina;
 entoas um canto desencantado,
 tal como o pardo rouxinol tristonho
 chorando interminavelmente “Ítis”,
 “Ítis”, por toda a desolada vida.
 (ÉSQUILO, 2010, p. 57-61)

Ainda sobre a personagem, sua vidência também é retratada por Eurípides em **As Troianas**. Castigada por Apolo por repudiar seu assédio, Cassandra é detentora da verdade, mas seu discurso é ausente de persuasão, não crível por seus interlocutores, numa espécie de linguagem ininteligível entre ela e os outros:

HÉCUBA

[...] Ah! Minha filha! Nunca eu poderia – nunca ! –
 imaginar que tuas bodas se fariam
 em meio às lanças e às espadas dos argivos.
 Dá-me este archote; não consegues segurá-lo
 erecto em tua agitação, em teu delírio.
 Tão grande golpe fez-te até perder o senso
 e não espero que recobres a razão.

CASSANDRA

Menos agitada

[...] Conduze-me ao esposo meu e se pareço
 medrosa ou relutante, usa a força e leva-me.
 Se Apolo é deus e tem poderes, Agamêmnon,
 o rei, terá em mim esposa mais funesta
 que Helena; [...]

Há, todavia, certas previsões fatais
 de tal maneira torpes que é melhor calar;
 não falarei da arma que decepará
 o meu pescoço e outro; não mencionarei
 o matricídio que estas núpcias causarão
 e a destruição total da casa dos Atridas. [...]

SEGUNDO CORIFEU

Discorres com prazer e ris de tuas mágoas.
 O teu destino evidencia a falsidade
 desse discurso lúcido e conservador.
 (EURÍPIDES, 2007, p. 185-189)

Apesar de suas perturbações mostrarem uma ruptura com a realidade que a cerca, parecendo figurar na esfera da possessão dionisíaca, Cassandra não é castigada por Apolo com a loucura, mas com a desmoralização diante do grupo social (coro), que não acredita em suas palavras.

Nas duas últimas tragédias que compõem **Oréstia**, os conflitos de Orestes e o arrebatamento de sua loucura resultando no assassinato de sua mãe aparecem como temas dominantes. A personagem divide-se entre obedecer à imposição de Apolo (de vingar a morte de seu pai) e aceitar as agruras do destino a que estará condenado caso desobedeça este deus; hesita entre o amor e o ódio pela mãe, entre a atração e o respeito por sua irmã Electra (PESSOTTI, 1995):

ORESTES

Tu me relembra essa infâmia enorme,
irmã querida, mas se as divindades
quiserem ajudar-me a golpear
com minhas próprias mãos a nossa mãe
ela nos pagará; matá-la-ei,
embora tenha de morrer por isso!
(ÉSQUILO, **Coéforas**, 2010, p. 110)

ORESTES

[...] Esse famoso rei morreu ingloriamente
no dia em que, depois de terminada a guerra,
voltou vitorioso ao lar. A minha mãe,
levando a termo seus desígnios tenebrosos,
atreveu-se a matá-lo depois de envolvê-lo
numa rede tecida em cores variadas,
que ainda existe para ser um testemunho
do crime pérfido dentro de uma banheira.
Após um longo exílio regressei à pátria
e matei minha mãe - não negarei o fato -
para punir a morte de meu pai querido.
Tão responsável quanto eu pelo homicídio
é o próprio Apolo, cujo oráculo veraz
para incitar meu coração mostrou-me as penas
que eu sofreria se não quisesse cumprir
as suas ordens para punir os culpados.
Decide tu se meu ato foi justo ou não;
estou em tuas mãos; haja o que houver comigo
aceito resignadamente o veredicto.
(ÉSQUILO, **Eumênides**, 2010, p. 167-168)

Atormentado pelas Fúrias — encarregadas de castigar os crimes — e pela ordem de Apolo (*daimon*), Orestes é mergulhado numa situação cruel e extrema, em que a *mania*⁸ se manifesta, acarretando o matricídio:

ORESTES

[...] matei a minha mãe e com muita razão.
Ela matou meu pai e personificava
a máxima impureza, execração dos deuses;
quanto aos estímulos que me deram audácia,
o mais eficiente foi um deus – Apolo,

⁸ Neste caso, *mania* não se refere àquela citada por Sócrates, ao discordar do discurso de Lysias sobre o amor: “os antigos, inventores dos nomes das coisas, não consideravam a loucura como desprezível ou desonesta. Deram eles à arte de prever o futuro o nome de *maniké*, *mania*, considerando-a como uma dádiva dos deuses, um bem.” (PLATÃO, 2007, p. 80). Aqui, ela se apresenta não como um presente divino, mas como resultado da ira de Apolo.

o deus de Pito -; ele mesmo me revelou
 que se eu agisse assim não seria culpado;
 mas se deixasse de cumprir as suas ordens...
 - não posso revelar o nome do castigo:
 o alcance de uma flecha seria menor
 que os sofrimentos reservados para mim. [...]
 Não são simples fantasmas que me atemorizam;
 vejo-as muito bem! Elas estão ali!
 São as cadelas rábidas de minha mãe! [...]
 Apolo, meu senhor! Ei-las ali, olhando-me,
 em número incontável e sempre crescente!
 Goteja de seus olhos sangue repugnante!
 (ÉSQUILO, *Coéforas*, 2010, p. 139)

Diferentemente de Orestes, Fedra, personagem da tragédia grega **Hipólito**, de Eurípides, ao se apaixonar pelo enteado Hipólito, revela uma transformação relevante em relação ao enfoque dado à loucura até então: a crise ou o conflito que a desencadeia é interior — como um drama pessoal em que a paixão se mostra irresistível e proibida —, não é produto de uma exigência transcendente, embora, às vezes, Fedra se refira a um deus, como no excerto abaixo, onde ela cita Cípris (ou Afrodite):

FEDRA
 [...] Explicarei o que ocorreu com minha mente
 Desde que me feriu o amor imaginei
 os meios de enfrentá-lo com mais dignidade.
 De início, quis calar para ocultar meu mal,
 pois nem a própria língua é digna de confiança
 se ela se esmera em expressar racionalmente
 os pensamentos, logo atraí sobre si mesma
 terríveis males. Em seguida pretendi
 suportar dignamente minha inquietação,
 vencendo-a pela sensatez. Quando notei
 que minha resistência não domava Cípris
 eu quis morrer (a melhor decisão, sem dúvida).
 Se honrosa, que minha conduta não escape
 a outros olhos, e a vergonha tenha apenas
 o mínimo de testemunhas. Eu sabia
 que essa conduta e esse mal me infamariam.
 Sabia eu ainda que, sendo mulher,
 me tornaria o alvo da aversão geral.
 Pareça vítima de inúmeras desgraças
 toda mulher que decidir antecipar-se
 a macular um dia o leito nupcial!
 (EURÍPIDES, 2007, p.112)

Como Fedra, Medéia, protagonista da tragédia homônima escrita por Eurípides, enfrenta com realismo sua angústia interior. Tomada por um terrível desejo de vingança, não se detém diante do infanticídio, para alcançar seu objetivo: aniquilar a vida do marido que a traiu. Sua loucura se dá ao sobrepor a sede de vingança ao amor materno.

MEDÉIA

Vamos, Medéia! Não poupes recurso algum
de teu saber em teus desígnios e artificios!
Começa a marcha para a tarefa terrível!
Chegou a hora de provar tua coragem!
Não vês como te tratam? Não deves pagar
um tributo de escárnio ao himeneu do sangue
de Sísifo com um Jáson qualquer, Medéia,
filha de um nobre pai, tu, da raça do Sol!
Tens a ciência e, afinal, se a natureza
fez-nos a nós, mulheres, de todo incapazes
para as boas ações, não há, para a maldade,
artífices mais competentes do que nós!
(idem, p. 35)

As primeiras obras do poeta, especialmente **Hipólito** e **Medéia**, são contaminadas pelo racionalismo de origem socrática. Encenadas em 431 a.C. e 428 a.C., respectivamente, essas tragédias versam sobre a loucura causada pelo descontrole da paixão. Vale ressaltar que, aqui, o descontrole e a paixão são reconhecidos pela razão. Dessa forma, mesmo que algum personagem se dirija a algum deus poeticamente durante seu delírio, Eurípides aborda a loucura como um estado de desequilíbrio psicológico da natureza humana.

Tal conceito também é apresentado por Hipócrates, fundador da ciência médica, a partir da doutrina dos quatro humores⁹: “sangue”, “fleuma”, “bílis amarela” e “bílis negra”. Cada um deles possui qualidades: o sangue é úmido e quente, a

⁹ Nos escritos de Hipócrates, não há definição sistemática do número de humores.

fleuma, fria e úmida, a bÍlis amarela, seca e quente e a bÍlis negra, seca e fria. Os diferentes tipos fisiológicos são definidos pela predominância de um desses humores: sanguíneo, fleumático, bilioso ou colérico e melancólico.

O homem está sadio quando há uma harmonia entre esses humores e seus correspondentes, e doente quando ocorre algum desequilíbrio entre eles. Vejamos o que propõe Hipócrates (HIPÓCRATES, 2010, p. 7):

1. As mudanças de estação causam doenças, e durante as estações, podem ocorrer bruscas alterações, tanto de calor quanto de frio.
2. Tipos fisiológicos (temperamentos?): alguns são bem-ou-mal-adaptados para o verão e alguns para o inverno.
3. Doenças e idades: algumas delas são bem-ou-mal-adaptadas às diferentes épocas, locais e tipos de alimentação.
4. Quando, no mesmo dia há calor e frio, doenças típicas de outono devem ser esperadas¹⁰.

O gráfico abaixo¹¹ ilustra os humores e seus correspondentes:

Qualidade	Seca e fria	Seca e quente	Úmida e fria	Úmido e quente
Humor	BÍlis negra	BÍlis amarela	Fleuma	Sangue
Estação	Outono	Verão	Inverno	Primavera
Temperamento do homem	Temperamento melancólico	Temperamento bilioso	Temperamento fleumático	Temperamento sanguíneo
Predisposição para doenças	Disposição às doenças diatésicas	Disposição às doenças biliosas	Disposição às doenças catarrais	Disposição às doenças sanguíneas

¹⁰ 1. The changes of the season mostly engender diseases, and in the seasons great changes either of heat or if cold.

2. Of natures (temperaments?), some are well-or-ill-adapted for summer, and some for winter.

3. Of diseases and ages, certain of them are well-or-ill-adapted to different seasons, places, and kinds of diet.

4. In the seasons, when during the same day there is at one time heat and another time cold, the diseases of autumn must be expected.

¹¹ Adaptado de REALE, Giovanni. **História da Filosofia: filosofia pagã antiga**. São Paulo: Paulus, 2003, p. 128.

De acordo com a teoria hipocrática, a interferência divina não explica as doenças, como mencionado em “On the Sacred Disease”:

Se, mesmo quando houver alimentação, a doença se agravar, ainda que o indivíduo seja curado sem ter se alimentado corretamente, isso não é causa dos deuses; tampouco de purificações de quaisquer espécies. [...]

Assim, aqueles que tentam curar doenças dessa forma (por meio de purificações) dão-me a impressão de não levarem em conta o sagrado ou o divino. Pois, quando as doenças são curadas por purificações, isso significa a cura pela mão do homem. Então, a causa de cura não é divina, mas humana¹².

(idem, p. 261)

Na Antiguidade grega, o “mal sagrado” era a epilepsia, considerada uma das formas da loucura, pois era vista como um fenômeno de causas não-naturais e, portanto, resultado de uma intervenção divina (REALE, 2003). Para Hipócrates, a epilepsia, por proceder de um descompasso no sistema de humores, apresenta-se como uma doença orgânica e, como tal, nada tem de sagrado. Por isso, o médico condena aqueles que praticam a cura coribântica¹³ da loucura e outros purificadores, classificando-os como “feiticeiros” e “charlatães” o que não impede a continuidade dessa prática no cotidiano grego:

Aqueles que apelam aos deuses para a cura de doenças parecem ser feiticeiros, charlatães, que se dizem excessivamente religiosos e mais sabidos que os demais. Essas pessoas, então, usam a religião como

¹² But if these things, when administered in food, aggravate the disease, and if it be cured by abstinence from them, godhead is not the cause at all; nor will purifications be of any avail, but it is the food which is beneficial and prejudicial, and the influence of the divinity vanishes. Thus, they who try to cure these maladies in this way, appear to me neither to reckon them sacred nor divine. For when they are removed by such purifications, and this method of cure, what is to prevent them from being brought upon men and induced by other devices similar to these? So that the cause is no longer divine, but human.

¹³ A cura coribântica consistia na cura da loucura pelo ritual de dança orgiástica, realizado pelas Coribantes (curandeiras) _ inspiradas por um deus _, e acompanhado de tímboles e flautas. A loucura era “exorcizada” por meio da catarse suscitada pela loucura coletiva, porém, nem toda perturbação podia ser aliviada. Caso não houvesse resultado, o louco deveria recorrer a um outro deus. (PELBART, 2009, p. 34)

pretexto para esconder sua incapacidade de fornecer qualquer tipo de assistência. Dessa maneira, adotam um tipo de tratamento que é seguro para elas mesmas, através de purificações e encantamentos, forçando a privação de banhos e de alguns tipos de alimento prejudiciais aos doentes¹⁴.

(*Ibidem*, p. 260-261)

A cura da loucura estaria então na aplicação de uma terapia que expulsasse o acúmulo de bílis e outros humores do cérebro combinada às mudanças de alimentação e hábitos. Com as alterações no modo de vida, restabelece-se a harmonia humoral. Os tipos de delírio e os distúrbios comportamentais são colocados em segundo plano, importando apenas enquanto sintomas das disfunções humorais.

Esta “patologização” da loucura surge como uma alternativa confortável para a questão da responsabilidade ética, política e jurídica pelas consequências individuais e sociais da loucura. Por outro lado, reflete uma postura laica diante dela. Postura que perderá a força progressivamente até a época do Renascimento, diante da propagação do cristianismo (PESSOTTI, 1995).

Ao perceber a dependência entre corpo e alma — unidos pela medula¹⁵, Platão vai além da visão hipocrática que restringe a doença ao corpo. Para ele, a alma está dividida em três partes¹⁶: uma superior (cabeça), a alma racional (*logistikon*); e as outras, inferiores, irracionais: a primeira residindo no coração, lugar da coragem, a

¹⁴ They who first referred this malady to the gods appear to me to have been just such persons as the conjurers, purificators, mountebanks, and charlatans now are, who give themselves out for being excessively religious, and as knowing more than other people. Such persons, then, using the divinity as a pretext and screen of their own inability to afford any assistance, have given out that the disease is sacred adding suitable reasons for this opinion, they have instituted a mode of treatment which is safe for themselves, namely by applying purifications and incantations, and enforcing abstinence from baths and many articles of food which are unwholesome to men in diseases.

¹⁵ Para Platão, a quantidade de medula presente nos ossos determina o nível de inteligência de um determinado indivíduo: [...] He who has the seed about the spinal marrow too plentiful and overflowing, like a tree overladen with fruit, has many throes, and also obtains many pleasures in his desires and their offspring, and is for the most part of his life deranged, because his pleasures and pains are so very great; his soul is rendered foolish and disordered by his body; yet he is regarded not as one diseased, but as one who is voluntarily bad, which is a mistake. (2004, p. 56)

¹⁶ “you of course remember, I said, that by separating out three forms in the soul we figured out what justice, moderation, courage, and wisdom each is”. (1991, p. 183)

alma afetiva-espiritual (*thumoeides*), e a segunda, no fígado, lugar dos desejos, a alma aperitiva (*epithumetikon*). E, apesar de separadas anatomicamente, elas são interligadas.

As doenças da alma resultam de alterações no corpo e são chamadas pelo filósofo de desrazão. Estas se dividem em loucura e ignorância. Quando o homem é acometido pela ânsia de fazer prevalecer os desejos de seu corpo, ele não é capaz de ver ou ouvir com a razão e, por isso, não alimenta sua alma de conhecimentos, tornando-se ignorante.

Tal é a forma como as doenças do corpo surgem; os distúrbios da alma, que dependem do corpo, originam-se conforme segue. Devemos reconhecer as desordens da mente como sendo escassez de inteligência, existindo dois tipos, a saber: a loucura e a ignorância. Em qualquer situação, o homem experimenta uma delas; dores e prazeres em excesso são as maiores doenças das quais a alma é responsável. Um homem que está deprimido, em sua ânsia de alcançar a felicidade e se livrar da tristeza, não é capaz de ver ou ouvir com a razão; ele é louco e incapaz de usar a razão¹⁷.

(PLATÃO, 2004, p. 251)

Para efeito de esclarecimento, essas doenças da alma (resultantes de distúrbios no corpo) serão denominadas “loucura física”, a fim de não causar equívoco em relação à qualificação atribuída por Platão à loucura inspirada pelos deuses — loucura divina, sobre a qual exporemos a seguir.

¹⁷ Such is the manner in which diseases of the body arise; the disorders of the soul, which depend upon the body, originate as follows. We must acknowledge disease of the mind to be a want of intelligence; and of this there are two kinds; to wit, madness and ignorance. In whatever state a man experiences either of them, that state may be called disease; and excessive pains and pleasures are justly to be regarded as the greatest diseases to which the soul is liable. For a man who is in great joy or in great pain, in his unseasonable eagerness to attain the one and to avoid the other, is not able to see or to hear anything rightly; but he is mad, and is at the time utterly incapable of any participation in reason.

À sombra de um plátano, Sócrates, desafiado por Fedro a dissertar sobre o amor de forma “bela e verdadeira”, melhor do que havia feito Lysias¹⁸, dá início ao seu discurso, tomado por recordações de Safo e Anacreonte, qualificando a loucura (*mania*) de forma categórica:

Platão, por sua vez, não nos fala de qualquer loucura, mas da loucura divina.

O início deve ser: não foi verídico este discurso ao dizer que, apesar de se ter um amante, é prudente conceder mais favores ao não-apaixonado porque aquele é louco, enquanto que este possui discernimento. Isto seria verdade se a loucura fosse apenas um mal; mas, na verdade, porém, obtemos grandes bens de uma loucura inspirada pelos deuses.

(2007, p. 79)

Inspirado pelo *daimon* – a “voz divina”, espécie de sortilégio, de proteção contra o perigo e as experiências negativas (REALE, 1997) -, Sócrates classifica as formas de loucura divina, relacionando cada uma delas a uma divindade: a loucura profética (Apolo), relacionada aos presságios, em que “[...] a profetisa de Delfos e as sacerdotisas de Dodona prestam grandes serviços às pessoas e aos estados da Grécia quando estão em delírio” (PLATÃO, 2007, p. 80); a loucura dos rituais e cerimônias (Dionísio), afirmando que “[...], ao delírio que se deveram as purificações e os ritos misteriosos que preservaram dos males atuais e vindouros o homem [...] revelando-lhe, ao mesmo tempo, o meio de se libertar desses males” (p. 81); a loucura poética, das Musas, quando o delírio “[...] atinge uma alma virgem e pura, transporta-a para

¹⁸ Trechos do discurso de Lysias, onde é possível notar que aqueles que cedem aos que não amam, ou seja, à sensatez, são mais bem sucedidos do que aqueles que cedem aos amantes, ou seja, à loucura: “[...] Os amantes, de fato, ao saciarem a sua concupiscência arrependem-se das vantagens que ofereceram, ao passo que, para os que não amam, nunca chega o momento em que teriam motivos para o arrependimento. [...] Lembra-te de que os apaixonados julgam que todos os invejam, assim como eles têm inveja uns dos outros; são por isso orgulhosos e contam a todos que seus esforços não foram vãos. Aqueles a quem a paixão não cega, preferem, porém, o bem da união amorosa à fama que a mesma pode ter perante esses homens. Além disso, toda gente pode reconhecer o amante reparando na maneira pela qual segue o amado, a maneira pela qual o persegue e se esforça para possuí-lo. Quando os vemos a conversar, podemos saber se já deram ou se estão prestes a dar satisfação aos seus desejos”.

um mundo novo e inspira-lhe odes e outros poemas que celebram as gestas dos antigos e que servem de ensinamento às novas gerações” (p. 81); e a loucura erótica, da beleza (Afrodite), que conduz ao Hiperurânio, ao mundo das Ideias: “de todos os entusiasmos este é o melhor e da mais pura origem; saudável para quem o possui e dele participa. Quem delira assim, ama o que é belo e chama-se amante” (p. 86).

Anos mais tarde, Aristóteles retoma a teoria hipocrática dos quatro humores, modificando a condição da bílis negra: entendida por ele como uma mistura de calor e frio, poderia tornar-se muito quente ou muito fria. O calor em excesso produziria excitação, acessos de loucura, êxtase; o frio em excesso, apoplexia, melancolia, pânico, torpor.

Ademais, complementa a subdivisão platônica da alma, apontando para a existência de outras partes: a vegetativa, que pertence às plantas e a todos os animais; a intelectual, responsável pela capacidade de raciocínio, pensamento, opinião; e a desiderativa, relacionada à nutrição, procriação e satisfação com o corpo, podendo ser denominada “apetites” (*epithumia*). Às plantas pertence somente a propriedade nutritiva (nutrição e reprodução); aos animais que se locomovem e aos homens pertencem as propriedades vegetativa e desiderativa (sendo que aos homens cabe ainda a intelectual), em que o desejo é “apetite, impulso e vontade” (idem, p. 68).

Dentre os seres dotados de sensibilidade, uns se deslocam e outros não; uns dispõem de pensamento e outros não. Os animais irracionais, por exemplo, são capazes de se mover por serem capazes de desejar, pois a estes não é dado o pensar¹⁹

¹⁹ Cabe ressaltar que Aristóteles se contradiz ao relacionar o movimento (produzido pela alma) dos animais à escolha e ao pensamento: “Demócrito pronuncia-se de modo semelhante: as esferas indivisíveis, que, pela sua natureza, não podem nunca permanecer em repouso, arrastam e movem o corpo todo. Mas nós havemos de perguntar-nos se são estes mesmos átomos esféricos que produzem também o repouso; como o fariam, é difícil dizer, ou mesmo impossível. E não é, de todo, assim que a alma parece mover o animal, mas sim mediante algum tipo de escolha e pensamento”. (2010, p. 44). Em *Ética a Nicômaco* (ARISTÓTELES, 1984, p. 85), associa o poder de escolha ao pensamento: “[...] nem tudo que é voluntário parece ser objeto de escolha. [...] De qualquer forma, a escolha envolve um princípio racional e o pensamento. Seu próprio nome parece sugerir que ela é aquilo que colocamos diante das coisas”. É possível que o filósofo tenha usado esses termos num sentido amplo, prejudicando a sua compreensão.

(ARISTÓTELES, 2010). Da alma sensitiva provêm o movimento de deslocação, o visível, o audível e os demais sentidos; da alma racional, o pensamento, a inteligência e a racionalidade.

Além da divisão das partes da alma, Aristóteles reflete acerca das *aretés* — termo grego que pode ser traduzido como “excelências” ou “virtudes” — em quase todo o livro II de **Ética a Nicômaco** (1984), qualificando-as como excelências intelectuais (vinculadas à parte racional da alma), cujos exemplos são a sabedoria, a inteligência e a sagacidade, e morais (vinculadas à parte desiderativa), que podem ser a bondade, a amizade, a justiça, a amizade. Quando a parte desiderativa da alma segue os conselhos da razão, age de forma virtuosa; quando é totalmente contrária a ela e resiste aos seus conselhos, age de forma viciosa.

As excelências morais são hábitos adquiridos ao longo da vida e exigem a consciência do ato em si, estando distantes do saber técnico. Devem despertar a prática do bem, não o bem ideal e inatingível de Platão²⁰, mas aquele possível, alcançável pelo homem, a fim de encontrar a felicidade.

Nessa busca pela felicidade, cada ação e cada paixão podem vir acompanhadas de prazer — por causa dele “praticamos más ações” (ARISTÓTELES, 1984, p. 69) — ou de dor — por causa dela “nos abstermos de ações nobres” (idem). Desse modo, a prudência (*phrónesis*) — determinada pelas ordens da razão_ surge como elemento primordial para se evitar os extremos (excesso e falta). A loucura, “estado excessivo” (*Ibidem*, p. 164) que é, opõe-se à “reta razão” (p. 168) ao permitir que seus portadores sejam levados por impulsos e desejos.

²⁰ Aristóteles (1984, p. 62) contesta a Teoria das Ideias (ou Teoria das Formas) de Platão, “Seria melhor, talvez, considerar o bem universal e discutir a fundo o que se entende por isso, embora tal investigação nos seja dificultada pela amizade que nos une àqueles que introduziram as Formas. No entanto, os mais ajuizados dirão que é preferível e que é mesmo nosso dever destruir o que mais de perto nos toca a fim de salvaguardar a verdade, especialmente por sermos filósofos ou amantes da sabedoria;”, ao negar ser o bem uma generalidade, correspondente a uma forma única.

Até aqui, há três visões sobre a loucura: na primeira, de Homero até a tragédia grega, ela é vista como resultado de intervenção divina; na segunda, notável nas tragédias e, em especial, na obra de Eurípides, ela aparece como produto de conflitos pessoais, mesmo havendo mediação dos deuses; e na terceira, de Hipócrates a Aristóteles, a loucura configura-se como consequência de disfunções somáticas, sob a perspectiva organicista.

1.2 A LOUCURA NA IDADE CLÁSSICA: UMA LEITURA DE FOUCAULT

Desde a Alta Idade Média até o fim das Cruzadas, os leprosários se multiplicam por toda a Europa. No século XII, para cerca de um milhão e meio de habitantes, há 220 leprosários na Inglaterra e na Escócia. A partir do século XIV, o número de leprosários reduz consideravelmente quando Ricardo III ordena uma perícia no Hospital de Ripon, em 1342, e constata-se a inexistência de leproso. O mesmo ocorre na Alemanha, só que mais lentamente: em 1589, em Stuttgart, um relatório indica que há 50 anos não existem mais leproso.

Em Lipplingen, os leproso são substituídos por incuráveis e loucos. A lepra sai de cena, mas a figura do leproso e o espaço moral da exclusão permanecem, assim como os valores e as imagens a ela associados. Segundo Foucault (2008, p. 16), “o ritual de exclusão do leproso mostrava que ele era, vivo, a própria presença da morte”.

A partir da composição literária de Sebastian Brant, **A Nau dos Insensatos** ou **Das Narrenschiff**, publicada como poema satírico em 1494 e cujas 112 estrofes são dedicadas a retratar os diversos tipos de loucos, com a intenção de adverti-los de sua insensatez, o tema da loucura passa a fazer parte do imaginário ocidental. A

importância desta obra se dá pelo fato de a nau ter existido na Europa, especialmente na Alemanha, servindo de abrigo para “todos os tipos de palermas, sejam ricos ou pobres, lé com lé, cré com cré, cada qual encontra seu igual” (BRANT, 2010, p. 22), que eram escorraçados de seu espaço e postos à deriva, até encontrarem a razão.

Inspirada em Brant, **A Nave dos Loucos**, do pintor holandês Jheronymus Bosch van Aken, buscava revelar os homens como o eram em seu interior, de modo que a imagem fantástica absorvesse a imagem real do mundo. Tornando-os prisioneiros de sua própria loucura, essas e outras naus da Renascença evitavam que os loucos perambulassem pelas ruas das cidades, passando então a vagar pelas incertezas que o mar trazia, já que em cada localidade que chegavam, ignorada por eles, eram novamente embarcados para um destino também desconhecido.



Jheronymus Bosch van AKEN,
conhecido como Hieronymus BOSCH
The Ship of Fools, ou the Satire of the Debauched Revelers
c. 1510-15
Óleo sobre tela – 56 cm X 32 cm
Museu do Louvre

Esses contínuos reembarques impunham aos loucos a ambígua condição de passageiros eternos. Foucault lê nessa situação uma forma de compreender como a loucura é percebida nessa época:

Esta circulação de loucos, o gesto que os escorraça, sua partida e seu desembarque não encontram todo seu sentido apenas ao nível da utilidade social ou da segurança dos cidadãos. Outras significações mais próximas do rito sem dúvida aí estão presentes; e ainda é possível decifrar alguns de seus vestígios. Assim é que o acesso às igrejas é proibido aos loucos, enquanto o direito eclesiástico não lhes proíbe o uso dos sacramentos. A Igreja não aplica sanções contra um sacerdote que se torna insano, mas em Nuremberg, em 1421, um padre louco é expulso com uma particular solenidade, como se a impureza se acentuasse pelo caráter sacro da personagem, e a cidade retira de seu orçamento o dinheiro que devia servir-lhe de viático. Acontecia de alguns loucos serem chicoteados publicamente, e que no decorrer de uma espécie de jogo eles fossem a seguir perseguidos numa corrida simulada e escorraçados da cidade a bastonadas.

(2008, p. 11)

A associação entre mar e loucura surge como tema literário, sobretudo por volta do século XV, substituindo o tema da morte, em voga até a primeira metade deste século. Exemplo disto é **Hamlet**, escrito por Shakespeare entre 1600 e 1601. Ofélia, representação da mulher doce e frágil (*femme fragile*), conhece a loucura por causa do amor não-correspondido por Hamlet. É a “loucura da paixão desesperada” sobre a qual nos fala Foucault (2008, p. 38), em que a loucura se sobrepõe ao amor, perseguindo a si própria em devaneios.

Ofélia vive a experiência trágica da loucura ao entregar-se à morte. Aparentemente, ela se deixa levar pelas águas, de modo tão suave quanto sua personagem é construída:

RAINHA GERTRUDE

Há um salgueiro que cresce inclinado no riacho
Refletindo suas folhas de prata no espelho das águas.
Com suas grandiosas grinaldas
De botões-de-ouro, urtigas, margaridas, e longas orquídeas
Que os pastores, vulgares, dão nome mais grosseiro,

Mas que nossas castas donzelas chamam dedos de defuntos.
 Quando ela tentava subir nos galhos inclinados,
 Para ali pendurar as coroas de flores, um ramo invejoso se
 quebrou;
 Ela e seus troféus floridos
 Caíram em cima do chorão no riacho. Suas roupas inflaram
 E, como sereia, boiaram por algum tempo;
 Enquanto isso ela cantava trechos de velhas canções,
 Inconsciente da própria desgraça,
 Como criatura genuína,
 Criada pra viver nesse ambiente. Mas não demoraria
 Para que suas roupas, pesadas pela água que as encharcava,
 Arrastassem a infeliz do seu canto suave
 À morte turva²¹.
 (SHAKESPEARE, 1994, p. 682)

Operando sobre o dilaceramento, ou seja, sobre a morte, a loucura de Ofélia ocupa um lugar extremo, fora da ordem da razão e sem recursos científicos, apenas a misericórdia de Deus. O mesmo pode ser observado em **Macbeth** (escrito entre 1603 e 1606), quando o médico, ao visitar a perturbada Lady MacBeth, diz à camareira:

DOUTOR
 Circulam boatos infames. Fatos abomináveis
 Propagam-se problemas terríveis; mentes contaminadas
 Aos travesseiros surdos vai contar seus segredos.
 Ela precisa mais de um padre do que de um médico.
 Deus, Deus, perdoe-nos por tudo! Cuide dela.
 Retire dela todas as mágoas,
 E continue vigiando-a. Então, boa noite.
 Ela destruiu meu pensamento, e confundiu meu olhar.
 Eu penso, mas não ousou falar²².
 (idem, p. 996)

²¹ QUEEN GERTRUDE: There is a willow grows aslant a brook/That shows his hoar leaves in the glassy stream./Therewith fantastic garlands did she make/Of crow-flowers, nettles, daisies, and long purples./That liberal shepherds give a grosser name./But our cold maids do dead men's fingers call them./There, on the pendent boughs her crownet weeds/Clamb'ring to hang, an envious sliver broke./When down the weedy trophies and herself/Fell in the weeping brook. Her clothes spread wide/And mermaid-like awhile they bore her up;/Which time she chanted snatches of old tunes,/As one incapable of her own distress,/Or like a creature native and endued/Unto that element. But long it could not be/Till that her garments, heavy with their drink./Pulled the poor wretch from her melodious lay/To muddy death.

²² DOCTOR: Foul whisp'rings are abroad. Unnatural deeds/Do breed unnatural troubles; infected minds/To their deaf pillows will discharge their secrets./More needs she the divine than the physician. /God, God, forgive us all! Look after her./Remove from her the means of all annoyance,/And still keep eyes upon her. So, good night./My mind she has mated, and amazed my sight./I think, but dare not speak.

Tal ilusão faz com que a trama seja desvendada: em seu desvario, o personagem, ao se culpar por ter escrito as cartas amorosas de Melite para Philander, acaba trazendo à tona o imbróglio real do qual a loucura é causa e efeito.

[...] Thyrasis está morto, Melite o acompanhou,
 Cloris também vagueia sem seu ingênuo Philander,
 Enquanto eu, eu sou a única causa, o miserável culpado
 Que planejou o diabólico esquema – Aquelas cartas
 Que mexeram com o coração de Philander, Erastus escreveu²⁴.
 (idem, p. 105)

Na Renascença, é possível identificar duas experiências da loucura: uma trágica e cósmica, que revela, através de um saber cósmico, uma verdade do mundo, e próxima daquilo que Foucault denomina *desrazão* — termo utilizado ao longo de toda **História da Loucura**; e outra, crítica, de julgamento moral, que desvela a mediocridade das coisas. Essas duas experiências estão presentes em manifestações artísticas da época: quer na pintura de Bosch, **A Nave dos Loucos**, ao retratar a exclusão do louco; quer na composição literária de Brant, **A Nau dos Insensatos**, ao provocar um diálogo entre a loucura e a razão.

Durante os séculos XVII e XVIII, na Idade Clássica, a loucura é associada a vadiagem, prostituição, miséria, delinquência, dentre outros tipos de marginalidade. A criação do Hospital Geral de Paris, em 1656, aparece como uma solução para substituir os modelos de exclusão, extremamente depreciativos, pelos modelos de detenção. A prostituta não é mais rejeitada ou punida; cuida-se dela, alimentando-a, em troca de sua liberdade individual e de seu silêncio.

²⁴ [...] Thyrasis is dead, Melite has followed him,/Cloris too wanders without her credulous Philander,/While I, I am the only cause, the guilty wretch/Who contrived the hellish scheme. – Those letters/Which turned Philander's heart, Erastus wrote.

Este “nobre” gesto do internamento suscita uma mudança importante nas concepções anteriores da loucura (onipresente e inumana) como desrazão: “a presença de uma transcendência imaginária cede lugar a uma condenação ética” (PELBART, 2009, p. 54). O silenciamento e a dessacralização da desrazão determinam seu próprio desaparecimento e, conseqüentemente, a inscrição da loucura ao lado da desordem a ser refreada ou coibida pelas regras da moral.

Em 13 de maio de 1657, é celebrada uma missa solene na igreja Saint-Louis de La Pitié e, no dia seguinte, pela manhã, a polícia percorre as ruas em busca de mendigos para encaminhá-los aos diferentes prédios do Hospital. Quatro anos depois, um dos prédios abriga 1460 mulheres e crianças; em outro, há 98 meninos, 897 meninas entre sete e dezessete anos e 95 mulheres; num outro, 530 pessoas, entre grávidas, amas e crianças de pouca idade.

Faz-se mister salientar que o sentido de “hospital”, neste caso, assemelha-se à etimologia da palavra (do latim, *hospes*, “hóspede”), servindo o Hospital Geral como hospedaria, sem quaisquer fins médicos ou terapêuticos.

Mais do que precaução social, o internamento representou uma medida econômica em resposta à crise afetada pelo Ocidente no século XVII, com queda nos salários, desemprego, escassez de moeda. Além disso, situou o desatino no âmbito social da pobreza, caracterizando-o como um problema da sociedade.

O internamento foi responsável por situar, num único lugar, tipos sociais e valores sem quaisquer semelhanças entre si, a não ser a mesma desonra abstrata. Em contraposição, a ciência positivista do final do século XVIII designa o asilo como local destinado exclusivamente ao confinamento e tratamento de loucos.

O alienismo — nome como ficou conhecida a ciência de Philippe Pinel — pretendeu inscrever a loucura na esfera médica como doença mental, com a intenção

de tratar o louco, pela primeira vez, como ser humano. Não foi o que aconteceu, de acordo com Foucault. Longe de ser um modelo humanitário que se aproximava da realidade dos loucos, os asilos condenavam-nos a um desígnio institucional, muitas das vezes, definitivo.

De forma alguma no sentido de uma libertação da loucura; de modo algum se pode dizer que ela permitiu atribuir aos alienados uma atenção mais filantrópica ou mais médica. Pelo contrário, mais solidamente do que nunca ela uniu a loucura ao internamento, e num duplo elo; um fazia dela o próprio símbolo do poder que encerra e seu representante irrisório e obsedante no interior do mundo do internamento; o outro, que a designava como o objeto por excelência de todas as medidas de internamento.

(FOUCAULT, 2008, p. 398)

Nota-se o caráter correccional do tratamento moral proposto por Pinel, a partir da leitura das técnicas que serviriam de base para “doutrinar” os recém-saídos do Hospital Geral: a primeira delas é o silêncio, a ausência de linguagem. O médico convida um antigo eclesiástico, cuja loucura havia afastado-o da igreja (por causa de um surto de grandeza, considerava-se Cristo), a participar do lote dos doze primeiros libertados, já que tinha passado doze anos acorrentado no asilo de Bicêtre. Sem pronunciar uma palavra, solicita que os doze retirem suas correntes e ordena que ninguém dirija a palavra ao homem agora liberto. Este, em sua altivez, sente-se abandonado e humilhado pelo isolamento e, depois de longas hesitações, mistura-se aos demais doentes por própria vontade.

A segunda é o reconhecimento pelo espelho, em que “a loucura é convocada para observar a si mesma, mas nos outros” (idem, p. 491). Três alienados que acreditavam ser Luís XVI brigavam pelo direito à realeza quando a vigilante do asilo pergunta a um deles por que discutia com aquelas pessoas visivelmente loucas. O

homem, feliz com o comentário, retira-se e observa os outros dois com desdém. O mesmo procedimento funciona com o segundo deles e, em instantes, acaba-se a briga. Convencer o louco de sua loucura, ridicularizando-o, parece ser a melhor forma de fazê-lo se livrar dela.

A terceira é o julgamento perpétuo, que faz com que o louco reconheça sua culpa e se “conscientize” de sua loucura. Durante o banho, o alienado é advertido pela omissão de uma obrigação importante. Precipita-se então uma corrente de água fria sobre sua cabeça; totalmente desconcertado, ele acaba afastando da mente uma ideia predominante toda vez que ocorre uma ação brusca e inesperada.

A quarta é o exercício da autoridade absoluta do médico sobre o mundo asilar. Foucault (2008) cita o caso de uma moça de 17 anos, criada por seus pais de forma muito indulgente e que havia sido tomada por um delírio sem causa. No hospital, trataram-na afetuosamente, mas ela sempre respondia com “ar superior” e só falava dos pais aparentando certo rancor. Ela então é submetida a um regime rigoroso de autoridade: durante o banho, um vigilante mostra-se indignado com determinadas pessoas desnaturadas que se opõem às ordens dos pais, não os respeitando. Diante desse rigor, a doente se sensibiliza, reconhece seus erros e confessa ter perdido a razão após ter sido contrariada num impulso do coração.

Esse valor terapêutico, em que se desfazem as alienações, provocado pelo par médico-doente e assumido pelo asilo e seus psiquiatras, numa espécie de “quase-milagre”, confirma o controle e o poder da medicina sobre todas as experiências da loucura.

É nessa medida que a psiquiatria do século XIX converge para Freud, o primeiro a olhar seriamente para o par médico-doente e o primeiro a desmistificar todas as estruturas do asilo: “aboliu o silêncio e o olhar, apagou o reconhecimento da

loucura por ela mesma no espelho de seu próprio espetáculo, fez com que se calassem as instâncias da alienação” (FOUCAULT, 2008, p. 502). Ao libertar o doente de sua existência asilar, “desalienando” sua alienação, Freud cria a situação psicanalítica em que esta alienação, no médico, deixa de ser objeto para se tornar sujeito.

Com **História da Loucura**, Michel Foucault usa o campo da literatura como campo da interlocução, assumindo um compromisso com a verdade ao contestar as instituições da normalização. Trata das diferentes estruturas das experiências da loucura, através de metáforas espaciais e visuais. Revela como o silêncio da loucura se constitui ao invés de romper este silêncio. Mostra que o rosto da loucura desaparece, escondendo-se entre os muros do asilo, do internamento. Inscreve na história a história dos excluídos, dos marginalizados, dos diferentes.

1.3 A LOUCURA FEMININA: HISTERIA

Na parte de seus escritos dedicada às doenças das mulheres, Hipócrates discorre sobre a movimentação do útero (nomeada por ele de “matriz”) no interior do corpo feminino, conferindo ao deslocamento deste órgão e à sua conseqüente “sufocação” a origem de alguns sintomas próprios de uma crise histérica (ou do que era compreendido como tal). Além disso, associa a “sufocação do útero” à idade e à abstinência sexual: se a mulher não está grávida e não mantém relações sexuais com homem, o útero é atraído pela umidade do fígado, por estar leve e ressecado.

A sufocação é aparente principalmente em mulheres que não mantiveram relações sexuais com homens e mais frequentemente em idosas do que em jovens, por ser seu útero mais leve. [...] O fígado é

úmido e, quando o útero se desloca em direção a este órgão, ocorre uma sufocação súbita, que interrompe a via respiratória do ventre. [...] quando isso ocorre, os olhos da mulher se reviram, e ela torna-se fria. Ao mesmo tempo, pode ficar pálida. Range os dentes e saliva excessivamente, como se estivesse tendo um ataque epilético²⁵.

(HIPÓCRATES, 1975, p. 12-13)

O médico inscreve então essa doença como exclusiva do sexo feminino — “histeria”, do grego *hystera*, “útero” — embora não se identifique em suas obras originais o uso do vocábulo “histeria” (TRILLAT, 1991), tendo sido adicionado por Émile Littré a todos os fragmentos que continham a expressão “sufocação da matriz”, entre os anos 1839 e 1863, quando realizou a tradução das obras completas de Hipócrates para a língua francesa.

Também Platão, em **Timeu**, acarreta a ideia de que o útero é um animal ávido por alimento, desacertando o corpo feminino em seu anseio de gerar filhos (POLLO, 2003), quando provocado por “negligência” matrimonial ou “infelicidade” do destino.

[...]; e o mesmo ocorre com o útero ou a matriz das mulheres: é um animal dentro delas com desejo de fazer filhos e, quando permanece estéril por muito tempo, fica insatisfeito e furioso, errando por todo o corpo; bloqueia as passagens de ar e, ao obstruir a respiração, gera mal-estar, causando vários tipos de doenças, [...]²⁶.

(2004, p. 259)

²⁵ If sudden choking is apparent, it happens mainly in women who have not had intercourse with men and more often in older women than the younger ones, for their uterus is lighter. [...] The liver is moist, and when the womb lies against the liver, sudden choking occurs when the breathing outlet is stopped around the womb. [...] the woman also chokes, and the whites of the eyes roll back and she becomes cold. At the same time some women also become livid. She grinds her teeth and saliva flows around her mouth, and she is like those who have epilepsy.

²⁶ [...] and the same is the case with the so-called womb or matrix of women; the animal within them is desirous of procreating children, and when remaining unfruitful long beyond its proper time, gets discontented and angry, and wandering in every direction through the body, closes up the passages of the breath, and, by obstructing respiration, drives them to extremity, causing all varieties of disease, [...].

Desenha-se assim, na Antiguidade grega, um primeiro retrato de mulher baseado na percepção clínica sobre o corpo feminino, que define o destino deste corpo: o de ser e estar próximo da animalidade.

Séculos mais tarde, na Idade Média, com o apogeu do Cristianismo, a histeria passa a ser entendida como uma manifestação demoníaca — destituindo-se a abordagem médica da doença —, e tornando urgente seu extermínio, inclusive o da própria palavra: todas as mulheres que ousavam desafiar as doutrinas religiosas repudiando o prestigioso “em nome do pai” ou que expressavam prazer sexual causando a sufocação da matriz estavam “possuídas” pelo demônio. Bruxas, feiticeiras, estas eram as denominações concedidas às histéricas, punidas com a morte, depois de muito sofrimento.

Esta concepção demoníaca da histeria permanece na Renascença, com a publicação do **Malleus Maleficarum**, em 1487, espécie de manual tenebroso, direcionado à capacitação de eclesiásticos, a fim de que eles soubessem identificar casos de possessão diabólica para agir energeticamente nessas situações.

Os castigos corpóreos nem sempre são consequência do pecado, e sim são infligidos ora sobre pecadores, ora sobre inocentes. Portanto, tanto os que não se encontram no estado de graça, quanto os que nele se encontram podem ser essencialmente possuídos pelo demônio, de acordo com o julgamento incompreensível de Deus. E embora tal modo de possessão fuja um pouco a nossos propósitos, trataremos dele aqui para que fique a todos esclarecido que, com a permissão de Deus, os homens por vezes são substancialmente possuídos por demônios a pedido das bruxas.

(KRAMER, 2004, p. 266)

Realizada pelos inquisidores, a caça às bruxas assume dimensão assustadora: em meados do século XVI, aproximadamente novecentas bruxas foram assassinadas num único ano na Alemanha, cerca de mil na diocese de Como, na Itália e

quatrocentas num mesmo dia, em Toulouse; acredita-se que o número mínimo de mulheres queimadas nessa época seja de cem mil (KRAMER, 2004).

Além de disseminar a convicção da onipresença do diabo na vida dos homens, um dos objetivos deste texto era o de arruinar a imagem feminina, já desgastada pela Inquisição ao incriminar as mulheres por transgredirem a fé (no mundo teocêntrico, a transgressão sexual está vinculada à transgressão da fé) através da expressão de seus desejos, suas emoções, sua intimidade.

Toda a malícia é leve, comparada com a malícia de uma mulher. [...] É verdade que no Antigo Testamento as Escrituras têm muito a dizer sobre a malevolência das mulheres, e isso em virtude da primeira mulher sedutora, Eva, e de suas imitadoras; [...] por serem mais fracas na mente e no corpo, não surpreende que se entreguem com mais frequência aos atos de bruxaria.

(idem, p. 115)

A histeria ocupa lugar na esfera científica a partir da teoria do magnetismo animal (ROUDINESCO, 1998), de Franz Anton Mesmer, em meados do século XVIII, a qual atribui à desarmonia na distribuição de um “fluido universal” a causa das doenças nervosas. A cura consistia em crises convulsivas provocadas pelo médico nas pacientes, fazendo o papel de “magnetizador”, para reestabelecer a harmonia do fluido. É nesse momento que a histeria transforma-se na “doença dos nervos”, deixando de lado o elo com a religião.

Até a metade do século XIX, a polêmica maior ocorre em torno das noções de “histeria” e “hipocondria”. Há uma aproximação entre essas doenças no que diz respeito aos fatores predisponentes (hereditariedade, fundo nervoso e costumes anti-higiênicos) e à constituição de um entendimento comum — “doença dos nervos” —, e um afastamento em relação aos fatores desencadeantes: emoções agressivas na

histeria e estados de tristeza na hipocondria (POLLO, 2003). Anos depois, a noção de neurastenia, como predisposição a diversas neuroses, une a histeria à melancolia.

Conhecido como o “teorizador das neuroses”, o francês Jean Marie Charcot é quem desvincula a histeria do útero, abolindo a sexualidade como causa e fazendo-a figurar dentre as doenças mentais que podem atingir tanto aos homens quanto às mulheres. Ao aplicar a hipnose como alternativa de tratamento da histeria, o médico livra seus pacientes de pensamentos mórbidos, os quais poderiam ocasionar manifestações físicas, atraindo olhares de muitos alunos, dentre os quais, os de Freud, com quem trabalharia anos mais tarde.

Durante as sessões hipnóticas, as histéricas cedem seu corpo para a comprovação do saber médico. Nesse momento, o histrionismo — comportamento caracterizado pelo exagero dramático e pela exuberante eloquência, antes visto como fingimento, dissimulação — evidencia-se: elas adentram o teatro da loucura, partilham de sofrimentos desmesurados, vividos e encenados simultaneamente (CLÉMENT; KRISTEVA, 2001).

Ainda no século XIX, os estudos de Freud verificam que nem todos os histéricos são passíveis de ser tratados pela hipnose, já que os sintomas da histeria ocorrem quando um processo mental com intensa carga afetiva fica bloqueado, em consequência de um trauma, impedido de se revelar por meio da via normal da consciência e dos movimentos.

De acordo com Alonso (2004), o desejo inconsciente recalcado, a sexualidade infantil e o sonho como retorno do inconsciente são os três pilares que constituem a visão de Freud sobre a histeria. Como exemplo, cita o caso de “*petite hystérie*” da paciente Dora, de quatorze anos, que havia sido agarrada e beijada à força pelo Sr. K. A menina sentiu nojo, correu pela rua e, nessa sequência, denotam-se três sintomas: o

nojo pelo beijo, uma angústia no peito e a impossibilidade de olhar homens em situações amorosas.

[...] O nojo corresponde ao sintoma do recalçamento da zona erógena dos lábios (mimada demais em Dora, como veremos, pelo sugar infantil). A pressão do ombro ereto provavelmente levou a uma alteração análoga no órgão feminino correspondente, o clitóris, e a excitação dessa segunda zona erógena foi fixada no tórax por deslocamento para a sensação simultânea de pressão. O horror aos homens que pudessem achar-se em estado de excitação sexual obedece ao mecanismo de uma fobia destinada a dar proteção contra o reavivamento da percepção recalçada.

(FREUD, 2006, p. 39)

Na clínica freudiana, a voz é dada às mulheres histéricas. Ali, elas relatam seus sonhos, seus traumas são analisados, abrindo-se um caminho para que encontrem dentro delas mesmas os caminhos do indizível prazer.

Bruxas, feiticeiras, malditas, histéricas, loucas. Marcadas pelo assujeitamento, pela contradição, pela desordem. Vítimas de olhares repressores. Não puderam traçar seu destino. Não puderam desenhar os contornos da desrazão como lugar de transformação, sinônimo de liberdade.

CAPÍTULO 2

AS MULHERES E OS OUTROS; AS MULHERES E O MUNDO: O feminismo, as mulheres e a sociedade

A história traça uma ponte entre o presente e o futuro de modo que aos poucos, na medida da produção deste conhecimento novo, poder-se-á prever o escrutínio do vir a ser de mulheres diferentes daquelas que foram ideologicamente determinadas pela cultura.

Maria Odila Leite da Silva Dias²⁷

2.1 O FEMINISMO

Com o intuito de verificar como as teorias feministas foram recebidas em Cabo Verde e Moçambique e analisar as relações de gênero nesses países, optou-se por apresentar um estudo sucinto sobre a história do feminismo, que busque reconhecer em suas lutas e reivindicações alternativas de transformação do presente e do futuro.

Até o século XVIII, poucos são os registros de manifestações públicas a favor das mulheres, pelo fato de grande parte delas ter sido privada do direito de estudar, salvo poucas exceções, como é o caso de Christine de Pisan (1364-1430), italiana radicada na França, que, dedicada ao mundo das letras, fez das palavras seu ofício e seu sustento. Com mais de quinze livros escritos, a autora valorizava, em suas obras, as mulheres, embora dentro dos limites impostos pela sociedade da época.

“Eu afirmo aqui que os dois sexos são completamente iguais, (...)”²⁸. Esta frase do prefácio de **The Equality of the Sexes**, do filósofo e feminista francês

²⁷ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Novas Subjetividades na Pesquisa Histórica Feminista: uma hermenêutica das diferenças. **Revista de Estudos Feministas**. Rio de Janeiro, n. 2, v. 2, 1994, p. 274.

François Poulain de la Barre (1990, p. 46), publicado em 1673 – no apogeu do movimento das *preciosas*²⁹ -, explicita uma mudança significativa para o feminismo no que diz respeito ao embate entre os gêneros: as comparações cedem espaço às reflexões sobre igualdade.

Muitas das ações feministas irrompidas durante a Revolução Francesa eram representações pragmáticas das intenções do filósofo francês em combater a desigualdade por meio da educação, hostilizando aqueles que propagavam a inferioridade das mulheres. A aparição delas se dá na frente de batalha, pela massa popular, e no plano intelectual, pela burguesia. Daí a relevância destas atuações e dos escritos de Barre como peças-chave na articulação do feminismo moderno.

Dentre as personalidades que desafiaram os paradigmas em prol da participação ativa das mulheres na sociedade europeia, merecem distinção: as francesas Théroigne de Méricourt, umas das heroínas da Revolução, que participa da invasão ao Palácio das Tulherias, em 1792; Claire Lacombe, que funda, ao lado de Pauline León, em 1793, o *La Société Républicaine Révolutionnaire*, grupo radical de mulheres revolucionárias que clamavam por mudanças sociais; Olympe de Gouges, autora da **Declaração dos Direitos das Mulheres e das Cidadãs**, em 1791, que exigia os mesmos privilégios concedidos aos homens (a liberdade, a propriedade e o direito à resistência e à opressão); e a inglesa Mary Wollstonecraft, que escreve, em 1793, **A Vindication of the Rights of Woman, with Strictures on Political and Moral Subjects**, documento necessário para a tomada de consciência feminista ao abordar a questão do gênero — a condição feminina não é natural, mas socialmente construída, como afirmará, séculos mais tarde, Simone de Beauvoir (com

²⁸ I claim here that the two sexes are completely equal, [...].

²⁹ De acordo com Myriam Maître (1999), o acontecimento “*précieux*” representou um momento, para a língua, a literatura e a política, de surgimento e instauração de um espaço público literário pelas senhoras nobres parisienses, antes de ser desprezado pelos críticos do século XIX, que o enxergavam como uma lembrança pitoresca do “grande século”. Uma das exigências das *preciosas* era a reformulação de papéis, entre homens e mulheres, quanto ao casamento, à família e à sexualidade.

a polêmica frase “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”; 1967, p. 9) — e a ideia de discriminação positiva:

Mas se fosse provado que a mulher é naturalmente mais fraca do que o homem, como se conclui que é natural para ela dedicar-se em tornar-se ainda mais fraca do que a natureza pretendeu torná-la? [...] Para se tornarem respeitáveis, há que treinar seu intelecto, não existe outro fundamento para a independência de caráter; [...].³⁰

Mesmo com todo o empenho nas lutas pelos direitos das mulheres, no século XVIII, concretamente, poucas foram as conquistas no âmbito legislativo, ainda que significativas: a lei do divórcio (1792), a possibilidade de testemunhar em processos civis e a autoridade maternal, que passa a ser tão respeitada quanto a paternal (1793).

Anos mais tarde, com Napoleão Bonaparte no poder, as mulheres se veem novamente de pés e mãos atadas. O Código Napoleônico reduz os direitos de administração de propriedades e manutenção de emprego. Além disso, limita a concessão do divórcio e determina como crimes o adultério e o aborto³¹. Excluídas dos sistemas de educação formal e civil, e carentes de liberdade³², as mulheres adentram o século seguinte ávidas pela conquista do voto e pelo ingresso nas instituições de ensino (GARCIA, 2011).

³⁰ But should it be proved that woman is naturally weaker than man, from whence does it follow that it is natural for her to labour to become still weaker than nature intended her to be? [...] To become respectable, the exercise of their understanding is necessary, there is no other foundation for independence of character; (WOLLSTONECRAFT, 1833, p. 42-53)

³¹ Conforme assinala Engels (1984, p. 66): “Ao homem, igualmente, se concede o direito à infidelidade conjugal, sancionado ao menos pelo costume (o Código de Napoleão outorga-o expressamente, desde que ele não traga a concubina ao domicílio conjugal) e esse direito se exerce cada vez mais amplamente, à medida que se processa a evolução da sociedade. Quando a mulher, por acaso, recorda as antigas práticas sexuais e intenta renová-las, é castigada mais rigorosamente do que em qualquer época anterior.”

³² Sobre a ideia de liberdade, cabe aludir ao pensamento de Hannah Arendt, o qual vincula a liberdade ao exercício de cidadania — “o direito a ter direitos” (1989, p. 329). Segundo a filósofa, a *polis* grega, em sua “forma de governo”, difere totalmente da acepção de soberania, pois possibilita a prática da cidadania ao permitir aos homens que a liberdade se desenvolva no espaço público. Por tais razões, esse modelo pode ser visto como matriz originadora da liberdade.

O século XIX é sinalizado por diversas organizações sociais libertárias, como as lutas por melhores condições de trabalho (salário, redução de jornada, repouso semanal) e pelos direitos de cidadania (voto, sem que fosse considerado o critério censitário, remuneração para os cargos do Parlamento). No entanto, tais batalhas pelo sufrágio universal, pela democracia, jamais envolveram o sufrágio feminino. Às mulheres são refutados os direitos civis e políticos, impedindo sua autonomia pessoal. Assim, torna-se urgente a constituição de um movimento dotado de estratégias políticas voltadas para as questões femininas.

É quando nasce o movimento sufragista, em 1848, em uma cidade próxima de Nova Iorque, Seneca Falls, durante a Convenção dos Direitos da Mulher. Com a adesão de aproximadamente trezentas pessoas, esta convenção resulta em um documento, a “Declaração de Seneca Falls”/ “Declaração de Sentimentos”, cujo modelo é semelhante à Declaração de Independência dos Estados Unidos (a fim de ser legitimado politicamente). Elaborada pelas ativistas Lucretia Mott e Elizabeth Cady Stanton³³, a declaração assume clara postura de oposição à negação dos direitos civis, jurídicos e econômicos às mulheres:

A história da humanidade é uma história de repetidos insultos e usurpações por parte do homem com a mulher, com o objetivo de oprimi-la. Para provar isso, vamos apresentar os fatos a um mundo inocente.

Ele nunca permitiu que ela exercesse seu direito como eleitora.

Ele a obrigou a submeter-se às leis cuja estrutura não lhe dava voz.

Ele reteve os seus direitos (dela), como o fazem os homens mais ignorantes e degradantes, tanto nativos quanto estrangeiros.

Tendo-a privado desse primeiro direito como cidadã, o voto eleitoral, deixa-a, assim, sem representação no poder legislativo, dominando-a por todos os lados [...]³⁴.

³³ Lucretia Mott e Elizabeth Cady Stanton eram membros (denominados *quackers*) do movimento protestante liberal “Religious Society of Friends”, o qual permitia a presença feminina nas tarefas da igreja, além da possibilidade de intervir publicamente nas orações e de tomar voz diante da congregação.

³⁴ The history of mankind is a history of repeated injuries and usurpations on the part of man toward woman, having in direct object the establishment of an absolute tyranny over her. To prove this, let

(BELL; OFFEN, 1983, p. 253)

O movimento sufragista serve de estímulo para que as norte-americanas se organizem de forma articulada a fim de atingir seus objetivos, como por exemplo, o de lograr uma emenda constitucional que lhes desse acesso ao voto. Entretanto, em 1866, o Partido Republicano, ao apresentar a décima quarta emenda constitucional, que concedia direito de voto aos escravos, nega a extensão desse direito às mulheres.

Decidida a continuar sua batalha pelas questões femininas, Elizabeth Cady Stanton funda, ao lado de Susan B. Anthony, em 1868, o *National Woman Suffrage Association* (NWSA). No ano seguinte, Wyoming declara ser o primeiro Estado a aceitar o voto feminino. Dentre as conquistas da associação, está a emenda que reconhece os direitos das esposas em partilhar os bens adquiridos no casamento, como propriedades, heranças, contratos, inclusive a tutela dos filhos.

Enquanto o processo pelo direito ao voto feminino nos Estados Unidos percorre um longo e árduo caminho, a Nova Zelândia, na Oceania, torna-se o primeiro país do mundo, em sua totalidade, a conceder o voto às mulheres, em 1893.

Paralelamente aos conflitos das sufragistas norte-americanas, na Europa as ações pelo direito das mulheres ao voto são intensas. Em 1866, o jurista e filósofo John Stuart Mill, autor de **A sujeição da mulher**, apresenta ao parlamento uma emenda assinada em conjunto com Emile Davis e Garret Anderson, a qual concede plenos direitos de voto às inglesas. A emenda é negada duas vezes, em 1866 e em 1884, por ampla maioria; a possibilidade de votar continua restrita às donas de propriedades, consideradas legalmente iguais aos homens.

facts be submitted to a candid world. He has never permitted her to exercise her inalienable right to the elective franchise. He has compelled her to submit to law in the formation of which she had no voice. He has withheld from her rights which are given to the most ignorant and degraded men, both natives and foreigners. Having deprived her of this first right as a citizen, the elective franchise, thereby leaving her without representation in the halls of legislation, he has oppressed her on all sides [...].

Diante desta situação, a educadora Millicent Garret Fawcett cria, ao lado de Lydia Becker, a associação *National Union of Women's Suffrage Societies* (NUWSS), em 1897, que passa por dois momentos: um pacifista e outro radical. Inicialmente pacifista, o movimento não alcança os resultados esperados e, ao assistir à outorga de direito ao voto às australianas, em 1901, decide mudar a estratégia, formando, assim, a *Women's Social and Political Union* (WSPU), comandada por Emmeline Pankhurst. Devido a suas manifestações violentas, como incêndios a lugares públicos e ataques a casas de membros do Parlamento, as militantes passam a ser pejorativamente conhecidas como *suffragettes* (“sufragistas”). Tais ações desagradam o governo e acabam por culminar nas constantes prisões de suas líderes.

A chegada da I Guerra Mundial faz com que as sufragistas inglesas proponham uma trégua. Em 1918, é promulgada uma nova lei, que cede direito eleitoral às britânicas com mais de trinta anos. Finalmente, em 1928, a lei denominada “Equal Franchise Act” garante a todas mulheres maiores de idade o direito a votar.

Em Portugal, a primeira mulher a votar é Carolina Beatriz Ângelo³⁵, médica e viúva, em 1911, após reclamar a um juiz, que defere sua pretensão. De acordo com a legislação portuguesa, os eleitores deveriam ter mais de vinte e um anos, serem alfabetizados e chefes de família. Nada específico em relação ao gênero, pois partiam do princípio de que todos os chefes de família só poderiam ser homens. Dada esta lacuna, Carolina pôde, corajosamente, reivindicar seu direito como eleitora, tendo sido a única portuguesa a votar nessa eleição. Somente em 1931, o direito de voto é facultado às mulheres, desde que tivessem concluído o curso secundário ou universitário.

³⁵ Dados disponíveis no site da Assembleia da República de Portugal: <http://www.parlamento.pt/Parlamento/Paginas/APrimeiraRepublica.aspx>. Acesso em 22 maio 2013.

Inscrito no Decreto-lei de 1944, o sufrágio feminino francês é tardio: conta-se um espaço de quase cem anos entre os direitos eleitorais masculino e feminino (1848-1944). Durante muitos anos sendo visto como marginal, o movimento sufragista somente ganha forças no início do século XX, com a criação da União Francesa para o Sufrágio das Mulheres (UFSM), de tendência moderada, bem distinto do movimento inglês.

No mesmo ano em que nasce o sufrágio norte-americano é publicado o **Manifesto Comunista**, originalmente denominado **Manifesto do Partido Comunista**, escrito por Karl Marx e Friedrich Engels. Partindo de uma análise histórica, em que posiciona a burguesia moderna como a nova classe opressora, o **Manifesto** faz severas críticas ao modo de produção capitalista e à nova estrutura social constituída através deste, além de considerar a subordinação das mulheres aos homens e a instauração da propriedade privada duas situações concomitantes:

"Vós, comunistas, quereis introduzir a comunidade das mulheres!", grita-nos toda a burguesia em coro.

Para o burguês, a mulher nada mais é do que um instrumento de produção. Ouvindo dizer que os instrumentos de produção serão explorados em comum, conclui naturalmente que o destino de propriedade coletiva caberá igualmente às mulheres. Não imagina que se trata precisamente de arrancar a mulher de seu papel de simples instrumento de produção.

De resto, nada é mais ridículo que a virtuosa indignação que os nossos burgueses, em relação à pretensa comunidade oficial das mulheres que adotariam os comunistas. Os comunistas não precisam introduzir a comunidade das mulheres. Ela quase sempre existiu.

Nossos burgueses, não contentes em ter à sua disposição as mulheres e as filhas dos proletários, sem falar da prostituição oficial, têm singular prazer em seduzir as esposas uns dos outros.

O casamento burguês é, na realidade, a comunidade das mulheres casadas. No máximo, poderiam acusar os comunistas de quererem substituir uma comunidade de mulheres, hipócrita e dissimulada, por outra que seria franca e oficial. De resto, é evidente que, com a abolição das atuais relações de produção, desaparecerá também a comunidade das mulheres que deriva dessas relações, ou seja, a prostituição oficial e não oficial. [...]

(MARX; ENGELS, 2010, p. 55-56)

Menos focalizado na emancipação econômica feminina do que o **Manifesto**, a obra **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**, de Engels, publicada anos mais tarde, em 1884, enfatiza a sujeição das mulheres como causa social. Para o autor, o casamento monogâmico mostra-se como uma maneira de dominar o poder natural feminino de procriação, de modo que o controle patriarcal no centro da família faz com que a mulher se torne propriedade masculina. Sobre a monogamia, relata: “[...] ela surge sob a forma de escravização de um sexo pelo outro, como proclamação de um conflito entre os sexos, ignorado até então na pré-história” (1984, p. 70).

Os escritos de Marx e Engels influenciam diretamente muitas socialistas, que passam a apoiar o movimento sufragista, como a militante alemã Clara Josephine Zetkin, professora, jornalista e redatora-chefe do jornal *Die Gleichheit* (“A Igualdade”), direcionado às proletárias. Além de sua importante atuação contra a deterioração do Partido Social-democrata da Alemanha (SPD), a jornalista teve papel significativo nas manifestações de massa, especialmente no empenho pelos direitos trabalhistas das mulheres e pelo sufrágio. Em um de seus textos, intitulado “A questão das trabalhadoras e a questão feminina de nossa época”, declara:

As transformações sociais criaram novas relações entre os seres humanos, partindo de novas concepções morais que diferem tanto das antigas quanto as novas condições de produção diferem das velhas. Mas, no caso das mulheres, esse processo está apenas começando. A mulher não adequou ainda suas concepções morais às novas relações sociais. Seu código de valores ainda está relacionado com as concepções engendradas pela situação social anterior.

(BADIA, 2003, p. 71)

Responsável pela organização do I Congresso de Mulheres Socialistas (1907), Zetkin propõe a instauração de um dia de luta internacional da mulher, a exemplo do 1º de maio, dia de luta internacional de toda a classe operária, o que é aprovado em 1910, durante a segunda edição do congresso.

O elo entre os dois movimentos se rompe quando as socialistas percebem a escassa atenção das sufragistas com a classe operária. No final do século XIX, a separação entre os dois grupos é inevitável, embora as reivindicações de ambos fossem similares; assim, desenvolve-se um “feminismo de classe, socialista e comunista paralelo ao feminismo sufragista” (GARCIA, 2011, p. 73), do qual Alexandra Kollontai fez parte.

Escritora e propagandista a favor da classe operária e da liberdade para as mulheres, Kollontai coordena, em 1907, o I Círculo de Operárias e, em 1908, o I Congresso Feminino de todas as Rússias. Assim como Clara Zetkin, entende as questões femininas como questões sociais, condicionando a liberdade das mulheres ao fim do sistema capitalista³⁶:

Quanto mais informações as mulheres proletárias tiverem, melhor entenderão que nem a igualdade política nem a jurídica podem resolver a questão das mulheres em todos os seus aspectos. Enquanto as mulheres são obrigadas a vender sua força de trabalho e suportar o jogo do capitalismo, enquanto o atual sistema de exploração de produção de novos valores continuar a existir, elas não poderão tornar-se livres e independentes das pessoas, mulheres que escolheram seus maridos por amor, e mães que desejam olhar sem medo para o futuro de seus filhos ... O objetivo principal da mulher proletária é a destruição do antigo mundo antagônico baseado em classes e a construção de um novo e melhor mundo em

³⁶ The more aware among proletarian women realise that neither political nor juridical equality can solve the women's question in all its aspects. While women are compelled to sell their labour force and bear the yoke of capitalism, while the present exploitative system of producing new values continues to exist, they cannot become free and independent persons, wives who choose their husbands exclusively on the dictates of the heart, and mothers who can look without fear to the future of their children... The ultimate objective of the proletarian woman is the destruction of the old antagonistic class-based world and the construction of a new and better world in which the exploitation of man by man will have become impossible.

que a exploração do homem pelo homem terá se tornado impossível.

(KOLLONTAI, 1984, p. 32)

Para a marxista, as mulheres, embora deixem a esfera do lar a fim de se tornarem livres e independentes economicamente, continuam servas, mas agora das relações de produção do regime capitalista, que lhes oferece os mais desqualificados e mal remunerados trabalhos.

O término da II Guerra Mundial, em 1945, coincide com a retração do feminismo: o consentimento do sufrágio feminino e a realização de muitos de seus anseios, aliados à independência cada vez maior das mulheres, no período entreguerras, são acontecimentos que favorecem o declínio da militância.

De acordo com Françoise Thébaud, na “Introdução” de **História das Mulheres no Ocidente: século XX** (DUBY; PERROT, 1991), mesmo com os danos causados pela nova sociedade de consumo, o século XX favorece melhor saúde e maior longevidade (a taxa de natalidade diminui substancialmente desde o início do século), níveis mais altos de educação e multiplicação de serviços. Para as mulheres, tais elementos resultam na transformação do trabalho doméstico e no regime de maternidade, o que diminui o tempo de dedicação a essas atribuições, elevando sua participação nas atividades sociais.

E para aquelas que estiveram à margem das batalhas pelos direitos individuais, suscitadas pela Revolução Francesa, a modernidade representa a conquista de “ser sujeito”, com autonomias econômica, política e jurídica em relação aos pais e maridos.

A retração feminista termina em 1949, com a publicação de **O Segundo Sexo**, de Simone de Beauvoir. Nesta obra, a filósofa faz um estudo minucioso sobre a situação das mulheres, explorando aspectos sociológicos, históricos, econômicos e,

sobretudo, discutindo aspectos biológicos, de modo a demonstrar que a identidade feminina se constrói condicionada a pretensões e expectativas sociais.

Além disso, atenta-nos para o fato de que, através dos tempos, a mulher tem sido considerada estrangeira dentro do seu próprio país, ou seja, a Outra em relação ao homem, sem que este sentimento de alteridade seja recíproco. A autoafirmação masculina se forma a partir da hostilidade feminina: “[...] ele pretende afirmar-se como essencial e fazer do outro o inessencial, o objeto” (BEAUVOIR, 1970, p. 12).

Essas polêmicas afirmações fazem com que milhões de exemplares da obra sejam vendidos em curto espaço de tempo, tornando-se o alicerce do feminismo dos anos 1950. A conhecida frase de abertura do segundo volume de **O Segundo Sexo**, "ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, e o aprofundamento das ideias sobre gênero (embora não mencione esta palavra) causam debate até hoje entre as feministas contemporâneas. A filósofa estadunidense Judith Butler (2008), por exemplo, questiona os mecanismos de construção de gênero adotados por Beauvoir, bem como a possibilidade de tornar-se o gênero que hipoteticamente é. Sobre a frase "ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, indaga:

A frase é curiosa, até mesmo um pouco absurda, pois como tornar-se mulher se não se é mulher desde o começo? E quem se torna mulher? Há algum ser humano que se torne de seu gênero em algum ponto do tempo? É justo supor que esse ser humano não tenha sido de seu gênero antes de “tornar-se” de seu gênero? Como é que alguém “se torna” de um gênero? Qual é o momento ou o mecanismo da construção do gênero? E talvez, mais pertinentemente, quando entra esse mecanismo no cenário cultural e transforma o sujeito humano num sujeito com características de gênero?

(BUTLER, 2008, p. 162)

O retorno das mulheres aos lares após cederem seus empregos aos homens que voltavam da guerra, especialmente nos Estados Unidos, causa completo desgosto e,

consequentemente, doenças como depressão e alcoolismo. Essa eminente insatisfação das mulheres consigo mesmas serve de mote para o livro de Betty Friedan, **A mística feminina**, de 1963. Representante do feminismo liberal, o qual se ocupava da abolição da discriminação sexual na esfera política, Betty funda, em 1966, ao lado de Pauli Murray e Bernard Nathanson, a Organização Nacional para as Mulheres (NOW).

Uma década depois, surge, também nos Estados Unidos, o feminismo radical, com a intenção de constituir o feminismo como movimento político autônomo. Para as radicais, o sexismo é causa da opressão sofrida pelas mulheres, sendo necessário eliminar o sistema patriarcal que supõe a inferioridade feminina e a superioridade masculina. Conjuntamente, a feminilidade é condição biológica que fornece uma unidade natural às mulheres, fator que implica “a aliança das mulheres, pelas mulheres e para as mulheres, na base da sua pertença a um sexo particular” (DUBY; PERROT, 1991, p. 590).

O Neofeminismo da década de 1980 reformula a definição de igualdade, que passa a ser relacionada ao sentido de afirmação da diferença, a partir do questionamento profundo acerca das relações entre homens e mulheres, não somente no espaço público, mas também no privado. Coincide com este momento a luta pelo uso de contraceptivos, baseada na reivindicação pela livre opção da maternidade e na desvinculação entre sexualidade e reprodução (SCAVONE, 1996).

Mais tarde, a partir dos anos 1990, a busca pela identidade e desejo femininos exaltam a urgência em se querer encontrar a própria marca, a feminilidade.

Na África subsaariana, devido à heterogeneidade da maioria de seus países, já que comportavam variadas etnias originárias anteriormente à colonização (com exceção de Cabo Verde, desabitado), as questões de gênero são quase desconhecidas

até o contato com os europeus que, ao colonizarem essa imensa porção do continente, reordenam a sociedade baseados na ideologia colonial, no patriarcalismo e no cristianismo.

Segundo Catherine Coquery-Vidrovitch (1994), são pouquíssimas as fontes que se ocupam da histórias das mulheres africanas, tornando imprescindíveis para pesquisa os escritos de viajantes árabes (após o século X) e europeus (após o século XV), que valorizam sobretudo os homens, elevando suas posições econômicas e sociais: “comerciantes”, “exploradores”, “políticos”. Quanto às mulheres, são denominadas, de um lado, “princesas”, “rainhas” e, de outro, “escravas”, “concubinas”.

A estrutura familiar era bem diversa da “tradicional e nuclear” ocidental, composta por pai, mãe e filhos ou avós e alguns primos. Existia e ainda existe, atualmente, em algumas etnias, a linhagem, da qual participam os descendentes de um mesmo ancestral, envolvendo até a nona ou décima geração. Se considerarmos a palavra “linhagem” associada à filiação biológica, este não seria o termo adequado (embora o mais utilizado por historiadores), visto que filhos adotivos, escravos e dependentes são encarados como membros desta família.

Dada a multiplicidade dos grupos étnicos e suas variadas formas de organização familiar, definir as mulheres e seus papéis nas sociedades africanas subsaarianas antigas significa restringir sua relevância em razão da escassez de documentos a esse respeito. Contudo, é permitido identificar algumas funções femininas afins, dentre as quais, o trabalho na agricultura, a responsabilidade pela água e pela lenha, e pequenas atividades comerciais para subsistência.

Faz-se mister salientar ainda que as diferenças socioculturais entre as mulheres não foram vividas nos países africanos subsaarianos como no Ocidente, durante o período pré-colonial: pertencer ao campo ou à cidade, ser intelectual ou analfabeta,

solteira ou casada são características que as colocavam em nível de igualdade pelo fato de serem mulheres (COQUERY-VIDROVITCH, 1994).

Posto que há variadas Áfricas dentro da África, não é possível negligenciar o fato de que existiam e existem distinções, sejam de classe, sejam de relações étnicas, tornando-se inconcebível para os estudos das relações de gênero neste continente utilizar um único modelo de mulher e de agregado familiar, como o fazem as agências humanitárias e os órgãos internacionais (GRASSI, 2001).

O feminismo (e suas imprecisas definições), cujas raízes estão fincadas no passado, traduz-se num processo de transformação que se constrói no presente, de acordo com o momento, o contexto e a ideologia de quem o governa. Logo, torna-se inadequado falar sobre um feminismo africano, dado que os estudiosos de gênero adotam as teorias feministas conforme lhes é conveniente para a pesquisa a qual se propõem, fator extremamente positivo, pois gera

[...] novas perspectivas em estudos sobre o gênero e sobre as mulheres, estudos étnicos e não convencionais. Em seguida, os efeitos dessas várias áreas de contestação intelectual também começaram a infiltrar-se em sentido inverso em várias disciplinas, do que surgiram resultados muito interessantes. Brotou uma verdadeira eflorescência da teoria pós-colonial e um acervo emergente de trabalho teórico [...].

(MAMA, 2005, p. 122)

Destarte, é mister o conhecimento histórico proposto por Maria Odila Leite da Silva Dias (1994), o qual propõe a delimitação do lugar, a situação, a posição relativa das mulheres a serem estudadas no conjunto de uma determinada sociedade, de forma a delinear e problematizar as balizas do conhecimento relativas a estas mulheres (neste caso, as cabo-verdianas e as moçambicanas), a fim de construir seu próprio conceito.

Em Cabo Verde, conforme pontua Simone Caputo Gomes (2008), na colonização, as mulheres eram impossibilitadas de sair do trabalho doméstico, cabendo aos homens o poder de decisão, no lar e na educação dos filhos. Com a emigração masculina, originada pela piora da situação de vida no arquipélago, as mulheres foram forçadas a assumir o papel de “gestora[s] da economia familiar e representante[s] dos negócios do marido (inclusive poupança e aplicação das remessas oriundas da emigração)” (*Ibidem*, p. 274).

Com a independência, elas passam a atuar efetivamente no espaço público, trabalhando na construção civil, nas forças de segurança pública, na venda de água em chafarizes, na agricultura, na pecuária, na estiva, nos trabalhos em estradas, funções anteriormente consideradas masculinas.

Em Moçambique, mantém-se o esforço pelo direito à igualdade de condições de vida na diferença de gêneros. Encarregadas da produção de alimento, transporte de água, educação, saúde e planejamento familiar, e trabalhando em circunstâncias extremas, as moçambicanas quase não reconhecem legalmente sua cidadania, como cita Christina Ramalho³⁷.

É possível observar, a seguir, mais atentamente, como as trajetórias femininas se desenham nos contextos cabo-verdiano e moçambicano.

2.2 FILHAS DO SOL: AS MULHERES CABO-VERDIANAS E SEUS PAPEIS NA SOCIEDADE

A necessidade de publicar as inúmeras histórias de mulheres, histórias de vida que passam por mim. [...] é cá um encontro que é verdade, um momento só [...] para querer mostrar o meu reconhecimento a estas mulheres caboverdianas que

³⁷ “Balada de Amor ao Vento – representações do universo familiar moçambicano”. In: **Anais do X Congresso Internacional da ALADAA**. Rio de Janeiro: Centro de Estudos Afro-asiáticos, 2001, v. 1. p. 1278.

trabalham duro, que fazem o trabalho da pedra, que carregam água, que trabalham a terra, que têm a obrigação de cuidar dos filhos, de acender o lume. Quis prestar uma homenagem a esta mulher.

Dina Salústio³⁸

Les femmes d'Afrique ont au moins un point commun : elles n'ont pas le temps. Elles ont probablement beaucoup moins de temps que les hommes. Elles ont toujours travaillé davantage qu'eux, ce qui ne signifie pas qu'ils ne faisaient rien, cette idée fausse est trop répandue. Elles travaillent aujourd'hui différemment, mais toujours autant, sauf exception. Elles étaient, elles restent tellement accablées de tâches de toutes sortes qu'elles n'ont guère eu, entre autres, le loisir de s'apitoyer ni même de s'interroger sur leur sort. L'image qu'elles ont d'elles-mêmes est donc encore floue...³⁹.

Catherine Coquery-Vidrovitch

Formado por dez ilhas e alguns ilhéus de origem vulcânica, o arquipélago de Cabo Verde fica na zona tropical do Atlântico Norte, a aproximadamente 499 km do continente africano, totalizando uma área de 4020 km², dividida tradicionalmente pelo grupo de Barlavento, ao norte, com 2220 km² e constituído por Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal, Boa Vista e o ilhéu dos Pássaros, e de Sotavento, ao sul, com 1800 km² e compreendido por Santiago, Brava, Fogo, Maio e os ilhéus de Santa Maria, Cima, Luís Carneiro e Grande. Das ilhas, Santiago é a maior, com 991 km² e onde se encontram os órgãos administrativos do país, e Santa Luzia, a menor delas, com 35 km².

Apesar de existirem hipóteses de que o arquipélago foi encontrado antes da chegada dos portugueses, valer-nos-emos do ano apontado pelos historiadores

³⁸ Em entrevista concedida a Simone Caputo Gomes, em novembro de 1994, na cidade da Praia.

³⁹ As mulheres da África possuem ao menos algo em comum: falta de tempo. Têm provavelmente muito menos tempo do que os homens. Elas trabalham sempre mais do que eles, e a ideia de que nada fazem foi demasiado difundida, por terem variadas ocupações. Sobrecarregadas com as tarefas diárias, não têm a oportunidade de sentir desgosto ou de questionar seu destino. A imagem que fazem de si mesmas ainda é vaga... (1994, p. 9)

pesquisados como o de entrada de Cabo Verde no mundo ocidental: 1460, com a chegada do português Diogo Gomes, funcionário da Câmara do Infante D. Henrique, e do italiano Antonio da Noli, genovês a serviço do rei luso:

[...] achado consequente (ou seja, com resultados a curto prazo) das ilhas do grupo oriental do arquipélago de Cabo Verde se deu em Maio de 1460 (em 1 de Maio teriam os navegadores chegado à ilha de Santiago) e foi obra de uma flotilha de duas caravelas comandadas por Antonio da Noli e por Fernão Gomes; [...]

(SANTOS et al., 2007, p. 41)

A povoação de Santiago (primeira ilha a ser descoberta) se inicia somente dois anos mais tarde por diversos fatores, dentre os quais as hesitações e a lentidão nos negócios além-mar, provocadas pela morte do Infante D. Henrique e a sucessão do poder por D. Fernando; a exiguidade de especiarias e metais preciosos, elementos favoráveis para o comércio lucrativo que os portugueses tanto almejavam – dificuldade superada pelo tráfico de escravos oriundos da Costa da Guiné (que abrangia Cabo Verde); e a escassez de terras cultiváveis, devido às condições climáticas adversas ocasionadas pelo posicionamento geográfico do arquipélago.

Duas estações caracterizam o clima cabo-verdiano: a estação seca, também conhecida como “tempo das brisas”, que vai de dezembro a junho, e o “tempo das águas” ou estação das chuvas, de agosto a outubro. Julho e novembro são considerados meses de transição. As chuvas irregulares (são comuns os anos de índices pluviométricos mínimos ou quase nulos) provocam a esterilidade do solo, e o sacrifício pelo cultivo da terra representa um desafio para os que ali habitam. Este concorreu para o desenvolvimento da economia do país, de acordo com Domingos Veiga Mendes (2010, p. 18):

Cabo Verde nunca se mostrou um lugar de fácil convivência para os seus moradores, [...]; se hoje, um dos grandes pilares do desenvolvimento de Cabo Verde assenta na inserção dinâmica do país na economia internacional, por causa da inexistência de recursos internos capazes de promover o seu desenvolvimento, essa preocupação já era dominante, também, desde a época dos descobrimentos.

Após quase quinhentos anos de dependência, surge no país uma série de revoltas marcadas pela negação ao colonialismo: de escravos, de rendeiros, além de movimentos grevistas. A esses conflitos agrega-se a posição de intelectuais (escritores, artistas e jornalistas) que “criam um verdadeiro intercâmbio de ideias dentro e fora do arquipélago, intensificando, não obstante a censura e a repressão, o processo por meio do qual se constitui a consciência nacional” (HERNANDEZ, 2002, p. 159). Tal intercâmbio permite o contato com teorias nacionalistas baseadas no direito de autodeterminação, difundidas principalmente nos Estados Unidos, em Portugal e na França. Enquanto isso, na África, o anticolonialismo alcança proporções históricas.

Impulsionado pelos movimentos de libertação e independentistas espalhados por todo o continente africano e, em especial, pelos ideais do líder revolucionário Amílcar Cabral, Cabo Verde se alia à luta pela libertação da Guiné. Em 1956, Cabral funda o Partido Africano para a Independência da Guiné e de Cabo Verde (PAIGC). Anos e anos de luta se seguem até o assassinato de Cabral em 1973, um ano antes da Revolução dos Cravos. Em dezembro de 1974, um acordo entre o PAIGC e Portugal é assinado e estabelece-se um governo de transição em Cabo Verde. 5 de julho de 1975 é a data em que o arquipélago se revela ao mundo como nação independente, como canta o poeta Corsino Fortes (2001, p. 124):

Mas no “lh” da palavra Julho
Começa
Esta dor e júbilo
De ser ovo que rola
Do Útero para o Universo

A independência, então, mostra-se como uma oportunidade de solucionar o atraso de um país castigado por suas próprias fragilidades. O rumo do arquipélago passa a estar nas mãos dos próprios cabo-verdianos. Dessa maneira, nos anos oitenta do século XX, o país concebe um modelo de industrialização com vistas à substituição de importações, por meio da criação de empresas públicas financiadas pela APD (Ajuda Pública ao Desenvolvimento).

No que tange às eleições legislativas, sucedem-se duas: uma, em 1980, e outra, em 1985, ambas com sistema eleitoral aprovado pelo Parlamento. Pelo fato de o regime político ser monopartidário, aquelas não eram, de fato, competitivas.

Em setembro de 1990, a Constituição é alterada, a fim de permitir o multipartidarismo político; assim, surge o MpD (Movimento para a Democracia), que vence as eleições de 1991. Essa abertura política modifica o modelo de desenvolvimento econômico, que passa a apostar no setor privado, concedendo ao Estado não mais a função de produtor, mas a de regulador. Daí o predomínio do setor terciário (cerca de 80% do PIB), em que serviços portuários e aeroportuários, comércio e telecomunicações, ao lado do turismo, merecem destaque. Mesmo sob os efeitos da seca, a agricultura representa 11% do PIB, para consumo interno. Os 9% restantes pertencem à indústria e energia.

De acordo com o último Censo, realizado em 2010⁴⁰, Cabo Verde possui 491.875 habitantes, sendo 243.201 homens e 248.282 mulheres. A população crioula, resultante da mestiçagem entre escravos negros levados para o arquipélago e colonos portugueses, tem atualmente como língua oficial o português, acirrando-se neste momento as discussões sobre a implantação do crioulo como língua cabo-verdiana oficial do ensino, a fim de eliminar a presente diglossia⁴¹ e implantar um real bilinguismo que permita aos cabo-verdianos o uso escrito de sua língua efetiva e afetiva. É composta de cerca de 86% de alfabetizados (o número de homens alfabetizados ainda prevalece na ordem de 11% em relação às mulheres alfabetizadas), sendo 43% com educação básica, 31,2% com grau secundário e 5,1% com nível superior.

A taxa de crescimento populacional mantém-se na marca de 1,9% em virtude, sobretudo, da quantidade de cabo-verdianos na diáspora. As secas recorrentes e prolongadas, que causavam a venda emergencial de escravos e a saída dos trabalhadores livres rumo a outras colônias portuguesas, presume-se ser um dos motivos que justificam o espírito dinâmico e de deslocamento do cabo-verdiano.

Há cerca de um século e meio, jovens emigram para Portugal, Itália (principalmente mulheres), Holanda e Estados Unidos, em busca de bens materiais e culturais. Segundo Abdelmalek Sayad (1998), não existe emigração (ou seja, rompimento com seu universo social, econômico, cultural e habitual) e imigração (isto é, agregar-se mesmo que superficialmente a outro sistema social) sem consequências para os emigrantes/imigrantes em relação a si próprios, ao seu país originário, no que concerne à sociedade de acolhimento e, principalmente, frente às condições de trabalho impostas por essa sociedade.

⁴⁰ Dados disponíveis no Portal do Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde: <http://www.ine.cv/dadostats/dados.aspx?d=1>. Acesso em 04 jun. 2013.

⁴¹ Predomínio de uma língua sobre outra, em termos de prestígio social e político.

Para as cabo-verdianas, a diáspora masculina representa uma independência forçada, o transformar-se simultaneamente em pai e mãe, responsável pelo subsídio familiar, pela educação dos filhos, pela harmonia do lar. As múltiplas funções desempenhadas pelas mulheres modificam sua percepção de poder⁴² e ampliam as estratégias em prol de seus interesses individuais e da sua família. Elas atuam predominantemente no setor informal⁴³, sendo muitas denominadas “rabidantes” (sacoleiras), trabalhando também nas áreas de construção civil, pesca, importação e de intermediação entre os meios rural e urbano.

As conquistas femininas têm sido alcançadas paulatinamente em Cabo Verde, sobretudo no que diz respeito ao princípio da igualdade de gênero apesar de as cabo-verdianas terem sido postas, por longos anos, à margem de uma sociedade que ignorava seus anseios. Ainda no período colonial era possível notar, no Código Civil de 1967⁴⁴, uma tentativa de estabelecer aquele princípio, ainda que não fosse feita qualquer referência às palavras “mulheres” e “gênero”:

Artigo 26º

(Início e termo da personalidade jurídica)

1. O início e termo da personalidade jurídica são fixados igualmente pela lei pessoal de cada indivíduo.
2. Quando certo efeito jurídico depender da sobrevivência de uma a outra pessoa e estas tiverem leis pessoais diferentes, se as presunções de sobrevivência dessas leis forem inconciliáveis é aplicável o disposto no número 2 do artigo 66º.

Artigo 27º

⁴² A partir dessa percepção, ocorrem a ativação e a libertação de micropoderes (femininos), antes adormecidos sob o domínio de saberes dominantes (masculinos), a respeito dos quais trata Foucault em **A Arqueologia do Saber** (1987).

⁴³ Demais áreas em que as cabo-verdianas atuam: setor empresarial privado, administração pública, casas de família, ONGs, atividades intelectuais e científicas. No Parlamento Nacional, por exemplo, a representação feminina, com o passar dos anos, tem aumentado consideravelmente: em 1975, havia apenas 1 deputada (1,6% do total); em 1985, 10 deputadas (12%); em 1995, 8 deputadas (11%); em 2006, 11 deputadas (15%); e em 2011, 15 deputadas (20,8%).

⁴⁴ CABO VERDE. **Código Civil (1967)**. Portaria nº 22.869, de 4 de Setembro de 1967. Disponível em: http://www.rjcplp.org/sections/informacao/anexos/legislacao-cabo-verde4919/codigos-e-estatutos-cabo1752/codigo-civil-cabo-verde/downloadFile/file/cabo_verde_codigo_civil.pdf?nocache=1365701924.63. Acesso em 11 jun. 2013.

(Direitos de personalidade)

1. Aos direitos de personalidade, no que respeita à sua existência e tutela e às restrições impostas ao seu exercício é também aplicável a lei pessoal.
2. O estrangeiro ou apátrida não goza porém de qualquer forma de tutela jurídica que não seja reconhecida na lei cabo-verdiana.

A independência de Cabo Verde (1975), cujas lutas pela libertação contaram com a participação ativa de muitas mulheres, dentre elas, Dulce Almada Duarte, como ressalta FERNANDES (2006), é fator contributivo para a emancipação feminina, ao outorgar o direito ao voto eleitoral.

Anos mais tarde, em 1978, forma-se a Comissão Nacional Organizadora das Mulheres de Cabo Verde (CNOMCV) e, em 1981, institui-se a OMCV (Organização das Mulheres de Cabo Verde), organização governamental responsável por cuidar exclusivamente das questões femininas, composta por cabo-verdianas que tiveram participação no processo de luta pela autonomia do país.

Objetivando assegurar a igualdade entre homens e mulheres e anular toda distinção, restrição ou exclusão baseada no sexo, Cabo Verde adere, em 1979 (com ratificação em 1980 e em 2010), à Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (CEDAW).

Um ano depois, é promulgada a Constituição da República de Cabo Verde⁴⁵, com o propósito de definir os princípios políticos da nação e de garantir direitos iguais a todos os cidadãos:

Artigo 23º
(Princípio da igualdade)

Todos os cidadãos têm igual dignidade social e são iguais perante a lei, ninguém podendo ser privilegiado, beneficiado ou prejudicado,

⁴⁵ CABO VERDE. **Constituição da República de Cabo Verde (1980)**. Na versão dada pela Lei Constitucional n. 1/V/99, de 23 de Novembro. Disponível em: <http://www.mj.gov.cv>. Acesso em 12 jun. 2013.

privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de raça, sexo, ascendência, língua, origem, religião, condições sociais e económicas ou convicções políticas ou ideológicas.

Em 1984, passa a ser regimentada a Lei de Despenalização do Aborto, que, para além de suas controvérsias éticas, morais e religiosas, revela-se fulcral, ao destituir das mulheres o estigma social de criminalidade. Em 1997, o aborto seguro nas estruturas de Saúde é legalizado, por meio da Lei para a Interrupção Voluntária da Gravidez (IVG).

Com a abolição do monopartidarismo, nos anos 1990, confere-se às mulheres maior destaque através da concepção de políticas específicas no III Plano Nacional de Desenvolvimento (1992-1995), conforme descrito por Simone Caputo Gomes (2008):

[há] maior integração das mulheres no processo de modernização da agricultura; desenvolvimento do emprego feminino e das cooperativas de mulheres; acesso ao crédito e criação de projetos de desenvolvimento para mulheres; adaptação da escola às condições socioeconômicas das mães; desenvolvimento do ensino pré-escolar como um direito da criança e forma de libertar as mães para o trabalho fora do lar; representação equilibrada nos órgãos legislativos e de decisão.

(GOMES, 2008, p. 275)

A presença de Cabo Verde na IV Conferência Mundial sobre as Mulheres, realizada em Beijing, em setembro de 1995, foi significativa para o reconhecimento, por parte do governo e da sociedade, da discussão da problemática da igualdade entre os gêneros.

A participação do país, nessa conferência foi crucial, influenciando até hoje as acções do instituto, que apostou durante os primeiros anos, na informação e sensibilização da sociedade cabo-verdiana e foi também ocasião para uma ampla difusão sobre problemática igualdade de género no país.

A fim de dirimir as desigualdades entre homens e mulheres, é concebido o primeiro Plano de Ação Nacional de Promoção da Mulher (1996-2000). Em 1997, com o Código Civil - Livro da Família, estabelecem-se igualdades de direitos e deveres entre os cônjuges no núcleo familiar, como, por exemplo, o de determinar que o poder paternal deve ser exercido em conjunto pelos progenitores.

Ademais, o Plano Nacional de Luta Contra a Pobreza (PNLP)⁴⁷ evidencia o empenho em implementar ações e programas de micro-crédito que contribuam para a melhoria da capacidade produtiva dos chamados “grupos vulneráveis”, dos quais fazem parte as mulheres chefes de família.

Em 2004, a violência doméstica (agressão ou maus tratos) contra as mulheres passa a ser crime punível, conforme definido pelo Código Penal (artigo 134), podendo a reclusão variar entre um e quatro anos (PEREIRA, 2013, p.). Seis anos depois, o Parlamento cabo-verdiano aprova o projeto de lei⁴⁸ que transforma a Violência Baseada no Gênero (VBG) em crime público, ao mesmo tempo em que o país ratifica a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência e Discriminação contra as Mulheres (CEDAW) e a Carta Africana dos Direitos Humanos e dos Povos.

Com o propósito de impulsionar e defender os direitos das mulheres, as organizações não-governamentais⁴⁹ multiplicam-se a partir dos anos 1990, cabendo destacar:

⁴⁶ ICIEG. **História do ICIEG**. Disponível em: <http://www.icieg.cv/article/3>. Acesso em 12 jun. 2013.

⁴⁷ O desemprego, principal causa da pobreza no país, oscila entre 11% e 13%, e afeta especialmente as mulheres, cuja taxa ultrapassa em 11% o índice de desemprego masculino (INE/ICIEG/ONU, 2012, p. 46).

⁴⁸ Efetiva-se em março de 2011. Entre os anos 2010 e 2011, o número de casos de violência doméstica duplica em 11 concelhos; entre 2011 e 2012, o valor volta a dobrar em 9 concelhos (INE/ICIEG/ONU, 2012, p. 58).

⁴⁹ Informações disponíveis no site Plataforma das ONGs de Cabo Verde: http://www.platongs.org.cv/index.php?option=com_content&view=frontpage&Itemid=1. Acesso em 13 jun. 2013.

- Associação de Apoio à Auto-Promoção da Mulher no Desenvolvimento (MORABI), de 1992, que luta pela atuação feminina no desenvolvimento social, econômico, político e cultural de Cabo Verde, além de realizar atividades direcionadas à saúde sexual e reprodutiva;
- Organização das Mulheres de Cabo Verde (OMCV) passa a ser ONG em 1991 e desenvolve projetos relacionados a mulheres e crianças, tais como: alfabetização de adultos, jardins infantis comunitários, centros de promoção feminina e programas de micro-crédito;
- Associação das Mulheres Empresárias Profissionais de Cabo Verde (AMEPCV), de 1992, que se ocupa da formação e capacitação das mulheres, por meio de ações culturais e sociais;
- Associação Cabo-verdiana de Mulheres Juristas (AMJ), de 2000, cuja estrutura está voltada à promoção dos direitos humanos, à educação para a cidadania e à formação e capacitação de crianças, jovens e mulheres;
- Rede de Mulheres Parlamentares Cabo-verdianas (RMP-CV), de 2002, que defende a igualdade entre homens e mulheres e administra projetos em prol de maior participação política feminina em Cabo Verde;
- Rede de Mulheres Economistas (REDEMEC), de 2003, cujo objetivo é suscitar maior participação das mulheres na formulação de políticas econômicas, tendo em vista a globalização e o índice de pobreza feminina no país.

Dentre as ações e instituições criadas pelo governo, destacam-se:

- Comissão Nacional para os Direitos Humanos e a Cidadania (CNDHC), de 2004, em substituição ao Comitê Nacional dos Direitos Humanos (que operou entre os anos 2001 e 2004): desenvolve projetos com a intenção de proteger os

direitos humanos e favorecer a educação para a cidadania, tendo como base o Plano Nacional de Ação para os Direitos Humanos e a Cidadania em Cabo Verde (PNADHC);

- Instituto Cabo-Verdiano para Igualdade e Equidade de Gênero (ICIEG), de 2006, anteriormente designado Instituto da Condição Feminina (ICF): é responsável por fomentar a igualdade entre gêneros, com planos de ação locais e nacionais, e promover a efetiva atuação das mulheres em todas as esferas da sociedade cabo-verdiana;
- Plano Nacional para Equidade e Igualdade de Gênero (2005-2011)⁵⁰, que tem como objetivos: desenvolver oportunidades iguais para homens e mulheres; aprofundar o conhecimento sobre a violência contra as mulheres, adotando medidas preventivas; promover o espaço escolar como o de socialização positiva entre gêneros; melhorar as condições de saúde tendo em vista as especificidades femininas e masculinas; impulsionar a igualdade de gênero em todas as instâncias de poder;
- Programa do Governo 2011-2016 para a VIII Legislatura⁵¹, o qual considera a problemática de gênero um dos “4 elementos nucleares do Programa”, definindo como metas: garantia da implementação da Lei VBG, por meio da melhoria de prevenção e auxílio às vítimas; eliminação das práticas discriminatórias em função do gênero na administração pública; promoção do emprego e do empreendedorismo femininos, de modo a reverter a desigual situação atual de rendimentos entre homens e mulheres; criação do

⁵⁰ INE/ICIEG/ONU. **Mulheres e Homens em Cabo Verde: fatos e números 2008**. Disponível em: <http://www.ine.cv/actualise/publicacao/files/15c06ce8-5166-4607-ab90-1e914bc4235aMulheres%20e%20Homens%20em%20Cabo%20Verde.pdf>. Acesso em 13 jun. 2013.

⁵¹ _____. **Mulheres e Homens em Cabo Verde: fatos e números 2012**. Disponível em: <http://www.ine.cv/actualise/publicacao/files/1103929942013Mulheres%20e%20Homens%20em%20Cabo%20Verde.pdf>. Acesso em 17 jun. 2013.

Observatório do Gênero, inaugurado em 27 de março de 2013, por ocasião do Dia da Mulher Cabo-verdiana.

No que tange à saúde das mulheres, os avanços sanitários têm colaborado para as baixas taxas de mortalidade em todas as idades. O relatório dos Objectivos do Milénio para o Desenvolvimento - 2008 (ONU/Cabo Verde⁵²) considera a mortalidade materna em Cabo Verde relativamente baixa, se comparada aos demais países da África subsaariana. O índice de mortalidade materna no país tem diminuído desde os anos 1990, sendo as principais causas de óbitos maternos eclâmpsia, hemorragia e gravidez extra-uterina. O primeiro caso de HIV/SIDA é diagnosticado em 1985. Até 2007, são notificados 2329 casos, sendo 399 novos casos em 2010 (55,9% mulheres), atingindo de forma particular a população ativa, entre 20-34 anos (62,8% dos soropositivos encontram-se nesta faixa)⁵³.

O Plano Nacional de Desenvolvimento Sanitário 2012-2016 atenta-se especificamente aos gêneros e aos grupos etários da população cabo-verdiana e possui como um de seus objetivos

[...] rever a implementação do plano de atenção integrada à saúde da mulher e do plano de acção sobre a oferta dos cuidados obstétricos e neonatais de urgência e reforçar a prevenção e o rastreio dos cancros do colo de útero e da mama; [...].

(CABO VERDE, 2012, p. 43)

Sobre a saúde mental, é intenção substancial do governo de Cabo Verde que todos os portadores de distúrbios mentais e neurológicos sejam bem assistidos por especialistas e possam usufruir de tratamento especializado, com prioridade a

⁵² Disponível em: <http://www.un.cv/omd.php>. Acesso em 18 jun. 2013.

⁵³ Faz-se mister salientar que esses números são atribuídos a casos diagnosticados nos serviços públicos de saúde, estimando-se representar metade do número de casos na população em geral.

estratégias de combate ao suicídio, à dependência tóxica, ao alcoolismo, sendo os grupos principais as crianças e os adolescentes, os deficientes, as mulheres vítimas de violência, os idosos e aqueles que vivem na linha de pobreza.

Segundo a última abordagem estatística e o mais recente estudo epidemiológico dos transtornos mentais (*Ibidem*, 2008), realizados em 1988 e 1989, havia 4,3 portadores de distúrbios mentais para cada 1000 habitantes. Em 2010, as doenças mentais e de comportamento ocupavam o 10º lugar entre as causas de morte. Para prestar atendimento a esses pacientes, estão em funcionamento o Hospital Dr. Agostinho Neto (Praia), o Hospital Dr. Baptista de Sousa (Mindelo) e alguns hospitais regionais, como o da Ribeira Grande.

A fim de defender os direitos dos cabo-verdianos que apresentem limitações na esfera da saúde mental, tem origem, em 2001, a Associação de Promoção da Saúde Mental (A PONTE), ONG que presta assistência humanitária aos doentes e às suas famílias.

No entanto, embora haja esforços, nem sempre estes se mostram suficientes. O número de portadores de transtornos mentais que perambulam pelas ruas de Cabo Verde aumenta a cada ano devido à insuficiência em termos de profissionais qualificados e de espaço nos hospitais, vide notícia publicada no Jornal **A Semana Online**, de 20 de outubro de 2010⁵⁴:

Porto Novo: Mulher doente mental vira perigo para a população

Maria Alta Andrade é um caso paradigmático da violência que ainda encerra a problemática da saúde mental no nosso país. Essa mulher de 50 anos que vagueia pela cidade do Porto Novo porque não tem pessoa nem instituição capaz de cuidar dela, quebra carros, entra nas casas e furta objectos e pertences dos moradores. Mas

⁵⁴ Disponível em: http://www.asemana.publ.cv/spip.php?article57277#ancr_comm. Acesso em 18 jun. 2013.

também ela sofre ataques ignominiosos, a violência mais vil e a pior das violações, porque sexual e suja.

Conforme uma fonte do *asemanaonline*, já vão em mais de dez as vezes que a Polícia recebe denúncias de viaturas quebradas à pedrada, casas furtadas em plena luz do dia, actos supostamente perpetrados por Maria Alta.

E quando Maria Alta apronta, embora tal não aconteça na generalidade dos casos - há sempre os que tentam resolver o assunto com as próprias mãos, aplicando chicotadas, socos, pontapés e muita pancada à prevaricadora-, as vítimas desses desvarios têm o bom senso de accionar a polícia. Esta, por sua vez, conduz a mulher à delegacia de saúde local. Mas o centro de saúde também não sabe o que fazer com a doente mental e ao ver que não tem onde guardá-la devolve-a à polícia. E cansada desse ping-pong, a Polícia vai deixar Maria Alta na sua casa em Alto São Tomé, onde morava até há bem pouco tempo com o companheiro, falecido há três dias, em péssimas condições de vida.

Mas como não tem ninguém para tomar conta dela, nem familiares nem vizinhos e muito menos amigos, Maria Alta volta às ruas para roubar e quebrar tudo... E assim volta o ciclo de violência. A polícia não sabe o que fazer, já que os familiares nunca apareceram para dar a cara e não há em toda a ilha um só lugar para acolher os doentes mentais. Daí, a nossa fonte apelar às autoridades competentes para as providências necessárias.

No entanto, soube este diário, há quem já não suporte "os abusos" de Maria Alta e por isso têm-na agredido violentamente, não são poucas vezes que a chicotearam. Há ainda aqueles que se aproveitam do seu estado de saúde para abusarem sexualmente dessa doente mental que erra desprotegida pelas ruas da cidade do Porto Novo.

Aliás, o caso de Maria Alta, há muito virou um problema nacional: pessoas portadoras de deficiência que sofrem violências constantes por continuarem nas ruas, ao Deus dará.

Carente de uma legislação direcionada à saúde mental, Cabo Verde aprova, em fevereiro deste ano, a proposta de lei apresentada pelo governo, que estabelece os princípios gerais de saúde mental e legitima o internamento obrigatório dos portadores de transtornos psíquicos.

No campo cultural, evidencia-se em Cabo Verde o papel das mulheres como transmissoras da sabedoria: elas intermediam, segundo GOMES (2008) as tradições da comunidade, os costumes, as crenças, a música (em especial, a morna, cuja principal expoente foi Cesária Évora, “a musa dos pés descalços”, morta em 2011), a

culinária. Como os narradores de Benjamin⁵⁵, os primeiros mestres na arte de narrar, as cabo-verdianas prezam pela conservação do passado, ao contar histórias para os filhos durante a noite.

A dança aparece como uma forma de emancipação ao possibilitar que as mulheres se libertem da dominação masculina (no espaço privado) e organizem-se a fim de partilhar as aflições do cotidiano (no espaço público). Os grupos de *batuko*, por exemplo, gênero musical e estilo de dança provenientes do interior da ilha de Santiago, expressam em muitas de suas composições a problemática da desigualdade de gênero, no que tange a lugar, papel e função do indivíduo, como no *finason* (canção popular) abaixo, de um grupo da Ribeira Grande de Santiago (SANTOS, 2010, p. 12):

Diga-me para falar, diga-me para falar
 Que fui cantar a cultura da nossa terra
 Quando cheguei em casa
 Tu me impediste de entrar, disseste-me para procurar o meu espaço
 Diga-me para falar
 Eu nunca te impedi de sair com os teus amigos
 Para irem tomar uma aguardente
 Mas quando eu sair para ir cantar batuco
 Tu injurias-me
 Já perdeste respeito por mim
 Já estragaste a nossa amizade
 Respeita-me que eu te respeito
 Respeita-me, deixa-me mostrar a nossa cultura
 Fui ao batuco
 Estava no terreiro com “sulada” na cintura
 Debaixo de “txabéta⁵⁶” dos mocinhos a rebolar
 Eu rebolo
 Eu rebolo.

⁵⁵ Referimo-nos ao conceito de narrador abordado por Walter Benjamin, em seu ensaio “O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

⁵⁶ *Txabéta* é o batimento rápido e sincronizado das palmas das mãos nas coxas, imitando a percussão do tambor, quando as mulheres cantam o refrão em uníssono.

A revista **Claridade**, cujo surgimento se dá em 1936, marca a constituição de um grupo que impacta o sistema literário cabo-verdiano, a ponto de este ser comumente periodizado em “antes, durante e depois” da **Claridade**. Preocupados com a realidade sociológica das ilhas, os intelectuais Manuel Lopes, Baltasar Lopes da Silva e Jorge Barbosa iniciam uma luta pela criação de uma identidade cultural autônoma.

Embora tenha havido algum empenho em abordar questões femininas, como o fez Baltasar Lopes no conto “A Caderneta”, em que relata o constrangimento sofrido por uma ex-lavadeira ao tentar ocultar do médico sua atual condição de prostituta, o movimento claridoso foi liderado por homens e suas publicações eram quase exclusivamente escritas por homens.

A esse respeito, comenta Vera Duarte em entrevista à jornalista literária Teresa Sofia Fortes⁵⁷:

A Fátima Bettencourt gosta muito de dizer que “Nha Claridade só pariu filhos homens”, numa clara alusão ao facto de a quase totalidade dos autores claridosos serem homens. Graças a Deus estamos a ajudar a mudar este cenário e a moderna literatura cabo-verdiana já começa a estar profundamente marcada pela presença feminina e há mesmo quem acha (Luandino Vieira, por exemplo) que esta presença é o melhor da literatura cabo-verdiana. Eu entendo, juntamente com Simone Caputo Gomes e Carmem Lucia Tindó Secco, que embora os homens continuem a ser numericamente superiores, há já claramente uma literatura de cunho feminino em Cabo Verde.

A literatura cabo-verdiana feita por mulheres surge ainda discreta com a publicação da revista **Mujer**, incentivada pela OMCV que, entre os anos 1982 e 1984, edita 24 números, incluindo assuntos concernentes ao universo feminino específico (como amamentação, por exemplo), além de pautas culturais e políticas. Dentre as

⁵⁷ Disponível em: <http://www.acaboverdeana.org.pt/modules.php?name=News&file=print&sid=55>. Acesso em 12 dez. 2012.

colaboradoras que produziram textos literários figuravam Vera Duarte, Lara Araújo (Madalena Tavares), Eunice Borges, Ivone Ramos e Margarida Moreira.

A dificuldade de edição no país, nos anos 1980, incita muitas escritoras a produzirem para periódicos (GOMES, 2008), como é o caso de Dina Salústio, Manuela Fonseca, Ana Júlia, Alzira Pires, Helena Alinho, dentre outras.

A antologia organizada por José Luís Hopffer Almada, **Mirabilis de Veias ao Sol**⁵⁸, de 1991, divulga a poesia pós-colonial de Cabo Verde, trazendo a público nomes novos como Paula Martins, Alzira Cabral, Arcília Barreto e Ana Júlia e outros já conhecidos, como Dina Salústio, Vera Duarte.

Atualmente, com livros publicados, destacam-se: Orlanda Amarílis, com **Cais do Sodré té Salamansa** (1974), **Ilhéu dos pássaros** (1983), **A casa dos mastros** (1989) e **Facécias e Peripécias** (infanto-juvenil, 1990); Vera Duarte, com **Amanhã Amadrugada** (1993), **O Arquipélago da Paixão** (2001), **A Candidata** (2003), **Preces e súplicas ou os Cânticos da Desesperança** (2005) e **A Palavra e os Dias** (2013); Fátima Bettencourt, com **Semear em pó: contos** (1994), **A cruz do Rufino** (infanto-juvenil, 1996), **Um certo olhar** (crônicas, 2001), **Lugar de pão, suor e alegria** (crônicas, 2008), ; Ivone Aída Ramos, com **Vidas Vividas** (1990) e **Futcera ta Cendê na Rotcha** (2000); Sara Almeida, com **Depois Telefone** (1993); Ondina Ferreira, com **Amor na Ilha e Outras Paragens** (2001), **Maria Helena Spencer - contos, crônicas e reportagens** (2005), **Baltasar Lopes da Silva e a Música** (2006), **Elas contam** (2008), **Inquietações em Crônicas Datadas**, em co-autoria com Armindo Ferreira (2008) e **Contos com Lavas** (2010); e Dina Salústio, com **Mornas eram as Noites** (1994), **A Louca de Serrano** (1998), **A Estrelinha Tlim Tlim** (infanto-juvenil, 1998), **Violência contra as Mulheres** (2001), **O que os olhos não**

⁵⁸ AAVV. **Mirabilis de Veias ao Sol: Antologia dos Novíssimos Poetas Cabo-verdianos**. Lisboa; Praia: Caminho; Instituto Caboverdiano do Livro: 1991.

veem, em co-autoria com Marilene Pereira (infanto-juvenil, 2003) e **Filhas do Vento** (2009).

Esta pesquisa se debruçará sobre a obra **A Louca de Serrano**, de Dina Salústio, a fim de verificar como a autora retrata a história de vida das mulheres cabo-verdianas, tocando em questões relevantes sobre a loucura, nosso principal enfoque, aliada à tradição, à modernidade, à fertilidade e ao preconceito de raiz machista.

2.3 DE CORPO, ALMA E CAPULANA: AS MULHERES MOÇAMBICANAS E SEUS PAPEIS NA SOCIEDADE

Entre o patriarcado e o imperialismo, a constituição do sujeito e a formação do objeto, a figura da mulher desaparece, não em um vazio imaculado, mas em um violento arremesso que é a figuração deslocada da “mulher do Terceiro Mundo”, encurralada entre a tradição e a modernização.

Gayatri C. Spivak⁵⁹

Sou uma mulher e sinto as coisas como mulher que sou. Como é que não hei-de ver as coisas como mulher, como é que não hei-de usar as palavras que as mulheres usam? As mulheres quando se juntam têm a sua linguagem própria, a sua visão e a sua maneira singular de expressar as coisas.

Paulina Chiziane⁶⁰

Com aproximadamente 799.380 km², a República de Moçambique está situada na costa oriental da África Austral, limitada a norte pela Tanzânia, a noroeste por Malauí e Zâmbia, a leste pelo Canal de Moçambique e pelo Índico, a oeste pelo Zimbábue e a sul pela África do Sul.

⁵⁹ **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra P. Goulart Almeida, Marcos P. Feitosa, André P. Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 119.

⁶⁰ Em entrevista concedida a Manuela Sousa Guerreiro. Disponível em: <http://www.ccpm.pt/paulina.htm>. Acesso em 22 out. 2008.

Dividida em onze províncias⁶¹, dentre elas, a capital Cidade de Maputo, o país tem como língua oficial o português e como não-oficiais: cicopi, cinyanja, cinyungwe, cisenga, cishona, ciyao, echuwabo, ekoti, elomwe, gitonga, maconde (ou *shimakonde*), kimwani, macua (ou *emakhuwa*), memane, suaíli (ou *kiswahili*), suazi (ou *swazi*), xichanga, xironga, xitswa e zulu⁶².

A história de Moçambique é a história do hibridismo entre os povos oriundos da África, da Ásia e da Europa. Desse modo, o povo moçambicano acatou distintos processos econômicos, políticos e culturais ao longo do tempo. Por volta do século VII, por exemplo, os suahil-árabes estabelecem mercados na costa do país com o intuito de negociar ouro e marfim, vindos do interior, por produtos de várias origens. É quando se dão os primeiros contatos entre a população local e os povos de origem oriental. As relações deixam de ser puramente comerciais com os casamentos entre as filhas dos chefes nativos e os comerciantes árabes, os quais originam a cultura e o idioma *swahili* (do árabe, “costa”).

Relatos curiosos sobre a história do país durante o século X encontram-se documentados na enciclopédia intitulada **Meadows of gold and mines of gems** (1841), do estudioso árabe Abul Hasan Ali Ibn Husain Ibn Ali Al-Masudi, que viveu entre os anos 888 e 957, e compilou em mais de 30 volumes suas viagens pela Europa, Oriente Médio e por países banhados pelo Oceano Índico. Em seus escritos, Al-Masudi utiliza a palavra *zanj* (em árabe, “terra dos negros”) para denominar a costa sudoeste da África e seus habitantes, os *bantu*:

A ilha é habitada por Islamitas e Zanjs, que não aderiram ao Islamismo. [...] Em Sofala, do país dos Zanjs, outro golfo [Pérsico]

⁶¹ As demais províncias são: ao norte, Niassa, Cabo Delgado e Nampula; ao centro, Zambézia, Tete, Manica e Sofala; e ao sul, Inhambane, Gaza e Maputo.

⁶² Informações obtidas no Portal do Governo de Moçambique. Disponível em: <http://www.portaldogoverno.gov.mz/Mozambique>. Acesso em 22 jun. 2013.

se divide, e é o mar pérsico que vem até el-Obollah [...]. O comprimento deste golfo tem 1400 milhas e a largura da entrada, quinhentas milhas [...]⁶³.

Vários estados *bantu* ocupam o território moçambicano entre os séculos X e XIX. O mais famoso deles é o Império Monomotapa, que se desenvolveu na região sul do rio Zambeze e tinha em mãos o controle das minas e da metalurgia de ferro e ouro da região. Sua destruição data de 1567, após guerra travada contra os lusitanos.

Em fins do século XV e início do século XVI, ocorre a penetração mercantil portuguesa motivada pela quantidade de ouro fornecida em troca de especiarias asiáticas. Os portugueses fixam-se no litoral e erguem o Forte de São Caetano de Sofala (usualmente referido como Fortaleza de Sofala), em 1505, ano que marca a ocupação e a colonização do país. Oficialmente, Moçambique foi descoberto por Vasco da Gama em 2 de março de 1498.

Nos anos que se seguem, os portugueses avançam para o interior, através de conquistas militares apoiadas por missões jesuíticas, estabelecendo feitorias como a de Sena (1530) e a de Quelimane (1544). Como meio de sobrevivência, os portugueses e indianos faziam alianças com os chefes locais, por meio de casamentos com as filhas destes, de comércio e diplomacia (CABAÇO, 2009).

Tais relações desencadeiam a primeira forma de colonização portuguesa: o sistema de prazos⁶⁴. As linhagens africanas originadas da união entre colonos (em sua maioria indianos) e nativos poderiam se tornar poderosas. Posto isto, a Coroa portuguesa decide tomar para si as terras ocupadas por essas famílias e estabelece o arrendamento destas a prazos que eram definidos por três gerações e transmitidos por via feminina:

⁶³ The island is inhabited by Moslims, and by Zanj, who have not embraced the Islám. [...] At the Sofálah⁶³ of the country of the Zanj another gulf branches off, and this is the Persian sea which comes up to el-Obollah [...] The length of this gulf is one thousand four hundred miles, and the breadth at the entrance five hundred miles (1841, p. 261-266).

⁶⁴ Na região da Zambézia, o sistema de prazos teve efetiva participação feminina.

Um grande número de contratos de prazo sobrevivem a partir dos séculos XVIII e XIX e neles pode ser visto, como se inscritas em tábuas de pedra, em linguagem jurídica, as ambições dos portugueses para com sua colônia do leste africano⁶⁵.

(NEWITT, 1995, p. 224)

Tentativa frustrada de assegurar o domínio colonial, visto que muitos dos “senhores feudais” não cumpriam o pagamento à Coroa e ainda cobravam impostos dos camponeses que utilizavam suas terras.

Efetivamente, a colonização portuguesa tem seu início no final do século XIX, com o advento da Conferência de Berlim (1884/1885). Até então, Moçambique desempenhava função de suporte à navegação das rotas do Oriente e de fornecedor de escravos para o Brasil e Caribe (MOSCA, 1999).

A ocupação não foi nada pacífica. A subjugação dos moçambicanos em relação aos portugueses, justificada pelas diferenças militares e tecnológicas entre os dois países, desvanece e aqueles se rebelam, impondo lutas de resistência apoiadas por Mawewe, Muzila, Ngungunhane, Komala, Kuphula, Marave, Molid-Volay e Mataka, monarcas locais.

O colonialismo fascista português, os séculos de opressão e a necessidade de os moçambicanos se identificarem como povo, de se enxergarem como filhos da terra, a exemplo do poema “Identidade”, de Mia Couto (2001, p. 13),

Preciso ser um outro
para ser eu mesmo

Sou grão de rocha
sou o vento que a desgasta

⁶⁵ a large number of *prazo* contracts survive from the eighteenth and nineteenth centuries and in them can be seen, as if inscribed in tablets of stone in their legal language, the ambitions of the Portuguese for their east African colony.

Sou pólen sem insecto

Sou areia sustentando
o sexo das árvores

Existo onde me desconheço
aguardando pelo meu passado
ansiando a esperança do futuro

No mundo que combato
morro
no mundo por que luto
nasço.

culminam com as batalhas pela independência do país. A Luta de Libertação Nacional, liderada pela FRELIMO⁶⁶ (Frente de Libertação de Moçambique) e por seu presidente, Eduardo Mondlane, tem seu ponto de partida na província de Cabo Delgado a 25 de setembro de 1964.

Dois anos antes, em setembro de 1962, em seu I Congresso, a FRELIMO convoca a participação das mulheres na luta armada pela independência:

Moçambicanos e Moçambicanas:

Operários e camponeses, trabalhadores das plantações, das serrações e das concessões, trabalhadores das minas, dos caminhos de ferro, dos portos e das fábricas, intelectuais, funcionários, estudantes, soldados moçambicanos no exército português, homens, mulheres e jovens patriotas,

Em vosso nome,

A FRELIMO proclama hoje, solenemente, a insurreição geral armada do Povo Moçambicano, contra o colonialismo português, para a conquista da independência total e completa de Moçambique. O nosso combate não cessará senão com a liquidação total e completa do colonialismo português.

(MUIUANE, 2006, p. 37-38)

⁶⁶ Força política fundada em 1962 através da fusão de 3 movimentos: a UDENAMO (União Nacional Democrática de Moçambique), a MANU (Mozambique African National Union) e a UNAMI (União Nacional de Moçambique Independente).

A título de esclarecimento, durante o período colonial⁶⁷, mesmo tendo as mulheres se envolvido em ações pela libertação nacional, mal lhes foi concedido um lugar na estrutura política. Mesmo nas sociedades matrilineares, devido em parte à difusão do islamismo, muitas famílias passaram a adotar o sistema patrilinear (BOAHEN, 2010).

Todavia, não se pode deixar de considerar notável a decisão do partido, não somente pela possibilidade de engajamento político das mulheres, mas também pelo fato de que estas existiam (e ainda existem) em Moçambique em número maior do que os homens. Assim sendo, não teria sentido organizar uma luta, que se fazia urgente, sem adesão feminina.

A fim de conceder às mulheres sua devida importância e em reconhecimento à sua presença efetiva na Luta de Libertação Nacional, o Comitê Central da FRELIMO cria, em 1973, a Organização da Mulher Moçambicana (OMM).

Embora este projeto se mostrasse modernizante no que diz respeito às relações entre gêneros, de fato, encontrava-se atrelado aos valores da educação tradicional cristã dos líderes frelimistas, conforme assinala Signe Arnfred⁶⁸, socióloga dinamarquesa que trabalhou como consultora da OMM em Maputo, entre os anos 1981 e 1984:

O problema básico aqui é que a libertação é vista como um processo unilinear. De acordo com esse pensamento, não existe nada além da opressão e da escravidão das mulheres no passado. A OMM descreve o papel delas na “sociedade tradicional” como tendo sido “para servir aos homens - como objeto de desejo, como procriadora e como trabalhadora sem remuneração”.

⁶⁷ Na sociedade tradicional moçambicana, as mulheres não tinham o direito de falar em público, tampouco de comparecer nos tribunais, onde eram representadas pelo tutor.

⁶⁸ Ainda acrescenta que o feminismo era visto pela FRELIMO como um movimento da “petty bourgeoisie” (*Ibidem*, p. 15). Portanto, seria pouco provável que os frelimistas tivessem ideias alinhadas com as das feministas.

A emancipação está no futuro socialista. Isto não dá nenhum reconhecimento para o grau de autonomia que as mulheres mantiveram na "sociedade tradicional" [...]⁶⁹.

(2011, p. 32-33)

O apoio das mulheres e da população em geral à FRELIMO, bem como os movimentos de libertação e independentistas que se espalhavam por outros países da África foram substanciais para a vitória sobre o colonialismo, em 25 de junho de 1975, um ano depois de selados os acordos de paz entre a FRELIMO e o governo português.

Conquanto tivessem o país nas mãos, os moçambicanos respiravam um ar de tensão ocasionado pelos conflitos comandados pela RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana) em reação ao sistema monopartidarista introduzido pela FRELIMO, no começo dos anos 1980. Decorre mais de uma década entre mortes e destruição até a assinatura dos Acordos Gerais de Paz, em 1992.

Em 1994, Moçambique realiza suas primeiras eleições presidenciais multipartidaristas (advento da Constituição de 1990) resultando na vitória da FRELIMO, episódio que se repete nas três eleições posteriores (1999, 2004 e 2009). Com os partidos de oposição enfraquecidos, a FRELIMO amplia sua hegemonia no cenário político, quase que transformando o multipartidarismo na coexistência entre um partido dominante e outros menores com insuficiente força política (AFRIMAP, 2009).

De acordo com o Instituto Nacional de Estatística (2011), o país possui aproximadamente 24.360.000 habitantes, sendo 12.614.000 mulheres e 11.752.000 homens. Em média, as províncias de Nampula e Zambézia são as mais populosas, congregando 40% dos habitantes.

⁶⁹ The basic problem here is that emancipation is seen as a unilinear process. In the past, according to this understanding there has been nothing but the oppression and enslavement of women. The OMM describes their role in "old society" as being "to serve men – as an object of lust, as a procreator of children and as workers without pay". Emancipation lies in the socialist future. This gives no recognition to the degree to which women in the "old society" maintained spheres of autonomy [...].

Deste total, cerca de 80% dos homens e 60% das mulheres, entre 15 e 19 anos, foram alfabetizados⁷⁰. Esta taxa cai consideravelmente entre as pessoas com mais de 60 anos (40% dos homens; 8% das mulheres). Apenas 15,4% da população concluíram o ensino primário e 8,3% o ensino secundário. Dentre as razões principais que levam os jovens a abandonarem a escola, figuram o casamento e a gravidez precoces e a falta de recursos financeiros.

O casamento precoce⁷¹ em Moçambique, para além das influências sócio-econômicas, étnicas e religiosas, é causa ainda do nível elevado de fecundidade no país: 5,7 filhos por mulher. A fim de reverter este quadro, a mais recente Lei da Família, de 2004, introduz uma alteração quanto à idade dos noivos, instituindo o mínimo de 18 anos para contraírem casamento:

Artigo 30

(impedimentos dirimentes absolutos)

1. São impedimentos dirimentes, obstando o casamento da pessoa a quem respeitam com qualquer outra:
 - a) a idade inferior a dezoito anos;
 - b) a demência notória, mesmo nos intervalos lúcidos, e a interdição ou inabilitação por anomalia psíquica;
 - c) o casamento anterior não dissolvido religioso, tradicional ou civil, desde que se encontre convenientemente registado, por inscrição ou transcrição conforme o caso.

(MOÇAMBIQUE, 2004, p. 3)

Assim sendo, proscrevem os princípios adotados na Constituição de 1975, cuja idade mínima para o casamento era 14 anos para as meninas e 16 anos para os meninos⁷².

⁷⁰ São consideradas alfabetizadas em Moçambique todas as pessoas com idade igual ou superior a 15 anos que possuem habilidade de ler e escrever (INE, 2011, p. 37).

⁷¹ O lobolo, dote pago à família da noiva pelo homem, apresenta-se como uma forma de legitimar os casamentos entre homens adultos e meninas, definindo para elas o lugar de subalterna na esfera familiar.

⁷² De acordo com Carlos Arnaldo, em seu artigo “Tendências e Determinantes da Idade de Casamento em Moçambique” (2005), embora a idade média das meninas coincida com a idade mínima para o casamento segundo a nova Lei da Família, mais de metade das moçambicanas casam-se antes de

No que concerne à economia⁷³, 75,2 % da população está ligada às atividades agrícolas, pecuárias, de caça, pesca e silvicultura. O clima, predominantemente tropical e úmido, favorece a agricultura (80% de subsistência), cujos principais produtos são o chá, a castanha de caju, a copra (polpa do coco), a cana-de-açúcar, o algodão e a mandioca. Nessas atividades, as mulheres têm alta representatividade: 86,7% contra 63,4% dos homens, no entanto, em outros setores, tais como indústria, construção, transportes, comunicação, comércio, finanças e energia, a predominância é masculina.

Logo, cabe aos homens o controle sobre os meios de produção em que o domínio da ciência é exigido, restando às mulheres a gestão da casa e outros afazeres relacionados à reprodução da unidade doméstica.

Sobre as questões de gênero, em Moçambique, assim como em outros países africanos, o poder é basicamente masculino, e os direitos das mulheres são associados aos papéis de mãe e esposa, não lhes permitindo o livre exercício da sexualidade e da reprodução (TELES; BRÁS, 2010): muitas são as famílias que condenam a reprodução independente e que educam suas filhas para se manterem virgens até o casamento.

Com o propósito de solucionar esses e demais problemas vivenciados pelas mulheres, surgem as organizações do tipo voluntário, a partir do fim da década de 1980, dentre as quais:

- Associação Moçambicana para a Defesa da Família (AMODEFA), de 1989: promove e defende os direitos sexuais dos jovens, homens e mulheres, contribuindo para o bem estar da comunidade;
- Associação Moçambicana de Mulheres Empresárias e Executivas (ACTIVA),

atingir esta idade. As mulheres da região Norte são as que mais cedo contraem o seu primeiro casamento, com idade média de 16 anos (dois anos mais baixa que a idade mínima legal) e as do Sul as que mais tarde se casam com uma idade média superior a 21 anos em 1997.

⁷³ Embora rico em recursos naturais e situado em posição estratégica na África Austral, Moçambique é um dos países mais pobres do mundo. A escassez de recursos básicos é imensa. O IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) subiu de 0,468, em 2010, para 0,471, em 2011, situando o país entre os de baixo desenvolvimento.

de 1990;

- Associação Moçambicana para Desenvolvimento da Mulher Rural (AMRU), de 1991: busca a união das forças de trabalho para que as mulheres possam gozar dos seus direitos como cidadãs;
- Mulher, Lei e Desenvolvimento (MULEIDE), de 1991: primeira organização de direitos humanos das mulheres do país, cuja criação foi impulsionada pelo surgimento, em 1990, da WILDAF (*Women and Law for the Development in Africa*) e da WLSA (*Women and Law in Southern Africa Research Trust*). É resultado de empenhos nacionais e regionais, envolvendo juristas e pesquisadores das ciências sociais ligados ao Departamento de Estudos da Mulher e Género, do Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane;
- Associação Moçambicana das Donas de Casa (ADOCA), de 1992;
- Fórum Mulher – Coordenação para a Mulher no Desenvolvimento, de 1993: responsável por unir as forças de instituições que prezam pela defesa dos direitos femininos, empreendendo ações eficazes a favor da evolução das mulheres.

A respeito da atuação do Estado, não podemos deixar de reconhecer os esforços e as tentativas em conduzir a sociedade rumo à igualdade de gêneros. Historicamente, a FRELIMO e a OMM, criada em 1972, embora havendo controvérsias como as já explanadas, formam parte essencial do projeto nacional em prol dos direitos das mulheres.

A exemplo disso, a Primeira Constituição, de 1975, apoiava a emancipação feminina e a igualdade entre homens e mulheres em todos os níveis. Anos mais tarde, a Constituição de 1990 corrige a primeira Lei de Nacionalidade, que continha uma

disposição discriminatória ao determinar que a moçambicana que se casasse com um cidadão estrangeiro, após a independência, perderia sua nacionalidade:

ARTIGO 26

1. A mulher moçambicana que tenha perdido a nacionalidade por virtude de casamento pode readquiri-la:

- a) se não tiver adquirido outra nacionalidade, mediante simples comprovação do facto;
- b) se houver adquirido outra nacionalidade, mediante renúncia expressa à mesma.

2. A reaquisição da nacionalidade faz regressar à situação jurídica anterior à perda da nacionalidade⁷⁴.

Seguindo orientação semelhante, a Constituição de 2004 fixa explicitamente o princípio de igualdade ao dispor no artigo 36 que “o homem e a mulher são iguais perante a lei em todos os domínios da vida política, económica, social e cultural”⁷⁵.

Um ano depois, é aprovada a Política de Género, cuja coordenação fica a cargo do Conselho de Ministros e do CNAM (Conselho Nacional para o Avanço da Mulher). Para que esta política fosse iniciada, é elaborado o Plano Nacional de Acção para o Avanço da Mulher 2007-2009 (PNAM), que possui como estratégias principais o acompanhamento das ações propostas pelo governo e pelas Nações Unidas no que tange ao género, a existência de mulheres no poder como agentes de transformação e a implementação de programas de Educação Pública destinados à reavaliação dos atuais papéis sócio-econômicos das mulheres (OSÓRIO, 2010).

Além disso, a criação de outras políticas públicas com vistas a assegurar os direitos femininos por meio de acordos e de programas de desenvolvimento tem se efetivado na África (e em Moçambique), sobretudo a partir dos anos 1980. Seguem alguns deles:

⁷⁴ Disponível em: <http://www.resdal.org/Archivo/d000009e.htm>. Acesso em 01 jul. 2013.

⁷⁵ Disponível em: <http://www.mozambique.mz/pdf/constituicao.pdf>. Acesso em 22 jun. 2013.

- Carta Africana dos Direitos dos Homens e dos Povos: aprovada pela Conferência Ministerial da Organização da Unidade Africana (OUA), em 1981, em Banjul. A Carta, assinada por Moçambique em 2003 e ratificada em 2004, aponta para a discriminação baseada no sexo, igualando o nível desta entre homens e mulheres. A importância deste documento se dá na medida em que faz menção aos direitos das mulheres; até então, apenas os direitos humanos eram referidos;
- Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (CEDAW): adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 1979 e ratificada por Moçambique em 1997, a CEDAW consagra a adoção de medidas para o pleno progresso das mulheres em todas as esferas da nação;
- Declaração dos chefes de Estado ou Governo da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC) sobre Género e Desenvolvimento: assinada em 1997, esta declaração define a igualdade de géneros como um dos fatores-chave para o desenvolvimento da África Austral. Em 1998, é elaborado um aditamento para prevenção e extinção da violência contra as mulheres e as crianças. Importante notar que tanto a declaração quanto o aditamento são reflexos das propostas da IV Conferência Mundial das Nações Unidas sobre a Mulher, realizada em Beijing, em 1995, e da qual Moçambique participou;
- Carta Africana sobre a Democracia, as Eleições e a Governação: assinada em 2007, a carta busca o equilíbrio entre os géneros no processo de governação e de desenvolvimento. Incentiva a presença feminina no poder público.

Em termos de participação política feminina nas estruturas de poder, atualmente, 95 mulheres⁷⁶ (38% das vagas) compõem a Assembleia da República de Moçambique (2010-2014), média bastante acima da encontrada nos parlamentos da África subsaariana, a qual era, em agosto de 2007, de 17,2%.

No entanto, mesmo presentes na política, as mulheres têm pouco poder de decisão nas questões relativas às suas necessidades, conforme analisado por Conceição Osório⁷⁷, pesquisadora da WLSA. Em 2007 e em 2008, a Assembleia agendou o debate e a possível aprovação do Projeto de Lei contra a Violência Doméstica; embora urgente, o projeto foi excluído da pauta de discussão, nas duas ocasiões, por ter sido considerado demasiado complexo. Finalmente, em 29 de setembro de 2009, a Lei contra a Violência Doméstica contra a Mulher foi aprovada em Moçambique.

Ademais, embora haja um número expressivo de óbitos maternos em decorrência de complicações relacionadas a abortos em centros clandestinos, o aborto continua sendo crime, conforme o Código Penal, de 1886. A revisão do Código Penal prevê a descriminalização do aborto, que deve ser ratificada pelo Parlamento Nacional, ainda sem data definida.

Em Moçambique, a violência contra a mulher já atingiu proporções alarmantes. De acordo com o relatório elaborado pela UNICEF (2010), com base nos números cedidos pelos Gabinetes de Atendimento à Mulher e Criança⁷⁸, entre os anos 2006 e 2008, aproximadamente 39.275 casos foram atendidos, tendo sido 64% deles relatados por mulheres. Os motivos que “justificam” a violência doméstica feminina são: “cuidar mal dos filhos” (21,1%), “negar relação sexual” (19%), “ausentar-se sem

⁷⁶ Dados obtidos no site do Instituto Nacional de Estatística de Moçambique. Disponível em: <http://www.ine.gov.mz>. Acesso em 27 jun. 2013.

⁷⁷ Disponível em: http://www.wlsa.org.mz/?__target__=tex_eleicoes2007. Acesso em 23 jun. 2013.

⁷⁸ Em 2010, o país contava com 15 Gabinetes de Atendimento, distribuídos em sete capitais provinciais e oito distritos (UNICEF, 2010, p. 3).

dar satisfação” (18,6%), “discutir” (18,5%), “queimar comida” (12,5%), qualquer um destes motivos (35,8%).

Dada a gravidade da situação, o governo elaborou o Plano Nacional de Acção para Prevenção e Combate à Violência contra a Mulher (2008-2012), cujos desafios são o de mudar o pensamento da sociedade, que enxerga as mulheres como seres subjugados aos homens e à disposição destes, e o de posicionar os homens como líderes de ações de prevenção e combate contra este tipo de violência.

Quanto à saúde, o baixo desenvolvimento econômico e social de Moçambique é indicador das altas taxas de mortalidade e, conseqüentemente, de menor esperança de vida ao nascer. Segundo o último Censo, de 2007⁷⁹, a taxa de mortalidade é de 13,5/1000 habitantes e a de mortalidade infantil, 86,2/1000 nascidos vivos. O índice feminino é menor (14,3/1000) em comparação ao masculino (17/1000).

A malária é um dos principais motivadores de óbito entre os moçambicanos (28,8%), seguido de HIV (26,9%), males que atingem mais homens do que mulheres. A prática da poligamia⁸⁰ associada às necessidades reprodutivas, a falta de conhecimento sobre métodos contraceptivos e as relações de poder desigualitárias entre homens e mulheres, que impossibilitam-nas de negar a relação sexual desprotegida, constituem obstáculos para os programas que têm como objetivo evitar a expansão do HIV. Dentre esses programas, estão o Plano Estratégico do Sector Saúde 2007-2012, do Ministério da Saúde, e o Plano Estratégico 2011-2015, do Ministério da Mulher e da Acção Social.

⁷⁹ INE. **Anuário Estatístico 2011**. Maputo: INE, 2012.

⁸⁰ Embora a Lei da Família disponha o casamento civil como monogâmico, já que este “pode ser juridicamente validado mediante transcrição e registro, é comum os homens praticarem a poligamia, mantendo mais de uma mulher em nome da religião, da tradição ou de um suposto apoio social às mulheres pelo fato de estas superarem em número os indivíduos do sexo masculino” (PEREIRA, 2010, p. 94).

Além dessas preocupações, o Ministério da Saúde se atém aos cuidados com a saúde mental. Desde 1990, o governo adota o Programa Nacional de Saúde Mental (PNSM), visando a humanização dos tratamentos psiquiátricos, a formação continuada de profissionais da área, a implementação de legislação que proteja o doente mental e oriente sua família, bem como a supervisão dos processos clínicos iniciados. Até 1996, o Programa contava com apenas uma médica moçambicana especializada em Psiquiatria, que acumulava funções clínicas e de direção no Hospital Psiquiátrico do Infulene. Neste mesmo ano, graduam-se 34 técnicos em Psiquiatria e Saúde, habilitados para fazer diagnósticos e prescrever psicofármacos, surgindo uma nova carreira profissional no quadro do Sistema Nacional de Saúde.

As 1ª e 2ª Jornadas Científicas de Saúde Mental são realizadas entre os anos 1999 e 2001, com apresentação de trabalhos de pesquisa. Em 2005, forma-se a segunda turma de técnicos e, em 2008, a Seção de Saúde Mental passa a ser Departamento, componente da Direção Nacional de Saúde Pública.

No momento atual, Moçambique possui dois hospitais voltados especificamente para a Psiquiatria: o Hospital Psiquiátrico do Infulene, em Maputo, e o Hospital Psiquiátrico de Nampula. Os Hospitais Centrais, como os de Maputo, da Beira e de Nampula, possuem enfermarias de Psiquiatria e realizam consultas psiquiátricas e psicológicas. Já os hospitais das províncias contam com técnicos que realizam o atendimento de pacientes, realizando diagnóstico e prescrevendo medicação, quando necessário. Os Hospitais Gerais efetuam consultas externas não asseguradas pelo técnico em Psiquiatria e os rurais funcionam com consultas externas em suas unidades.

De acordo com Palmira Fortunato dos Santos (2011), psicóloga clínica do Ministério da Saúde, uma em cada cinco moçambicanas sofre de doença mental. O

uso demasiado de drogas e álcool, associados a conflitos familiares, são agentes provocadores de muitos dos transtornos psíquicos, tornando-se urgente a formulação de legislação que as resguarde. A Lei de Protecção do Doente Mental seria elaborada definitivamente em e submetida ao Conselho de Ministros em 2011⁸¹. Até agora, não há novidade a esse respeito.

Culturalmente, Moçambique é conhecida por sua arte, música e literatura. Malangatana, primeiro nome do artista plástico Malangatana Valente Nguenha (1936-2011), ficou conhecido internacionalmente por atuar em diversos meios artísticos: pintura, escultura, desenho, cerâmica, poesia e música. A técnica *batik* (desenho sobre tecido com cera quente e seu posterior tingimento em cores variadas) é utilizada por vários pintores que percorrem as ruas do país, vendendo seus trabalhos.

A música tradicional, de origem *bantu* e com influência árabe, é criada para acompanhar cerimônias sociais. A timbila chope, instrumento musical, desde 2005, é reconhecida pela UNESCO como patrimônio da humanidade, por sua “natureza única e rara”⁸².

A capulana, também nomeada “kanga”, “pano” ou “pagne”, faz parte da tradição cultural feminina; em tons coloridos, é um tecido com cerca de quatro metros, que serve para cobrir o corpo, podendo fazer as vezes de saia ou de lenço para a cabeça ou pescoço, e carregar as crianças. Vendida por ambulantes, é usada pelas classes mais baixas, em virtude de seu preço acessível.

No que tange à literatura produzida em Moçambique, é a partir dos anos 1950 que esta se torna consistente, com a publicação da coletânea **Poesia em Moçambique**, em 1951, pela Casa dos Estudantes do Império, na qual encontravam-

⁸¹ Informações obtidas no site do Departamento de Saúde Mental (Ministério da Saúde): <http://www.misau.gov.mz/index.php/unidadesorganicas/dnsp/departamento-de-saude-mental>. Acesso em 23 maio 2013.

⁸² Disponível em: www.cnumunesco.org.mz/index.php?option=com_content&view=article&id=52:-iniciam-accoes-para-preservacao-da-timbila&catid=1:latest-news&Itemid=50. Acesso em 02 jul. 2013.

se reunidos poemas de José Craveirinha, Rui Knopfli e Noémia de Sousa.

Anos mais tarde, a força poética se consolida com as obras de Luís Carlos Patraquim, Mia Couto, Eduardo White, Néilson Saúte, Armando Artur e Filimone Meigos.

Algumas obras narrativas surgiam, de tempos em tempos, como a precursora **Godido e outros contos**, de João Dias, em 1952, **Nós matamos o cão tihoso**, de Luís Bernardo Honwana, em 1964, e **Portagem**, de Orlando Mendes, em 1966. Com a narrativa de Mia Couto, nos anos 1980, a ficção ganha espaço nas letras moçambicanas. Além de Mia Couto, Ungulani Ba Ka Khosa, Lília Momplé, Paulina Chiziane, Suleiman Cassamo e outros ficcionistas revelados pela revista **Charrua**, como Aníbal Aleluia e Pedro Chissano, compõem essa geração.

Na esfera feminina, Noémia de Sousa é considerada o maior expoente literário pré-independência e, no pós-independência, continua sendo a mais prestigiada representante da poesia escrita por mulheres, conforme atesta Érica Antunes Pereira (2010, p. 100-102):

Foi mesmo na seção “Página para a mulher” que Noémia de Sousa, em fevereiro de 1949, publicou o poema “Poesia, não venhas!”, assinando-o com as suas iniciais, N.S., despertando de vez a atenção para sua escrita literária, levada a público pela primeira vez em 1948, quando saiu seu poema “Canção fraterna” no Jornal da Mocidade Portuguesa [...].

[...] na poesia de autoria feminina, a obra de Noémia de Sousa foi e continua a ser referência na literatura moçambicana, buscaremos observar, em **Sangue negro** (2001), sua única obra publicada em vida – resultante, é bom lembrar, da publicação esparsa de poemas, sobretudo no jornal **O Brado Africano** –, como é documentada a história e o cotidiano moçambicano [...].

Depois da independência, aparecem outros nomes com voz ativa, como o de Lília Momplé, cujo primeiro livro **Ninguém matou Suhura**, publicado em 1988, exalta as mulheres em seus papéis de combatente, educadora e mãe, e o de Paulina

Chiziane, que tem uma vasta e corajosa produção literária, a qual suscita debates acerca de temas polêmicos como poligamia e religião. Em entrevista a Michel Laban (1998, p. 976), a autora enfatiza:

[...] (n)uma situação de poligamia, os filhos têm todos um lar, têm todos um pai, uma mãe, não são filhos desamparados – o que já não acontece nos dias de hoje. Bem, a sociedade moçambicana actual vem da poligamia e os homens ainda não estão habituados à ideia da monogamia. Então, oficialmente, para todo o mundo ver, são casados com uma mulher, mas têm sempre duas, três, quatro, e vão fazendo filhos por aí.

São ainda de autoria de Lilia Momplé **Neighbours**, de 1995, e **Os olhos da cobra verde**, de 1997.

Atualmente, as obras publicadas de Paulina Chiziane são: **Balada de amor ao vento**, de 1990; **Ventos do Apocalipse**, seu segundo romance, inicialmente editado em Maputo, em 1995, pela própria autora, e em 1999, pela Editorial Caminho, que também é a editora responsável pelos romances seguintes: **O sétimo juramento**, de 2000, **Niketche: uma história de poligamia**, de 2002 e **O alegre canto da perdiz**, de 2008. Também em 2008, **As andorinhas**, livro de contos, foi publicado em Maputo pela editora Índico. Recentemente, no final de 2012, foi lançado **Na mão de Deus**, pela Carmo Editora, em co-autoria com Maria do Carmo da Silva.

Este trabalho se propõe a investigar como se constrói a temática da loucura no romance **O Alegre Canto da Perdiz**, representada pela mulher africana (e personagem) Maria das Dores (louca do rio), que pode ser compreendida como uma voz carregada de solidão, dor, negação, rebeldia e inconformismo.

CAPÍTULO 3

A LOUCURA FEMININA NAS LITERATURAS CABO- VERDIANA E MOÇAMBICANA

[...] a loucura fascina porque é um saber. É um saber, de início, porque todas essas figuras absurdas são, na realidade, elementos de um ser difícil, fechado, esotérico. [...] Este saber, tão inacessível e temível, o Louco o detém em sua parvoíce inocente. Enquanto o homem racional e sábio só percebe desse saber algumas figuras fragmentárias – e por isso mesmo mais inquietantes –, o Louco o carrega inteiro em uma atmosfera intacta: essa bola de cristal, que para todos está vazia, a seus olhos está cheia de um saber invisível.

Michel Foucault⁸³

3.1 A LOUCA DE SERRANO⁸⁴, DE ROMANCE HOMÔNIMO

Com o romance **A Louca de Serrano**, publicado em 1998 e o primeiro de autoria feminina em Cabo Verde, Dina Salústio conquista “a promoção de importantes rupturas na atual ficção isleña, marcando assim, de forma assaz singular, a literatura cabo-verdiana contemporânea”⁸⁵.

A dedicatória no início da obra — “Para Júlia, uma mulher louca que me amou mal eu tinha vivido, essa loucura de não poder esquecê-la” (SALÚSTIO, 1998, p. 7) — alerta o leitor sobre o tipo de história que encontrará: a nada comum vivência dos habitantes da enigmática e louca Serrano, uma aldeia rural esquecida da civilização. Em entrevista a Genivaldo Rodrigues Sobrinho⁸⁶, concedida em 2009 a nosso pedido, a autora revela detalhes acerca da homenagem:

⁸³ **História da Loucura na Idade Clássica**. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2008, p. 20-21.

⁸⁴ Todas as referências à obra **A Louca de Serrano**, nesta tese, fazem parte da edição publicada em 1998, na Praia, pela Spleen Edições.

⁸⁵ ALMADA, José Luís Hopffer. **A Louca de Serrano**, de Dina Salústio. In: **Jornal A Semana**. Praia, 30 de dezembro de 2007, p. 1.

⁸⁶ Entrevista realizada na Praia, em 19 de dezembro de 2009, na residência da escritora.

Júlia é... foi uma mulher louca, quer dizer, Júlia acompanhou um bocado da minha infância durante uns 3 anos, meus primeiros 3 anos. Quando eu nasci, a filha tinha morrido uns 15 dias antes, então, ela convenceu-se de que eu era a filha dela. Então roubava-me. Como eu era gêmea com outro rapaz, eu tinha uma ama, tinha uma ama só para mim. E essa mulher que era louca, acho que ela já era louca antes de perder a filha e ela convenceu-se de que eu era a Anita. A Anita era a filha dela. E carregava-me, roubava-me, depois voltava comigo, levava-me ao cemitério, quer dizer, ela fazia-me, fazia-me não, fazia à minha mãe a vida negra. Mas eu gostava muito dela [...].

Serrano, a aldeia ficcional retratada no romance, configura-se como zona de contato entre os espaços rural e urbano, suas culturas e seus discursos, a partir dos relatos de vida de seus habitantes. Além das pessoas que circulam no cotidiano da aldeia, as presenças de Fernanda/Genoveva San Martin, de seus colegas, e da equipe de reportagem de Sílvio Luxemburg, ocupada com as notícias de que “[...] brevemente um grande complexo industrial ia ser implantado no local” (SALÚSTIO, 1998, p. 78), tornam possível a mescla de informações entre a população local e o espaço global, entre a tradição e a modernidade, aqui representada pelas imagens eternizadas em fotos.

A indefinição do espaço físico em que se desenrola a ação concede ao romance um caráter ambíguo, de estranhamento, prenunciado na caracterização da aldeia — “quase bela, quase mulher, quase homem” (*Ibidem*, p. 15) —, e refletida no teor narrativo, por vezes, cômico — “gritou para o homem mais gordo que queria anotar todas as palavras, fungadelas e suspiros do seu capitão” (*Ibidem*, p. 20) —, por vezes, trágico, “Gremiana, a moça que se revoltou contra a aldeia e os seus costumes e tinha sido atirada às águas em dia claro que se fez escuro” (*Ibidem*, p. 72), e nas sucessões ora contínuas, ora descontínuas dos fatos, causando dúvida a respeito do

que é real, cotidiano, e o que é fantasia, imaginação, loucura, remetendo-nos ao que Todorov (2007, p. 47-48) denomina tempo de hesitação na literatura fantástica:

O fantástico, como vimos, dura apenas o tempo de uma hesitação: hesitação comum ao leitor e à personagem, que devem decidir se o que percebem depende ou não da ‘realidade’, tal qual existe na opinião comum. No fim da história, o leitor, quando não a personagem, toma, contudo, uma decisão, opta por uma ou outra solução, saindo, desse modo, do fantástico.

O fantástico também se revela na demasiada preocupação com a quantificação e na medida exagerada da altura da “porta fantástica” da casa da parteira (3,99 metros). O número três, por exemplo, aparece em várias passagens do livro (p. 14, 17, 18, 20, 22, 23, 24, 26, 48, 53, 86, 91, 93, 101, 104, 116, 151, 157, 166, 178, 190). Representação simbólica da união e da harmonia, o triângulo, segundo Chevalier (2003) é a primeira figura geométrica produzida por linhas retas, sendo um dos símbolos do sagrado. Ele denota as três esferas cósmicas, planos inferior, material e superior, e as três dimensões humanas, corpo, mente e espírito. Daí decorre a perfeição estabelecida com a triangulação entre as personagens Louca de Serrano, Fernanda/Genoveva e Filipa, cujo encontro, ao final do romance, promove o fechamento cíclico do tempo e da história. Justificada pela autora como forma de chamar a atenção do leitor para esta dimensão, a altura da porta pode estar atrelada à liberdade:

eu acho que o mundo tem que ir para a altura, para outros caminhos, para outras aventuras. E a largura, quanto à largura é o (espaço) que está no chão, em que a gente não precisa muito para estar no chão, a gente precisa muito para voar, mas pouco para estar no chão⁸⁷.

⁸⁷ Idem.

Liberdade que pretende ser alcançada por meio do discurso denunciativo, por vezes irônico, que percorre toda a obra e, em especial, as primeiras páginas, nas quais podemos conferir críticas à ignorância em relação às mulheres:

A jovem não teve direito a um tempo para dizer que não podia estar grávida porque desconhecia macho na sua natureza, ignorante das vezes em que algumas mulheres pelo mundo afora engravidam sem terem sido tocadas por macho, acabando por se conformar com os rótulos e rituais existentes para não incorrerem no desconforto incrédulo das demais criaturas.

(SALÚSTIO, 1998, p. 11),

E também aos rituais

[...] as águas da grávida recusavam rebentar, apesar da papa que foi obrigada a beber, feita com sangue de corvo e lama negra de uma fonte muito conhecida, solução segura para as situações de mulheres de águas preguiçosas, [...]

(*Ibidem*, p. 11),

à magia negra

Inconfidências titubeadas por vozes coladas ao chão revelaram que a parteira que por algum tempo trocava do ofício de ajudar a dar à luz inocentes criaturas para ajudar rapazes a entrar com sabedoria no mundo adulto, ou ainda se entregava a actos de expurgar de males ruins a virilidade dos homens, pela certa, devia ter poderosas alianças com forças ocultas, tal o desfecho vitorioso de cada intervenção.

(*Ibidem*, p. 13-14)

e às diferenças sócio-culturais

O chefe deu ordem de retirada e decidiu que passasse a constar do relatório a ser apresentado superiormente que, da próxima vez que

voltassem àquele fim de mundo, deveriam ser enquadrados por uma proteção policial porque os selvagens não ofereciam confiança [...] (Ibidem, p. 20).

Espécie de lugar-personagem, Serrano é envolvida por uma atmosfera de suspense e mistério, principalmente em torno da gravidez de Fernanda — “Quem seria o homem que tinha engravidado Fernanda? Que prazer teria ele tido nos braços do pai de Filipa?” (Ibidem, p. 100) —, cujas decifrações a esse respeito se realizam a partir de seu objeto (BARTHES, 1976), com a proposta exclusiva de reunir uma identidade fragmentada, de suscitar um nome que não existe, neste caso, o do pai biológico de Filipa.

Embora haja indicativos que conferem à obra um caráter universal —

Esta é, sem dúvida, a lembrança de um tempo sem nome e sem história, como muitas que envolvem mulheres e homens em todas as épocas e lugares e asfixiam de tanto encanto, ou geralmente, de tanta impiedade.

(p. 26),

Simone Caputo Gomes (2000, p. 277) atenta-nos para a possibilidade de Serrano representar Cabo Verde:

Serrano, na pena, pincel ou câmera de Dina Salústio, uma povoação pequena, rural (de sol, chuva, sementeira, colheita), “fronteira de fronteiras”, “pedaço de terra forte”, de “pele lamacenta e alma rochosa”, batida pelo “vento incansável”; de mulheres e crianças “improvisando o batuque em latas velhas”, onde “uma cabra amamenta o bebê” e alguém “se afoga em grogue”, evoca-nos um cenário já conhecido: Santo Antão e, por extensão, Cabo Verde.

Esse aspecto também é evidenciado por Jorge Carlos Fonseca⁸⁸, que qualifica os nomes das personagens Bia e Maninha como muito comuns e típicos de Cabo Verde, além de citar a linguagem e a simbologia empregadas no encontro entre Maninha e Jerónimo, e as características do clima da aldeia:

Jerónimo ter feito Maninha mulher na oficina do quintalão (haverá cena mais pressentidamente cabo-verdiana?!) ou a descrição do tempo da gente de Serrano: "era o sol, a chuva, as sementeiras e as colheitas ou qualquer outro que não viesse envolto em promessas que não decifravam [...]".

Em sua obra **Questões de Literatura e de Estética** (2010), Mikhail Bakhtin denomina cronotopo (do grego, *cronos*: “tempo”; *topos*: “lugar”) a interligação das relações espaciais e temporais na literatura e sua indissociabilidade, constituindo-se como centro construtivo dos acontecimentos mais importantes do romance. O processo de absorção do cronotopo — do tempo, do espaço e do indivíduo histórico real que se mostra neles — contribui de modo substancial para que a narrativa adquira um caráter tangível. Em **A Louca de Serrano**, a indissociabilidade entre tempo e espaço se dá por meio da intersecção entre os espaços rural e urbano e da sequência de estágios temporais (a maldição de Serrano, o nascimento de Filipa, as festas que comemoram o final de 1994). São os espaços que mantêm latentes as marcas do tempo passado no tempo presente, graças à memória.

A questão da nomeação, manifestada pelo episódio dos batismos da aldeia e da louca, merece um olhar mais atento. O batismo da aldeia, ordenado pela louca (que empresta sua voz à velha parteira), é fator desencadeador de sua própria nomeação. Dadas as afinidades semânticas entre a aldeia e a louca, o nome escolhido pela

⁸⁸ "A louca de Serrano": o percurso de um inesperado e ingénuo mergulho ou as loucas confissões de um leitor. Disponível em home.no/caboverde/dinasalustio.doc. Acesso em 09 jul. 2013.

população para esta é Louca de Serrano, expressão metonímica que a identifica como parte (conteúdo) integrante do continente.

Carregar o nome da aldeia sem se sentir parte desta — revelada no desejo da Louca de encontrar “seu lugar” (SALÚSTIO, 1998, p. 33) — representa a perda de identidade, a mortificação do “eu”; significa receber um *status* natal que não pertence ao “eu” (DERRIDA, 2002), mas ao objeto, ao “outro”.

O romance nos traz histórias de mulheres que enfrentam as agruras do destino reservado a elas. Mulheres como Filipa, que enxerga nos sete anos de mudez uma forma de resistência contra as adversidades da vida. O seu encontro com a palavra se faz pela descoberta da liberdade.

Na conversa complicada entre o padre e a avó, Filipa identificou poucas frases, sem no entanto lhes perceber o sentido final, mas quando escutou uma palavra que o pai disse algumas vezes junto dela, aliás em momentos que lhe pareceram de bastante tristeza, ficou mais acordada e perguntou-lhes o que era aquilo de **liberdade**⁸⁹.

(SALÚSTIO, 1998, p. 117)

Mulheres como Fernanda (ou Genoveva), que enfrenta os preconceitos sociais e raciais, por eleger um homem negro e sem posses como seu companheiro:

Terá ainda lugar nestas páginas o registo de Filipa que, de acordo com aquilo que a avó materna contou para um advogado, carregava o nome como promessa feita pelo pai ao santo de sua devoção, San Martin, numa manhã que se prolongou por vários dias de gritos, confusão e incertezas sobre o sucesso de um parto dito prematuro. Filipa, uma menina amarrada no silêncio nos melhores anos de sua infância que, quando finalmente livre, não deixou que um dos seus lados de mulher tivesse voz.

(*Ibidem*, p. 26)

⁸⁹ Grifo nosso.

Como Gremiana, que, não se conformando com a procriação, destino reservado às mulheres, prefere a ausência de filhos. Acaba sofrendo as consequências por tal escolha. Sua voz tem como propósito o de expressar a loucura, a face visível da transgressão, a rebeldia e o inconformismo das mulheres que habitam a narrativa:

Nunca mais se falou no nome da jovem, fosse noite pesada ou dia aberto, salvo quando a ribeira corria mais forte, com desespero, se se pode assim dizer e a terra parecia rebentar por todos os lados. Nessas ocasiões ouvia-se rumores em voz sumida, pensamento só, que no grito das águas que furava o ar era o grito da rebelada que se ouvia.

As mulheres mais velhas lembravam então que no meio das águas, a morrer, debatendo-se entre a corrente e as pedras e sabendo que já não podia ir a lugar nenhum de gente viva, Gremiana não suplicou, e gritou e voltou a gritar que os homens de Serrano eram uns animais hipócritas e covardes. Pedacos dos seus gritos berravam ainda que ela não daria nunca ao Valentim o prazer de lhe salvar o seu orgulho podre de homem a troco de ser coberta por macho que não desejasse.

(Ibidem, p. 73)

E como Maninha, que, por ser estéril, carrega consigo as dores de pertencer a um mundo onde a fertilidade é símbolo da imobilidade e normalidade sociais:

Maninha consumia-se de inveja das companheiras que já tinham crianças e iludia-se a olhar para o pequeno baú com as roupas do bebé, ao qual juntou um saco de plástico enorme e uma caixa de papelão que dantes pertencera a uns sapatos [...]. Em todos aqueles anos de esperança falhada qualquer tostão que juntava era para o enxoval e nunca comprava um vestido ou uma saia para ela, porque – brevemente vou estar com barriga e nada me irá servir, sabe? – e continuava a sonhar, a modificar as roupas e a lavar mais uma fralda, desencardindo-a do amarelo obscuro das marcas de um tempo sem uso, antes de a arrumar de novo.

(Ibidem, p. 54-55)

A tradição aparece na figura da parteira (“velha-velha”), detentora do saber e da transmissão deste; é ela quem inicia os rapazes na vida sexual e age como conselheira na cura de problemas com a libido:

[...] os braços e os dedos alongavam-se até entrar na carne e nos músculos, continuando pelo sangrento interno de cada homem que ela amassava e moldava até que nas suas poderosas mãos não sobrava nada, nem mesmo sombra de ideia mal definida que inviabilizasse a atividade sexual daquele que passara a soleira da sua porta de três metros e noventa e nove de altura por setenta e um centímetros de largo [...].

(*Ibidem*, p. 13)

As histórias de vida dessas mulheres são observadas pela Louca, protagonista do romance, destinada a infinitas reencarnações e posta à margem da sociedade, por ser fruto de um incesto. Por visualizar na personagem atitudes de grandeza, o narrador enaltece sua história de vida, a fim de que o leitor se solidarize com ela:

Encontram-se aqui, sem dúvida, pedaços da vida da mulher que baptizou Serrano, conhecedora de todos os segredos do vale, origem desta breve narração, [...]; uma jovem que não encontrou homem, mulher, bandido ou animal que fosse, que a tivesse chamado filha, que a tivesse feito mulher e por isso, para se vingar, amaldiçoava as criaturas do lugar que, por cumplicidade, tinham torcido o seu destino e a conheciam por Louca de Serrano.

(*Ibidem*, p. 26)

Embora não tenha uma aparência física determinada, nem se fixe a um espaço ou a um tempo real, “aparecia no povoado por artes desconhecidas para desaparecer do mundo visível dos vivos quando completava os trinta e três anos [...]. Depois voltava a aparecer, filha de gente nenhuma, de lugar e tempo nenhuns, criança, mulher.” (*Ibidem*, p. 26), a louca possui bem definida a idealização de um mundo distinto daquele que a cerca. Para alcançá-lo, dá voz aos seus ideais e grita, como o faz ao profetizar o fim apocalíptico da aldeia num imenso dilúvio trazido pelas águas da barragem:

A Louca de Serrano afirmou em altos berros que a velha-velha tinha sido castigada por ter baptizado o vale, contrariando os espíritos que o tinham condenado a nunca receber nome, aliás a mesma maldição

que os impedia de serem lembrados como indivíduos únicos [...]. Quando Filipa disse à jovem louca que se contava na aldeia que foi ela, numa outra vida, quem tinha de facto baptizado Serrano, ela respondeu agastada que simplesmente tinha socorrido a parteira burra, que já não tinha ideias, para não deixar mal colocadas as gentes da povoação diante dos estranhos. No meio do berreiro ou da cantinela, conforme os humores, repetia que havia de chegar uma hora, mal nascesse o sol, em que as águas iriam levar o vale com elas, livrando o mundo, para sempre dos estupores que eram os serranese e as serranas. Quando ela assim gritava as mulheres corriam a perguntar à parteira se havia alguma verdade naquilo que saía da boca da endemoninhada, espécie que aparecia no povoado, criança desprotegida, para passado pouco tempo erguer o corpo e transformar-se na lembrança ambulante da ameaça que pairava sobre a bela Serrano. Também por isso eles odiavam-na.

(*Ibidem*, p. 144-145)

Este tipo de manifestação insólita concede à loucura uma marca de animalidade, despojando a Louca do que nela “podia haver de humano” (FOUCAULT, 2008, p. 151), ao representar temor para a comunidade. Assemelha-se às chamadas bruxas renascentistas do **Malleus Maleficarum**, constatando-se a singularidade de sua condição.

Ao lado dela (e, por vezes, confundindo-se com ela) aparece Filipa, mulher contemporânea, representante da geração feminina dos San Martín. Dentro do espaço em que o iletramento prevalece, os excertos narrativos da vivência entre Filipa e a Louca resgatam uma sabedoria *outra*, como nos mostra o episódio em que elas se encontram junto à fonte:

Um dia, junto da fonte, enquanto Filipa chorava a morte de um peixe, ela disse-lhe que a morte não dá sofrimento e que a única dor é alguém viver a vida que não lhe foi destinada, como ela própria vivia, cumprindo a maldição que caíra por si, quando um homem interrompeu o seu voo, ainda criatura no saco, em noite de Lua Nova, a caminho de sua verdadeira casa. Na hora em que Filipa deixava a aldeia, a jovem, parecendo mais atrapalhada do que nunca, disse-lhe que um dia seria feliz porque encontraria o seu lugar, apesar das centenas de luas que haviam de passar e dos imensos obstáculos que teria de vencer antes de achar o seu poiso. [...]

(SALÚSTIO, 1998, p. 33)

Dotada da capacidade de perceber a realidade, a Louca exerce a função de sábia, revelando aquilo que não pode ser dito, ainda que não tenha o poder da enunciação, a exemplo do Príncipe Míchkin, de Dostoiévski, cujo dom intuitivo permite-lhe que enxergue a índole das pessoas, mesmo em sua idiotice.

Assim como Júlia, a quem o romance é dedicado, e Maria Alta, mencionada no capítulo anterior, a Louca participa de uma loucura livre, que escapa ao tratamento, à psiquiatria, como tantas portadoras de transtornos mentais que vagueiam pelas ruas de Cabo Verde e do mundo. Mas dentro do espaço literário, a loucura da protagonista, metáfora da liberdade, aparece idealizada, revelando o desejo feminino em alcançar o inalcançável, em explorar o terreno recalcado da mente.

3.2 A LOUCA DO RIO, DE **O ALEGRE CANTO DA PERDIZ**

“Entre as pernas da mulher, correm os caminhos do mundo”⁹⁰ (CHIZIANE, 2008, p. 9). É com esta frase, da escritora angolana Dya Kasembe, que Paulina Chiziane convida o leitor a viajar pelas linhas de **O alegre canto da perdiz**, quem sabe na tentativa de reatualizar o velho mito da mulher redentora. Michelle Perrot (2006, p. 168) atenta para o fato de que as representações de poder das mulheres na arte são numerosas e antigas, mas muitas vezes recorrentes. Elas modulam a aula inaugural do **Gênesis**, que apresenta a potência sedutora da eterna Eva:

As representações do poder das mulheres: imenso tema de investigação histórica e antropológica. [...] A mulher, origem do mal e da infelicidade, potência noturna, força das sombras, rainha da noite, oposta ao homem diurno da ordem e da razão lúcida [...].

⁹⁰ Todas as referências à obra **O alegre canto da perdiz**, nesta tese, fazem parte da edição publicada em 2008, em Lisboa, pela Editorial Caminho.

Em entrevista a Waltecy Alves dos Santos⁹¹, Paulina Chiziane afirma que

[...] na história do Ocidente, a condição de filhas de Eva é o laço de sangue comum a todas as mulheres do universo. [...]. Há diversos relatos bíblicos a este respeito, porém o mito de Adão e a concepção de Eva e sua postura desobediente é o que mais deixou resquícios na visão ocidental.

Em seus escritos, Chiziane tece sua voz misturada à voz de outras moçambicanas. Considerada a primeira romancista de seu país, ela prefere se definir como “uma contadora de estórias”⁹², já que sua inspiração vem “dos contos à volta da fogueira”, sua “primeira escola de arte”.

São os “contos à volta da fogueira” que permitem construir uma temporalidade já decorrida, através da presentificação daquilo que se esvaiu, pela oralidade. Ao escrever suas estórias, a autora fixa o passado, inaugurando uma nova temporalidade, que oscila entre o pretérito e o presente, mas não se retém em nenhum deles. E é nesse propósito que a memória, como elemento de historicidade, traz para o campo do enredo um importante elemento: o testemunho, atribuindo à narrativa coerência e significado (PESAVENTO, 2005)

No romance, o canto e o conto se misturam à voz *griotizadora* da escritora (VALENTIM, 2008) representados, logo no início da narrativa, pela “velha esposa do régulo”, detentora da sabedoria, única a não estranhar a atitude da louca em nadar nua no rio Licungo, desmistificando o sinal de mau presságio notado pelas mulheres que haviam presenciado o ocorrido:

⁹¹ Entrevista concedida em 05 e 06 de novembro de 2008, no Centro Cultural São Paulo. A transcrição faz parte da dissertação de mestrado do entrevistador intitulada **A voz feminina na literatura de ascendência africana: hibridismo de mitos e ritos nos romances Niketche de Paulina Chiziane e A Cor Púrpura de Alice Walker**. 2008. 186f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) - PUC, São Paulo, 2008, p. 158.

⁹² Palavras de Paulina Chiziane em apresentação feita pela Editorial Caminho, em 09 Nov. 1999.

- Calma, criaturas. Não houve presságio nenhum na guerra que foi, mas morreu gente. Não houve anúncio na seca que findou, mas houve tormenta. Não houve profecias misteriosas antes da praga de gafanhotos que dizimou os campos e nos matou de fome.

A voz da mulher do régulo era chuva fresca. Tinha o poder de serenar multidões. Era o poder das ondas mansas embalando as embarcações na valsa da brisa. [...]

- Ela trazia uma boa nova escrita do avesso – garante a mulher do régulo. – Mensagem de fertilidade. Essa maluca era a verdadeira mensageira da liberdade, minha gente.

(CHIZIANE, 2008, p. 20)

Esta personagem, prestigiada por sua sabedoria — o “lado épico da verdade” (BENJAMIN, 1996, p. 201) —, relata, pela voz do narrador, que o mundo foi criado tendo como centro os montes Namuli:

No princípio de tudo. Homens e mulheres viviam em mundos separados pelos Montes Namuli. As mulheres usavam tecnologias avançadas, até tinham barcos de pesca. Dominavam os mistérios da natureza e tudo... eram tão puras, mais puras que as crianças numa creche. Eram poderosas. Dominavam o fogo e a trovoadas. Tinham já descoberto o fogo. Os homens ainda eram selvagens, comiam carne crua e alimentavam-se de raízes. [...] Um dia, um homem jovem tentou atravessar o rio Licungo, para saber o que havia. Ia afogar-se quando aparece a linda jovem, sua salvadora, que meteu o homem no seu barco. Como houvesse frio, a jovem tentou reanimar o moribundo com o calor do seu corpo. O homem olhou para o corpo dela, completamente aberto, um antúrio vermelho com rebordos de barro. Ali residia o templo maravilhoso, onde se escondiam todos os mistérios da criação. E depois...

(CHIZIANE, 2008, p. 21)

Símbolo da perdição da humanidade, de acordo com os preceitos cristãos, Eva, assim como Maria das Dores, que mergulha nua nas águas do rio Licungo, é imaginada aqui como ideal de beleza e feminilidade, aquela que possibilita aos homens a salvação, pondo fim à mitologia patriarcal, que define a mulher como criação masculina.

A respeito da formação da África, em entrevista a Gil Filipe no *Jornal Notícias* (2008), a escritora pontua:

Dizem umas vozes muito idosas [...] que os montes Namuli foram criados no ovo de uma perdiz. Então, é daí que achei formidável criar o título a partir desta mitologia e destas estórias de uma terra também formidável.

A narrativa nos traz a história de vida das zambezianas, das moçambicanas, que carregam as dores das guerras pré e pós-independência, marcadas pelo domínio patriarcal do colonizador, que encontrava nas mulheres um modo de dominar os colonizados — a miscigenação:

Fomos invadidos pelos árabes. Guerreados pelos holandeses, portugueses. Lutámos. As guerras dos portugueses foram mais fortes e corremos de um lado para outro, enquanto os barcos dos negreiros transportavam escravos para os quatro cantos do mundo. Vieram novas guerras. De pretos contra brancos, e pretos contra pretos. Durante o dia, os invasores matavam tudo, mas faziam amor na pausa dos combates. Vinham com os corações cheios de ódio. Mas bebiam água de coco e ficavam mansos e o ódio se transformava em amor. As mulheres se parecem com coco, não acham? As mulheres violadas choravam as dores do infortúnio com sementes no ventre, e deram à luz uma nova nação.

(CHIZIANE, 2008, p. 23)

A Zambézia, província do centro-norte de Moçambique, onde Paulina viveu durante anos e trabalhou como assessora da DPMAS (Direcções Provinciais da Mulher e Coordenação da Acção Social), apesar de seus vastos recursos naturais e do seu potencial agrícola, registra um dos mais elevados índices de pobreza do país. Meninas e meninos, a partir dos 10 anos, fazem os ritos de iniciação. Para as meninas, isso significa que já são aptas para casar, e o casamento precoce, como já vimos, origina o abandono da escola, muitas vezes, antes de completarem o primeiro grau de ensino.

Este quinto romance, bem ao estilo de Chiziane, recheado de cenas do cotidiano — “As casas ricas da cidadela, os casebres. Os fumos das cozinhas espiralando-se no ar, [...]. O cheiro do rio. Das águas paradas dos charcos. Da frescura das algas e das pedras” (*Ibidem*, p. 28), de frases curtas — “Somos de diferentes gestas. Diferentes ventres. Diferentes lugares” (*Ibidem*, p. 24) —, sintaxe simples e direta — “O deserto está dentro de cada um. Nesta terra não há deserto, tudo é verde e tudo ri” (*Ibidem*, p. 191) —, assemelha-se, por vezes, a um ensaio, composto por quem provou a história de vida das mulheres moçambicanas e agora submete-a à reflexão, atacando-a de diversos lados e reunindo no olhar do espírito aquilo que viu, de modo a pôr em palavras o que se permitiu vislumbrar (ADORNO, 2008).

Dividida em trinta e quatro capítulos, a narrativa desenvolve-se com o narrador ora em primeira pessoa (Delfina), ora em terceira pessoa. Quando em primeira pessoa, o narrador convoca os *arquivos*⁹³ de memória de Delfina e Maria das Dores, exercendo a função de centro de rememoração e de reintegração do passado.

Assim se resume a vida de Delfina, “uma negra daquelas que os brancos gostam”, mulher bonita, analfabeta, que busca superar a linha da raça pelo sexo, negando sua cor, seus costumes, sua língua e sua religião:

[...] Foi a primeira negra com casa electrificada. A primeira com uma casa de cimento coberta de zinco no bairro dos negros. Foi dela o primeiro homem branco a residir no bairro dos negros. Foi ela a primeira negra a residir no bairro dos brancos. Os mais velhos suspiram por ela: Delfina, como era bela! Delfina, a rainha! Que desafiou brancos, desafiou o sistema, entrou na guerra, ganhou e perdeu, e pela vida se perdeu. Por isso a sua vida foi transformada em canto, em conto, em poema. Ela é parábola e ditado. Provérbio. Esta é a Delfina.

(CHIZIANE, 2008, p. 268),

⁹³ Aqui é abordado o conceito de arquivo atribuído por Foucault em *A arqueologia do saber* (1987, p. 149): “O arquivo é a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. [...] é, também, o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa [...]”. Em outras palavras, os enunciados, como domínios discursivos, devem ingressar na memória dos homens pela narração, podendo ser reutilizados.

É também a história de vida de muitas mulheres africanas, traduzida na perda da fantasia, do ideal, numa espécie de visita aos montes Namuli, à cidade do Gurué e a Zambézia.

No quadro histórico de colonialismo, o casamento dela com o negro José dos Montes, delator e assassino de seus conterrâneos, a quem a ex-prostituta trai com outros homens, significa a impossibilidade de felicidade, quando se vive sob a suprema alienação, aquela que não permite sequer a consciência de si mesmo:

José percorre a magia luminosa das aparências. Na cegueira perseguindo os caminhos do abismo. Colonizar é mesmo isto. Desviar o curso do rio. Matar de sede os peixes, as algas e os corais. José mergulha na nova corrente e afoga-se entre as folhagens das algas. Por amor, julga ele. Mesmo sem amor as comportas se fecham, quem resiste, morre. Colonizar é fechar todas as portas e deixar apenas uma. A assimilação era o único caminho para a sobrevivência.

(Ibidem, p. 117)

Ainda neste contexto, Serafina, mãe de Delfina, perde seus três filhos na guerra, assim como Maria das Dores perde seus três filhos no mundo:

Três crianças arrancadas dos braços de Serafina ao som das balas dos sipaios. Dentro do coração da Serafina, a contradição. É assolada por um desejo irresistível de abraçar, afagar e mimar aquele jovem com ternura de mãe. O desejo é derrubado por espíritos adormecidos na tatuagem da memória. [...].

(Ibidem, p. 94)

Ao viver a miséria imposta pelo sistema colonial, Serafina encontra na venda da virgindade da filha uma alternativa para melhorar sua situação econômica. A desvalorização do corpo feminino, tanto por Serafina quanto por Delfina, que comercializa o seu próprio corpo e o de sua filha, Maria das Dores (a louca do rio), a

exemplo de sua mãe, opõe-se à valorização do útero como órgão responsável pela capacidade de procriação, ao reconhecimento da figura materna como modelo feminino.

Outrossim, o corpo é visto como lugar de representação e de identidade do indivíduo. O sujeito, ao modificá-lo através da tatuagem, torna legítimas a afirmação de sua cultura e a revelação de sua singularidade, conforme sinaliza o romance:

A velha arqueou as sobancelhas olhando para o ventre de Maria com interesse redobrado.

As tatuagens belas, geométricas, pareciam uma teia, malha, cinto de renda bordada à mão, cobrindo apenas o ventre. Analisa os relevos. As saliências. Reentrâncias. Decifra a mensagem de cada símbolo e reconhece as origens de Maria. São tatuagens lómwè. Ela é oriunda das montanhas, e naquelas veias corre o sangue sagrado das pedras. [...].

Os povos africanos tiveram de carimbar o corpo com marcas de identidade. Cada tatuagem é única. É marca de nascença. No corpo, desenhando-se o mapa da terra. Da aldeia. Da linhagem. Em cada traço uma mensagem. Árvore genealógica. A tatuagem ajudou à reunificação dos membros da família, em São Tomé. Na América. Nas ilhas Comores, em Madagáscar, nas Maurícias e outros lugares do mundo. [...].

(*Ibidem*, p. 31)

A Zambézia configura-se como uma das principais personagens do livro, não por acaso, já que, no período colonial, foi o local onde as mulheres tiveram expressiva representatividade junto ao sistema de prazos⁹⁴. Tal como Delfina e muitas negras, a província rendeu-se ao poder do branco, como homem ou colonizador, levando no corpo as dores e marcas dessa entrega:

De todas as sereias, a Zambézia era a mais bela. Os marinheiros invadiram-na e amaram-na furiosamente, como só se invade a mulher amada. A Zambézia bela, encantada, gritava em orgasmo pleno: vem, marinheiro, ama-me, te darei um filho.

(*Ibidem*, p. 62-63)

⁹⁴ Como visto, o sistema de prazos surge em virtude da ocupação de terras pelas novas famílias oriundas da miscigenação entre nativos e colonos. A Coroa portuguesa decide tomar para si essas terras, estabelecendo o arrendamento delas a prazos que eram definidos por três gerações e transmitidos por via feminina (principalmente na Zambézia).

A relevância das mulheres também é exaltada nas páginas finais da obra, quando Delfina reflete acerca dos papéis desempenhados por elas nas sociedades tradicional e contemporânea, idealizando a existência de um mundo onde

As mulheres sozinhas são rainhas e têm orgulho de existir como no princípio do mundo. Escravizadas, saem à rua, lutam pela liberdade, mas quando estão dentro do quarto imploram de novo pela escravatura e domínio masculino. E os homens, esses heroicos vencedores, são reis apenas quando estão sós. Nos braços das mulheres uivam como crianças.

(Ibidem, p. 301)

A loucura de Maria das Dores, filha de Delfina com José (o marido negro), põe em atividade a memória da protagonista, vindo à tona todos os conturbados acontecimentos que a encaminharam à solidão, miséria e perda: os casamentos com José e Soares, o envolvimento sexual com o feiticeiro Simba e a separação dos filhos. A partir daí, inicia-se uma retomada crítica em relação à sua trajetória de vida:

Reinei. Aterrorizei. O único tormento que sofri nesta vida maldita foi a dor de ter perdido. Vinguei-me de tudo. Roubei o amor dos homens, deixando frio nas camas das outras mulheres. Destruí famílias. Arrastei muitas virgens para o abismo e fiz fortuna no meu prostíbulo. Tomei todas as poções mágicas contra a pobreza e afastei todas as rugas do meu rosto. Bailei nua nas noites de lua e hipnotizei os homens da terra inteira, cumprindo o meu supremo destino.

(Ibidem, p. 44)

Maria das Dores, a louca do rio, como é conhecida pelos habitantes da região, é a “filha do longe”, estrangeira em relação a si mesma, vitimada pelo “antagonismo dentro de sua própria razão” (MACHADO, 2005, p. 36), pelo conflito:

Já não sei bem de onde vim, nem para onde vou. Por vezes sinto que nunca nasci. Estarei ainda no teu ventre, minha mãe? Todos perguntam de onde venho. Querem saber o que sou, porque nada sou. [...]

Quem sou eu? Uma estátua de barro, no meio da chuva. [...]. Eu sou a Maria das Dores. Aquela que desafia a vida e a morte a busca do seu tesouro.

(CHIZIANE, 2008, p. 17-18)

Após sua mãe, Delfina, ter usado sua virgindade como moeda de troca e tê-la entregado ao feiticeiro, Maria acaba tornando-se a primeira esposa de Simba. Não suportando a convivência com o marido, que a violenta fisicamente — “Com violência, os homens mantêm as mulheres fiéis à paulada” (*Ibidem*, p. 271-272), ela faz do álcool e das drogas um anestésico para suas dores, e silencia — “acho que estou mesmo morta, confirma” (*Ibidem*, p. 274), pois calar os sentidos é, na retórica do oprimido, o caminho para a resistência (ORLANDI, 2007).

Em Moçambique, a violência contra as mulheres ocorre no ambiente doméstico, onde a polícia, muitas vezes, não pode violar a privacidade do cidadão, a não ser que haja queixa contra este. Na sociedade tradicional, uma mulher que se queixa de violência no lar às autoridades atrai a ira dos familiares do marido.

Até decidir fugir de casa, encontrando na loucura uma forma de suportar as perdas sofridas, como acontece com Maria das Dores; esta, acaba por perder o centro que lhe garantia uma identidade, culminando na íntima desordem da personalidade:

Naquele momento se apagam as luzes da mente. No céu as estrelas indicam outros destinos. Ela corre, sonâmbula, navegando no barco de luar, percorrendo todo o mar e toda a terra até completar e ultrapassar todas as fases de todas as luas. Procurando em todas estações celestiais: não viram os meus filhos por aqui, não viram? Meus filhos de verdade e não estes, que não choram e nem mamam. E o vento respondia: vimos sim. Ali. Lá. Acolá. Quando atingia o ponto indicado encontrava a mesma resposta. Ali. Lá. E ela empreendia um novo percurso até completar o perímetro da terra.

(CHIZIANE, 2008, p. 279)

Como uma das personagens da **Nau dos Insensatos**, a loucura de Maria das Dores é encenada no palco das ruas, no rio, onde nada completamente nua:

A multidão vê a mulher nua sentada num trono de barro, beira do rio. Na posição de lótus, colocando sua intimidade na frescura do rio. Vê-lhe o interior desabrochado, como um antúrio vermelho com rebordos de barro. Vê-lhe as tatuagens no seu ventre de mulher madura. [...]. Os pés da mulher nua contaram já muitas pedras no caminho. Palmilharam vários destinos à busca de um tesouro. Como uma condenada a caminhar a vida inteira. Atiraram-lhe pedras por todos os lados onde passou. Expulsaram-na com paus e pedras, como um animal estranho que invadia propriedades alheias.

(Ibidem, p. 12-13)

A água, tradicionalmente atrelada à fertilidade, é, segundo Chevalier (2003), símbolo do germe da vida e da infinitude das possibilidades. Nadar no rio significa, então, para Maria das Dores, restaurar sua vida, retornar ao princípio, aos montes Namuli, à origem da humanidade.

Com sua excentricidade e sua liberdade, a louca do rio desperta a atenção das moradoras da Zambézia, oferecendo-se como espelho, ao colocá-las em contato com a sua própria fragilidade:

A multidão começa a arrepender-se. Ela tinha a forma humana, viram. Que nascera do ventre feminino, como elas, como os sapos, os peixes, as algas dos pântanos. Que a mulher tinha a sua história, as suas marcas, as suas cicatrizes. Nela se espelhava a fragilidade da existência. A multiplicidade dos caminhos. Doenças, mágoas, lágrimas. Sonhos derrubados, ansiedade, desespero [...].

(Ibidem, p. 20)

Destarte, ao abordar a temática da loucura neste romance, Paulina Chiziane nos conduz a uma reflexão sobre o tratamento dado às mulheres tanto na literatura

quanto na sociedade. Enquanto a estereotipada estrutura binária vela pelo distanciamento homem/mulher, o imaginário da escritora tende a intercambiar o “lugar dos homens” e o “lugar das mulheres”, numa tentativa de educar sem ofender, de mostrar à sociedade que essa distância entre gêneros, raças ou classes deveria deixar de existir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa.

Roland Barthes⁹⁵

Escrever as linhas finais de um trabalho como este significa olhar atentamente para o passado a fim de analisar o trajeto percorrido, com seus erros e acertos, de conferir o que poderia ter sido e não foi, mas também de considerar os objetivos alcançados e de se resignar diante do irrealizado.

A loucura tem sido bastante abordada na literatura ocidental: de Fedra, de Eurípides, à Ofélia, de Shakespeare; de Quixote, de Cervantes, a Simão Bacamarte, de Machado de Assis, os loucos ou loucas são dignos de representação. Dada a relevância do tema, diversos são os estudos a esse respeito, tendo sido referência o de Michel Foucault, **História da Loucura**.

Para além de seu caráter epistemológico, vimos que a obra de Foucault é um tratado de reflexão sobre as ciências, em especial, as humanas, como forma de compreender como a razão se impõe como elemento determinante para se alcançar o equilíbrio ideal, decidindo sobre os limites entre liberdade e alienação, entre aquilo que se deseja e aquilo que é desejado pelo outro:

[...] Michel Foucault recusa-se igualmente a constituir a loucura quer em objeto medical, quer em fantasma coletivo; seu método não é nem positivista, nem mitológico; ele nem mesmo desloca, a bem dizer, a realidade da loucura de seu caráter nosográfico à pura representação que os homens dela criaram; ele faz com que ela

⁹⁵ **Aula**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2010, p. 19.

reintegre continuamente uma realidade ao mesmo tempo extensiva e homogênea à loucura e que é a dupla da razão e da desrazão.
(BARTHES, 2003, p. 142)

Entre a loucura ameaçadora das telas de Bosch e a loucura domesticada de Pinel, Foucault anuncia, com **História da Loucura**, uma terceira face, a trágica, ao conceber também a história dos marginalizados do Ocidente. Desta história, cujos protagonistas são os excluídos pela sociedade, pouco se discute a respeito da relação entre as mulheres e a loucura, tendo sido Freud o primeiro a analisá-la clinicamente.

É ele quem denuncia a repressão da criatividade feminina pelo poder patriarcal, sendo esta uma das causas da histeria. Embora a psicanálise tenha imputado às mulheres a categoria de neuróticas — “filha do diabo, mulher louca, histérica herdeira das feiticeiras de outrora” (PERROT, 2006, p. 188), a partir de então, dá-se o entendimento por parte das mulheres de sua situação — a de estarem submetidas a um sistema de opressão masculino —, o que possibilita a promoção de uma literatura de autoria feminina que evidencie esta situação, quer tendo as enlouquecidas como personagens, quer dando visibilidade a suas vozes, como representantes das chamadas margens da realidade.

Com o advento do feminismo, a loucura da mulher como tema literário deixa de ser somente consequência da opressão patriarcal e passa a configurar uma rebeldia libertária, ávida pela criação de um mundo novo ou de transformações em que os estigmas sociais, como a desigualdade entre os gêneros, possam ser ultrapassados.

Nas prosas cabo-verdiana e moçambicana de autoria feminina, a loucura perpassa os textos de Dina Salústio e Paulina Chiziane, oportunizando, por meio da leitura comparativa da trajetória de suas personagens, um diálogo pertinente entre os romances selecionados.

O dialogismo, conceito elaborado por Bakhtin, está presente nos textos oral e escrito, em que o discurso aparece em constante ação recíproca com textos semelhantes, denotando seu caráter de comunicabilidade. Tal reciprocidade viabiliza a permanente evolução da língua. Na literatura em prosa e, particularmente, no romance, o dialogismo permite a criação de novas possibilidades para o discurso, como salienta o linguista:

A orientação dialógica do discurso para os discursos de outrem (em todos os graus e de diversas maneiras) criou novas e substanciais possibilidades literárias para o discurso, deu-lhe a sua peculiar *artisticidade em prosa* que encontra sua expressão mais completa e profunda no romance.

(BAKHTIN, 2010, p. 85)

A partir dos estudos bakhtinianos, Julia Kristeva direciona a esfera do dialogismo para a produtividade do texto. Em sua obra, **Introdução à semiótica**, a pesquisadora cunha o termo “intertextualidade”, em substituição à intersubjetividade:

[...] todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a de intertextualidade, e a linguagem poética lê-se pelo menos como dupla.

(KRISTEVA, 2012, p. 142)

Se considerarmos o conceito de intertextualidade por Julia Kristeva, em que deve haver ocorrência de citações, o diálogo entre os romances **A Louca de Serrano** e **O alegre canto da perdiz** não é passível de contemplação. No entanto, o dialogismo bakhtiniano pode se fazer presente ao consentir que diferentes textos/discursos dialoguem entre si, independentemente do uso de citações.

Deste modo, podemos verificar, nos romances que constituem o *corpus* de nosso estudo, que o enfoque dado à loucura é extremamente positivo, conferindo-se às loucas um posicionamento privilegiado e valorizando-as como personagens. A caracterização destas, logo no início das narrativas, confere a ambas aspectos enigmáticos, insólitos, imprecisos: “filha de gente nenhuma, de lugar e tempo nenhuns, criança, mulher” (SALÚSTIO, 1998, p. 26); “Há uma mulher na solidão das águas do rio [...]. – Quem é ela? [...]. – De onde veio? [...]” (CHIZIANE, 2008, p. 11).

Embora não haja, na fala da própria personagem, sinais de como a protagonista de **A Louca de Serrano** se sente em relação à sua loucura, os traços de sua interioridade são revelados pela voz do narrador. A mesma estratégia pode ser observada em **O alegre canto da perdiz**, conforme segue:

A Louca de Serrano gritou, boca voltada para o centro da aldeia, irritada, que o mesmo acontecia com ela, cuja primeira casa ninguém conhecia. Depois, mais conformada deixou o olhar vaguear pelos campos, pelos céus e pela ribeira, mostrando toda a angústia de não adivinhar seu último poiso.

(SALÚSTIO, 1998, p. 153)

A louca do rio olha para a igreja no alto da serra, que lhe abre os caminhos da memória. Parece que já estive aqui. Mas quando? Em que circunstâncias? Nesta igreja, eu entrei, eu rezei, em algum momento da minha infância. Que lugar é este?

(CHIZIANE, 2008, p. 26)

Além disso, são apresentadas ao leitor, nos dois romances, a intolerância e a recusa em relação às loucas por parte das comunidades onde atuam. Tais dificuldades quanto à convivência com a loucura e à aceitação dos loucos revelam o tratamento dado pela sociedade não somente a estes, mas também àqueles que desviam os padrões dominantes:

Nada se sabe sobre os afectos de cada um dos serranese, mas contou-se que durante pelo menos cinco dias, eles olharam para a jovem e pensaram nela como se fosse uma parte deles, até que movidos não se sabe por que destino a repudiaram de novo, não antes de terem decidido que ela passaria a chamar-se Louca de Serrano.

(SALÚSTIO, 1998, p. 19)

Raiva e espanto no mesmo sentimento. Bem-aventurados os olhos cegos, que jamais verão a cor do terror inspirado por esta mulher nua. Algumas mulheres protegem os olhos da imoralidade. Da infâmia. Olham para o chão. As profanas rogam pragas em grossos palavrões. As puritanas benzem-se e colocam a palma da mão sobre o rosto como um leque. Fazem de conta que não vêem o que conseguem ver pelos interstícios dos dedos.

(CHIZIANE, 2008, p. 14)

Andarilhas, as loucas estudadas são figuras da liberdade, que escapam ao internamento e à psiquiatria. Dentro do espaço literário, conforme citado no capítulo anterior, a loucura feminina — metáfora da liberdade — manifesta o desejo de atingir o inatingível. Detentora da capacidade de perceber a realidade, a insanidade da Louca de Serrano mostra-se como sinônimo de sabedoria, que lhe possibilita caminhar no sentido contrário de sua comunidade, configurando um desvio ideológico por parte da protagonista. Por outro lado, a alienação da louca do rio, consequência das agruras vividas pela personagem, dentre elas, a escravização de seu corpo, nasce no espectro da resistência, como única alternativa para suportar a ausência, como reação às perdas sofridas.

Os romances de Dina Salústio e Paulina Chiziane, pelo exposto, permitem um olhar sobre a loucura não como critério de desrazão, de irracionalidade, mas como possibilidade de ser concebida como portadora da verdade da razão, em sua própria tentativa de tecer uma rede de sentido (sempre frágil) para a existência humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Para estabelecimento do *corpus*:

CHIZIANE, Paulina. **O alegre canto da perdiz**. Lisboa: Editorial Caminho, 2008. Posfácio de Nataniel Ngomane.

SALÚSTIO, Dina. **A Louca de Serrano**. Praia: Spleen Edições, 1998.

Outras obras das autoras:

CHIZIANE, Paulina. **Balada de amor ao vento**. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

_____. **Niketché: uma história de poligamia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **O sétimo juramento**. Lisboa: Editorial Caminho, 2000.

_____. **Ventos do apocalipse**. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.

CHIZIANE, Paulina; SILVA; Maria do Carmo da. **Na mão de Deus**. Maputo: Carmo Editora, 2012.

SALÚSTIO, Dina. **Filhas do Vento**. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2009.

_____. **Mornas eram as noites**. Lisboa: Instituto Camões, 1999.

Embasamento crítico-teórico:

AAVV. **Mirabilis de Veias ao Sol: Antologia dos Novíssimos Poetas Caboverdianos**. Lisboa; Praia: Caminho; Instituto Caboverdiano do Livro: 1991.

ADORNO, Theodor W. **Notas de Literatura I**. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2008.

AFONSO, Ana Elisa de Santana (coord.). **Eu mulher em Moçambique**. Maputo: CNUM/AEMO, 1994.

AFRIMAP. **Moçambique. Democracia e Participação Política**. Johannesburgo: Open Society Initiative for Southern Africa, 2009.

ALMADA, José Luís Hopffer. A Louca de Serrano, de Dina Salústio. In: **Jornal A Semana**. Praia, 2007.

AL-MASUDI, Abul Hasan Ali Ibn Husain Ibn Ali. **Meadows of gold and mines of gems**. Vol. I. Trad. Aloys Sprenger. Londres: Printed for the Oriental Translation Fund of Great Britain and Ireland, 1841.

ALONSO, Sílvia Leonor. **Histeria**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

ARENDDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ARISTÓTELES. **Sobre a alma**. Brasília: Imprensa Nacional, 2010.

_____. **Metafísica (Livros I e II). Ética a Nicômaco. Poética**. São Paulo: Abril, 1984.

ARNFRED, Signe. **Sexuality and Gender Politics in Mozambique. Rethinking gender in Africa**. Woodbridge: Boydell & Brewer, 2011.

BADIA, Gilbert. **Clara Zetkin. Vida e obra**. Trad. Ana Corbisier e Mário Corbisier. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética**. São Paulo: Hucitec, 2010.

BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2010.

_____. **Crítica e verdade**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2003.

BARTHES, Roland et al. **Masculino, Feminino, Neutro: ensaios de semiótica narrativa**. Trad. Tania Franco Carvalhal. Porto Alegre: Globo, 1976.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. A experiência vivida. Vol. 2. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

_____. **O Segundo Sexo**. Fatos e mitos. Vol. 1. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BELL, Susan G; OFFEN, Karen M. (ed.). **Women, the family and freedom. The debate in documents**. Stanford: Stanford University Press, 1983.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOAHEN, Albert Adu (ed.). **História geral da África VII: África sob dominação colonial, 1880-1935**. Brasília: UNESCO, 2010.

BOSING, Walter. **Hieronymus Bosch**. Köln: Taschen, 2010.

BRANT, Sebastian. **A Nau dos Insensatos**. Trad. Karin Volobuef. São Paulo: Octavo, 2010.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CABAÇO, José Luís. **Moçambique: identidade, colonialismo e libertação**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

CABO VERDE. **Plano Nacional de Desenvolvimento Sanitário 2008-2011**. Praia: Ministério da Saúde, 2008.

_____. **Plano Nacional de Desenvolvimento Sanitário 2012-2016**. Vol. I. Praia: Ministério da Saúde, 2012.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault – um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Trad. Ingrid Muller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CHARCOT, Jean-Martin. **Grande histeria**. Trad. Contra Capa. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

CHAVES, Rita. **Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários**. Cotia: Ateliê Editorial, 2005.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Trad. Erlon José Paschoal. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

CHIZIANE, Paulina. Entrevista a Gil Filipe. In: **Jornal Notícias**. Maputo, 14 maio 2008.

CLÉMENT, Catherine; KRISTEVA, Julia. **Entre o Feminino e o Sagrado**. Trad. Rachel Gutiérrez. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

COQUERY-VIDROVITCH, Catherine. **Les Africaines. Histoires des femmes d’Afrique noir du XIX au XX siècles**. Paris: Éditions Desjonquères, 1994.

CORNEILLE, Pierre. **Melite, a comedy**. London: T. Bell, s/d.

COUTO, Mia. **Raiz de orvalho e outros poemas**. Lisboa: Editorial Caminho, 2001.

DE LA BARRE, François Poulain. **The Equality of the Sexes**. Trad. Desmond M. Clarke. Manchester; New York: Manchester University Press, 1990.

DERRIDA, Jacques. **Torres de Babel**. Trad. Junia Barreto. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Novas Subjetividades na Pesquisa Histórica Feminista: uma hermenêutica das diferenças. **Revista de Estudos Feministas**. Rio de Janeiro, n. 2, v. 2, p. 273-285, 1994.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **O Idiota**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. **Revista Estudos Avançados**. São Paulo, n. 49, v. 17, p. 151-172, 2003.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente: O século XX**. Trad. Alda Maria Durães et al. Porto: Edições Afrontamento, 1991.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. Trad. Leandro Konder. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1984.

EURÍPIDES. **Medéia. Hipólito. As Troianas**. Trad. Mário da Gama Cury. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

ÉSQUILO. **Oréstia**. Trad. Mário da Gama Cury. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

FORTES, Corsino. **A cabeça calva de Deus**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

_____. **História da Loucura na Idade Clássica**. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2008.

_____. **Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise**. Trad. Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FREUD, Sigmund. **Estudos sobre a Histeria (1893-1895)**. Vol. II. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. **Um Caso de Histeria, Três Ensaios sobre Sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)**. Vol. VII. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2011.

GOMES, Simone Caputo. A Louca de Serrano, de Dina Salústio. In: **Revista Metamorfoses**. Cosmos/Cátedra Jorge de Sena – UFRJ. Lisboa, 2000, p. 277-281.

_____. **Cabo Verde: literatura em chão de cultura**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

_____. Echoes of Cape Verdean Identity: Literature and Music in the Archipelago. In: LEITE, Ana Mafalda (org.). **Cape Verdean: language, literature & music**. Dartmouth: Portuguese Literary & Cultural Studies, University of Massachusetts Dartmouth, 2003, p. 273-275.

GRASSI, Marzia. A questão do género no sector informal em Cabo Verde: um estudo sobre as “rabidantes” do mercado “Sucupira” na Ilha de Santiago. In: **Africana Studia**. Edição da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, n. 4, p. 7-32, 2001.

HIPOCRATES. **Diseases of Women 1**. Trad. Ann Ellis Hanson. Chicago: The University of Chicago Press, 1975.

_____. **Works of Hippocrates**. Trad. Francis Adams. Mobile Reference, 2009.

HOMERO. **Ilíada**. Trad. Odorico Mendes. Cotia: Ateliê Editorial, 2010.

INE. **Anuário Estatístico 2011**. Maputo: INE, 2012.

_____. **Mulheres e Homens em Moçambique, 2011**. Maputo: INE, 2011.

KOLLONTAI, Alexandra. **Selected articles and speeches**. Moscou: Progress Publishers, 1984.

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. **Malleus Maleficarum. O martelo das feiticeiras**. Trad. Paulo Fróes. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Ventos, 2004.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 2012.

_____. **O Gênio Feminino: a vida, a loucura, as palavras. Hannah Arendt**. Trad. Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

LABAN, Michel. **Cabo Verde: encontro com escritores**. Porto: Fund. Eng. António de Almeida, 1992.

_____. **Moçambique: encontro com escritores**. Porto: Fund. Eng. António de Almeida, 1998.

LOPES, Baltasar. A caderneta. In: **Antologia da Ficção Cabo-verdiana Contemporânea: António Aurélio Gonçalves, Baltasar Lopes, Francisco Lopes, Gabriel Mariano, H. Teixeira de Sousa, Jorge Barbosa, Manuel Lopes, Pedro Duarte, Virgílio Pires**. Edições Henriquinas, Achamento de Cabo Verde: 1960, p. 113-122.

MACHADO, Roberto. **Foucault, a filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

MAÎTRE, Myriam. **Les précieuses. Naissance des femmes de lettres en France au XVII siècle**. Paris: Lumière classique-25, 1999.

MAMA, Anima. Conhecimento, cultura, identidade. In: **Sociedade de conhecimento versus economia de conhecimento: conhecimento, poder e política**. Brasília: UNESCO:SESI, 2005.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. Trad. Álvaro Pina e Ivana Jinkings. São Paulo: Boitempo, 2010.

MATA, Inocência L. S. e PADILHA, Laura Cavalcante. **A Mulher em África: Vozes de uma margem sempre presente.** Lisboa: Colibri/Centro de Estudos Africanos – FLUL, 2006.

MENDES, Domingos Veiga. **Perspectivas e alternativas para a economia de Cabo Verde.** 2010. 156f. Dissertação (Mestrado em Economia do Desenvolvimento) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

MENDONÇA, Fátima; SAÚTE, Nélon. **Antologia da nova poesia moçambicana.** Maputo: AEMO, 1993.

MOÇAMBIQUE. **Plano Estratégico 2011-2015.** Maputo: Ministério da Mulher e da Acção Social, 2011.

_____. **Plano Estratégico do Sector Saúde 2007-2012.** Maputo: Ministério da Saúde, 2007.

MUIUANE, Armando Pedro. **Datas e documentos da história da FRELIMO: de 1960 a 1975, ano da Independência de Moçambique.** Maputo: CIEDIMA; SARL, 2006.

NEWITT, Malyn. **A history of Mozambique.** Bloomington; Indianapolis: Indiana University Press, 1995.

ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio.** Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

OSÓRIO, Conceição. **Género e Democracia. As eleições de 2009 em Moçambique.** Maputo: WLSA Moçambique, 2010.

PASSOS, Isabel C. Friche. **Loucura e Sociedade: discursos, práticas e significações sociais.** Belo Horizonte: Argumentum, 2009.

PEREIRA, Érica Antunes. **De missangas e catanas: a construção social do sujeito feminino em poemas angolanos, cabo-verdianos, moçambicanos e são-tomenses.** 2010. 271f. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros.** Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. In: **Cadernos do LEPAARQ.** Editora da UFPEL. Pelotas, n. 4, p. 9-17, 2005.

PESSOTTI, Isaias. **A Loucura e as Épocas.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

PLATÃO. **Fedro.** Trad. Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2007.

- _____. **The Republic of Plato**. Trad. Alan Bloom. New York: BasicBooks, 1991.
- _____. **Tiameus**. Trad. Benjamin Jowett. South Australia: The University of Adelaide Library, 2004.
- PELBART, Peter Pál. **A Nau do Tempo-rei. 7 ensaios sobre o tempo da loucura**. São Paulo: Imago, 2003.
- _____. **Da clausura do fora ao fora da clausura: loucura e desrazão**. São Paulo: Iluminuras, 2009.
- POLLO, Vera. **Mulheres Históricas**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2003.
- RAMALHO, Christina. **Balada de Amor ao Vento** – representações do universo familiar moçambicano. In: **Anais do X Congresso Internacional da ALADAA**. Rio de Janeiro: Centro de Estudos Afro-asiáticos, v. 1., p. 1278, 2001.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: filosofia pagã antiga**. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2003.
- ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Trad. Vera Ribeiro; Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- SALÚSTIO, Dina. Entrevista concedida a Genivaldo Rodrigues Sobrinho. Praia, dezembro de 2009.
- _____. Entrevista concedida a Simone Caputo Gomes. Praia, novembro de 1994.
- SANTOS, Maria Emília Madeira et al. (org.). **História Concisa de Cabo Verde**. Lisboa – Praia: IICT – IIPC, 2007.
- SANTOS, Palmira Fortunato dos. **Avaliação dos Serviços de Saúde Mental em Moçambique**. 2011. 63f. Dissertação (Mestrado em Saúde Mental Internacional) - Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2011.
- SANTOS, Waltecy Alves dos. **A voz feminina na literatura de ascendência africana: hibridismo de mitos e ritos nos romances Niketche de Paulina Chiziane e A Cor Púrpura de Alice Walker**. 2008. 186f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) - PUC, São Paulo, 2008.
- SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. Trad. Cristina Muracheo. São Paulo: Edusp, 1998.
- SCAVONE (org.), Lucila. **Tecnologias reprodutivas: gênero e ciência**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.
- SÓFOCLES. **Ájax**. Trad. Mário da Gama Cury. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- SOLER, Colette. **O que Lacan dizia das mulheres**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra P. Goulart Almeida, Marcos P. Feitosa, André P. Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STEVENS, Cristina (org.). **Maternidade e feminismo: diálogos interdisciplinares.** Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007.

TELES, Nair; BRÁS; Eugénio (org.). **Género e Direitos Humanos em Moçambique.** Maputo: Departamento de Sociologia da Universidade Eduardo Mondlane, 2010.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica.** Trad. Maria Clara C. Castello. São Paulo: Perspectiva, 2008.

TRILLAT, Etienne. **História da Histeria.** São Paulo: Escuta, 1991.

VALENTIM, Jorge. No contra-canto das representações culturais: O Alegre Canto da Perdiz, de Paulina Chiziane. In: XI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 2008, São Paulo. **Comunicação.**

WOLLSTONECRAFT, Mary. **A Vindication of the Rights of Woman, with Strictures on Political and Moral Subjects.** New York: A. J. Matsell, 1833.

Webgrafia:

ARNALDO, Carlos. Tendências e Determinantes da Idade de Casamento em Moçambique. In: IV SEMINÁRIO DE INVESTIGAÇÃO DA UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE, 2005, Maputo. Disponível em: http://www.unicef.org/mozambique/pt/ArnaldoCarlos_Casamento_Infantil_Tendencias_e_Determinantes_da_Idade_de_Casamento_em_Mocambique.doc. Acesso em 01 jul. 2013.

CABO VERDE. **Código Civil (1967).** Portaria nº 22.869, de 4 de Setembro de 1967. Disponível em: http://www.rjcpplp.org/sections/informacao/anexos/legislacao-cabo-verde4919/codigos-e-estatutos-cabo1752/codigo-civil-cabo-verde/downloadFile/file/cabo_verde_codigo_civil.pdf?nocache=1365701924.63. Acesso em 11 jun. 2013.

_____. **Constituição da República de Cabo Verde (1980).** Na versão dada pela Lei Constitucional n. 1/V/99, de 23 de Novembro. Disponível em: <http://www.mj.gov.cv>. Acesso em 12 jun. 2013.

_____. **Plano Nacional de Luta Contra a Pobreza (1988/1989).** Disponível em: http://www.governo.cv/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=38&Itemid=91. Acesso em 13 jun. 2013.

CABO VERDE/ONU. **Objectivos do Milénio para o Desenvolvimento (2008).** Disponível em: <http://www.un.cv/omd.php>. Acesso em 18 jun. 2013.

CHIZIANE, Paulina. Paulina Chiziane, a escrita no feminino. Entrevista concedida a Manuela Sousa Guerreiro. In: **Revista Moçambique.** Lisboa, Câmara de Comércio

Portugal Moçambique, n. 23, 1999. Disponível em: <http://www.ccpm.pt/paulina.htm>. Acesso em 22 out. 2008.

DUARTE, Vera. Entrevista concedida à Teresa Sofia Fortes. In: **Associação Caboverdeana**. Disponível em: <http://www.acaboverdeana.org.pt/modules.php?name=News&file=print&sid=55>. Acesso em 12 dez. 2012.

FONSECA, Jorge Carlos. "A louca de serrano": o percurso de um inesperado e ingênuo mergulho ou as loucas confissões de um leitor. Disponível em home.no/caboverde/dinasalustio.doc. Acesso em 09 jul. 2013.

ICIEG. **História do ICIEG**. Disponível em: <http://www.icieg.cv/article/3>. Acesso em 12 jun. 2013.

INE/ICIEG/ONU. **Mulheres e Homens em Cabo Verde: fatos e números 2008**. Disponível em: <http://www.ine.cv/actualise/publicacao/files/15c06ce8-5166-4607-ab90-1e914bc4235aMulheres%20e%20Homens%20em%20Cabo%20Verde.pdf>. Acesso em 13 jun. 2013.

_____. **Mulheres e Homens em Cabo Verde: fatos e números 2012**. Disponível em: <http://www.ine.cv/actualise/publicacao/files/1103929942013Mulheres%20e%20Homens%20em%20Cabo%20Verde.pdf>. Acesso em 17 jun. 2013.

LEITE, Isabel C. Entre África e Europa: Cabo Verde e a sua estratégia de desenvolvimento. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL ÁSIA/ÁFRICA, 2004, Porto. Disponível em: http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1016/2/Cabo_Verde%5B1%5D.pdf. Acesso em 16 maio 2013.

MOÇAMBIQUE. **Constituição 1990**. Disponível em: <http://www.resdal.org/Arquivo/d000009e.htm>. Acesso em 01 jul. 2013.

_____. **Constituição 2004**. Disponível em: <http://www.mozambique.mz/pdf/constituicao.pdf>. Acesso em 22 jun. 2013.

_____. **Departamento de Saúde Mental** (Ministério da Saúde). Disponível em: <http://www.misau.gov.mz/index.php/unidadesorganicas/dnsp/departamento-de-saude-mental>. Acesso em 23 maio 2013.

_____. **Lei nº 10/2004: aprova a Lei da Família e revoga o Livro IV do Código Civil**. Disponível em: <http://www.portaldogoverno.gov.mz/Legisla/legisSectores/adminCivil/lei%20da%20familia.pdf>. Acesso em 01 jul. 2013.

_____. **Plano Nacional de Acção para Prevenção e Combate à Violência contra a Mulher (2008-2012)**. Disponível em: <http://www.hsph.harvard.edu/population/domesticviolence/mozambique.violence.08.pdf>. Acesso em 01 jul. 2013.

_____. **Resenha histórica do país desde o período colonial até ao período pós – independência.** Disponível em: www.portaldogoverno.gov.mz/Mozambique/resHistorico. Acesso em 02 jun. 2013.

OSÓRIO, Conceição. **Acesso e exercício do poder político pelas mulheres.** Disponível em: http://www.wlsa.org.mz/?__target__=tex_eleicoes2007. Acesso em 23 jun. 2013.

Porto Novo: Mulher doente mental vira perigo para a população. **Jornal ASemana Online**, Praia, 20 out. 2010. Disponível em: http://www.asemana.publ.cv/spip.php?article57277#ancre_comm. Acesso em 18 jun. 2013.

SANTOS, Carlos Alves Gomes dos. Novas respostas para as velhas questões familiares. In: 7º CONGRESSO IBÉRICO DE ESTUDOS AFRICANOS, 2010, Lisboa. **Anais**. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/2239>. Acesso em 20 maio 2013.

UNESCO. **Iniciam acções para preservação da timbila.** Disponível em: www.cnum-unesco.org.mz/index.php?option=com_content&view=article&id=52:-iniciam-accoes-para-preservacao-da-timbila&catid=1:latest-news&Itemid=50. Acesso em 02 jul. 2013.

UNICEF. **Avaliação dos Gabinetes Modelo de Atendimento Mulher e Criança 2010.** Disponível em: www.unicef.org/mozambique/Gabinetes_de_Atendimento_-_Avaliacao_2010.pdf. Acesso em 30 jun. 2013.

VARELA, Bartolomeu L. O sistema eleitoral cabo-verdiano e o papel da comunicação social no âmbito das eleições. In: SEMINÁRIO DE FORMAÇÃO DE JORNALISTAS, 2011, Praia. **Texto de apoio.** Disponível em: www.academia.edu/769540/O_Sistema_Eleitoral_Cabo-verdiano_e_o_papel_da_Comunicacao_Social_no_ambito_das_Eleicoes. Acesso em 16 maio 2013.

ANEXO

ENTREVISTA COM DINA SALÚSTIO

Concedida a Genivaldo Rodrigues Sobrinho, em 19 de dezembro de 2009, na residência da escritora, na Praia, Cabo Verde.

Elaboração do roteiro: Juliana Primi Braga.

Transcrição: Genivaldo Rodrigues Sobrinho.

G.R.S.: Quem é Júlia a quem o romance **A Louca de Serrano** é dedicado?

D.S.: Olha, Júlia é... foi uma mulher louca... quer dizer, Júlia é assim, acompanhou um bocado da minha infância durante uns 3 anos, meus primeiros 3 anos. Quando eu nasci, a filha tinha morrido uns 15 dias antes, então ela convenceu-se de que eu era a filha dela. Então roubava-me. Como eu era gêmea com outro rapaz, eu tinha uma ama, tinha uma ama só para mim. E essa mulher que era louca, acho que ela já era louca antes de perder a filha e ela convenceu-se de que eu era a Anita. A Anita era a filha dela. E carregava-me, roubava-me, depois voltava comigo, levava-me ao cemitério, quer dizer, ela fazia-me, fazia-me não, fazia à minha mãe a vida negra. Mas eu gostava muito dela, quer dizer, depois foi uma figura... Depois eu fui para São Vicente, que é outra ilha, e eu via ainda que algumas vezes que ela ia a São Vicente, eu via ela algumas vezes, daí que eu tenho dela uma mulher alta, forte, mas eu não sei se é isso, com dentes bonitos. E daí que eu tenho que dentes bonitos são os dentes de Júlia. É só isso que eu lembro-me dela... com muito carinho.

G.R.S.: E está aí uma bela imagem que você guardou dela: o sorriso.

D.S.: Exatamente. Enquanto a minha mãe estava sempre, estava aflita. Eu era muito pequeninha, eu não tinha noção. Portanto, eu nunca tive medo dela.

G.R.S.: Que bacana! A outra pergunta diz respeito ao significado da porta...

D.S.: Da porta da parteira, não é? A parteira tinha uma porta...

G.R.S.: Isso. Seria a passagem da vida de criança para a vida adulta em relação ao sexo?

D.S.: Não eu acho que não. Eu acho que para mim aquela porta era mesmo uma pessoa nascer. Sabe como é... que significava mesmo uma pessoa nascer, que significava mesmo a entrada no mundo em que nós estamos, que muitas vezes é, como é que eu posso dizer... é muito, é muito... é quase intransponível, é muito estreito, é intransponível, mata, porque aquela porta matou uma parteira, não sei se você se lembra... matou uma parteira... Mas outras vezes ela se abre, escancara-se, portanto é o sol, é a luz, é vida. Eu tenho assim... eu tinha essa imagem quando escrevi o livro...

G.R.S.: Ao mesmo tempo que ela restringe, ela é uma forma também de descobrir... descobertas

D.S.: E de entrar mesmo no mundo. Viver! É por aí.

G.R.S.: Ainda sobre a porta, a porta tem 3 metros e 99 centímetros de altura por 71 centímetros de largura. Há aí um significado especial? Por quê?

D.S.: Eu quis mesmo pôr essas dimensões. Para já dar uma ideia de que era uma porta diferente, não é? Acho que o escritor quando, quando idealiza uma imagem... para chamar a atenção, dá determinadas características. Porque quando eu pus 70 cm porque é a largura mínima de uma porta, que eu saiba. Pode ser mais estreitinha, mas é que nós somos muito mais... muito mais altura do que largura... quer dizer, para mim, eu acho que o mundo tem que ir para a altura, para outros caminhos, para outras aventuras. E a largura, quanto à largura é o [espaço] que está no chão, em que a gente não precisa muito para estar no chão, a gente precisa muito de voar, mas pouco para estar no chão.

G.R.S.: Há alguma coisa relacionada também com as ilhas?

D.S.: Não pensei que fosse. Pensei que nós precisamos de muita altura, com muito ar, com muito espaço, muito espaço para cima, porque para baixo é só aqui que a gente tem. É isso.

G.R.S.: Então, agradecemos mais uma vez. Acredito que a Ju vá ficar contente em receber as imagens e as respostas também.

D.S.: Ah! Eu não acredito muito que as minhas respostas vão ajudá-la, mas foi um prazer falar com você para estar a tentar entrar em comunhão com a Juliana.